

UNIVERSITY
OF
TORONTO
LIBRARY

COLLECÇÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

T o m o II.

LI 01
G 635 c. 2

CANTOS.

COLLECÇÃO DE POESIAS

DE

ANTONIO
A. GONÇALVES DIAS.

QUINTA EDIÇÃO.

TOMO SEGUNDO.



119450
31/10/11

LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.
—
1877.

1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

INDICE.

NOVOS CANTOS.

(Continuação.)

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

	Pag.
Loa da Princeza Sancta	1
Gulnare e Mustaphá	18
Solão do Senhor Rey Dom João	47
Solão de Gonçalo Hermiguez	58

ULTIMOS CANTOS.

Dedicatória ao meo amigo A. T. de Carvalho Leal	79
---	----

POESIAS AMERICANAS.

I. O Gigante de pedra	83
II. Leito de folhas verdes.	88
III. Y-juca-pyrama	95
IV. Marabá	100
V. Canção do Tamoyo	107
VI. A Mangueira	110
VII. A Mãe d'agua	111

POESIAS DIVERSAS.

Nenia á morte sentidissima do Serenissimo Principe Imperial, o Senhor	
D. Pedro	119
Olhos verdes	123
Cumprimento de um voto	125
Lyra quebrada	128
A Pastora	129
A Infancia	132
Urge o tempo	136
Sobre o tumulo de um menino	137
Menina e moça	137
Como eu te amo	138
As duas cordas	141
Harpejos	144

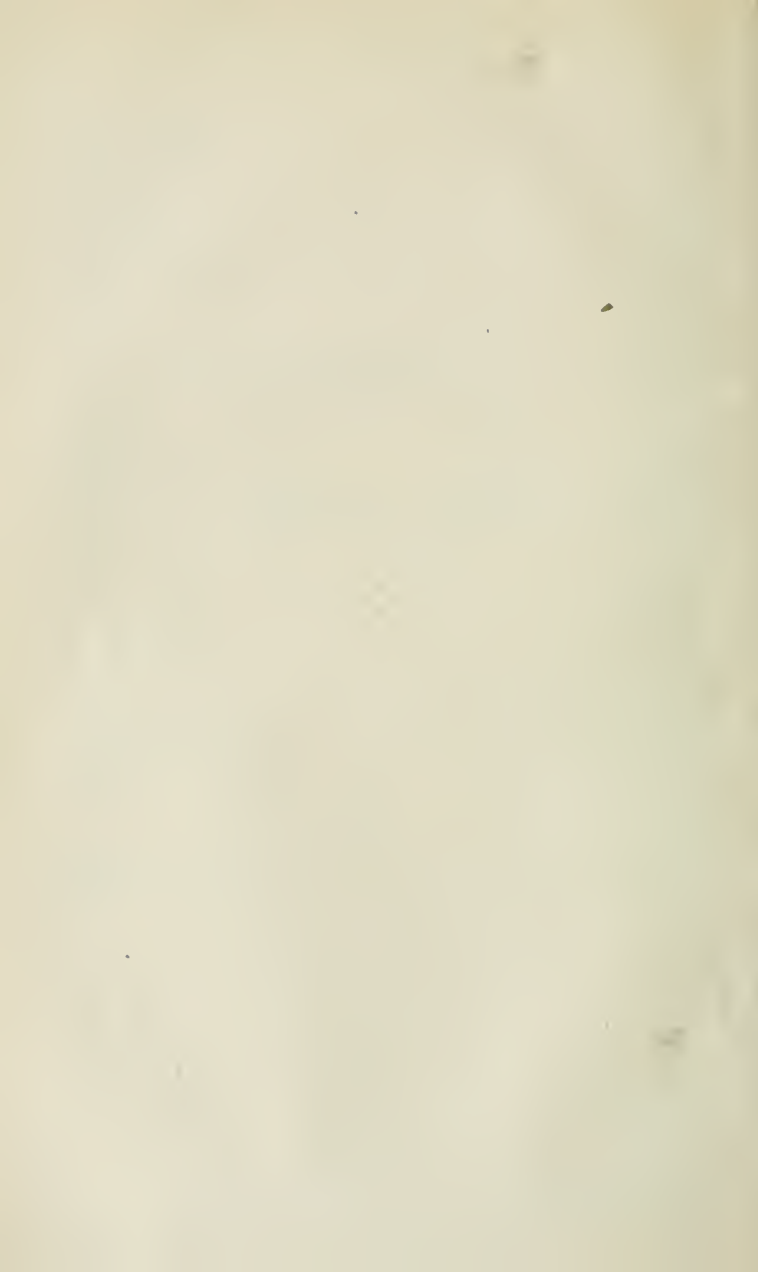
	Página
Triste do Trovador	146
Velhice e mocidade	147
As flores	152
O que mais doe na vida	155
Flôr de belleza	157
O Anjo da harmonia	159
A Historia	160
A concha e a virgem	161
Sei amar	162
Amanhã	163
Por um ai	164
Protesto — (Imitação de uma poesia javaneza)	166
Fadario	168
O assassino	170
A uns annos	172
Quando nas horas	173
Retração	177
Anhelo	180
Que me podes	181
O Ciúme	181
A Nuvem doirada	184
Sonho de virgem	185
Meo anjo, escuta	189
Os beijos	190
Desesperança	192
Se queres que eu sonhe	194
O Baile	196
Desalento	198
A queda de Satanaz	201
Canção de Bug-Jargal	203
Agar no deserto	205

HYMNO.

O meo Sepulchro	215
Sandades. A minha Irmã	221
Notas	229

NOVOS CANTOS.

CONTINUAÇÃO.



SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître,
J'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai rac-
courci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux les
lumières de notre âge; j'ai fait mon cœur plus
simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi
catholique; je me suis appris le parler enfantin
du vieux temps: et j'ai écrit!...

STELLO.

LOA DA PRINCEZA SANCTA.

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rey huma batalha,
Deos lhe acudia do céu:
Quantas terras que ganhava,
Dava ao Senhor que lhas deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
Torneyo não se fazia;
He esse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia:
Para os armar cavalleiros
A armada se aperebia.

Chamava el-rey seos vassallos
 E em côrtes logo os reunia:
 Vinha o povo attencioso,
 Vinha muita cleregia,
 Vinha a nobreza do reyno,
 Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
 Começava a discursar:
 «Os Iffantes já são homens,
 Vou-me ás terras d'alem-mar
 Armal-os hy cavalleiros;
 Deos Senhor m'ha de ajudar.»

Não concluia o pujante
 Rey — de assi lhes propor
 Clamavão todos em grita
 Com vozes de muito ardor:
 «Seremos nessa folgança,
 Honra de nosso Senhor!»

E logo todos em sembra,
 Todos gente mui de bem,
 Na armada se agazalhavão,
 Sem se pezar de ninguem;
 E os Padres de Sam Domingos
 Hião com elles tambem.

Hião, si, os bentos Padres:
 E que assi fosse, he rezão,
 Que o sancto em guerras d'Igreja
 Foy hum bom sancto christão:
 Queimou a muitos hereges
 No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
 Toda a frota pera cá,
 Primeiro se perguntava,
 «Que terras temos por lá?»
 Quem em Deos tanto confia,
 Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
 Como coisa natural!
 «Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
 «Conquistas de Portugal!»
 E todos, a voz em grita,
 Clamavão: real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
 Quando o reyno era christão;
 Os moços davão-se á guerra,
 As moças á devação:
 Aquella terra de mouros
 Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias.
 E tanto pera louvar.
 Que os Padres de Sam Domingos
 Ja não sabião rezar;
 Todo-lo tempo era pouco
 Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas.
 Nem recontro se perdeo!
 Aquelles Padres coitados
 Não tinham tempo de seo;
 Levavão todo cantando
 Louvores ao pay do céu.

Louvores ao pay do céu.
 Que eu inda possa trovar,
 Quando não vejo nos mares
 Nossas quinas tremolar;
 Mas somente o templo mudo.
 Sem guarnimento o altar!

Vejo os sinos apeados
 Dos campanarios subtiz,
 E a prata das sacristias,
 Servida em misteres vis,
 E ante os leões de Castella
 Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
 Diga que sou Portuguez:
 Arço de ver nossas coizas
 Hirem todas ao revez,
 Arço de ver nossa gente
 Andar connosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
 He vida de muita dura!
 Vivo esquecido dos vivos
 Na terra da desventura;
 Vivo escrevendo e penando
 N'um canto de cella escura.

Do meo velho breviario
 Só deixarei a leitura
 Pera escrever estes carmes,
 Remedio á nossa amargura;
 O corpo tenho alquebrado,
 Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
 Que armada he essa qu'hy vem?
 Vem subindo Tejo acima,
 Que fermosura que tem!
 Nas praias se apinha o povo,
 E as cobre todas porém.

Dão signays as fortalezas,
 Respondem signays de lá:
 Vem el-rey victorioso!
 Quem de gaudio se terá?
 O mar he todo bonança,
 O céo mui sereno está!

Ôco bronze famo e fogo
 Já começa a despejar;
 Acordão alegres echos
 Os sinos a repicar;
 Grita e folgança na terra,
 Celeuma e grita no mar!

Vinde embora mui depressa
 Senhores da capital!
 Vinde ver Affonso quinto,
 Rey, senhor de Portugal;
 Vem das terras africanas
 Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
 Fragueiros de condição;
 Dormião quasi vestidos,
 Espada nua na mão;
 Nem repoisavão de noite
 Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião
 Sem primeiro commungar,
 Sem fazer voto á algum sancto
 De tenção particular;
 Porém victorias houverão,
 Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
 Da protecção divinal,
 Conhecerão os poderes
 Da benção celestial,
 Se contarem os mosteyros
 Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
 Nossos mosteyros custosos,
 São obras sanctas de Sanctos,
 Obras de reys mui piedosos;
 São brados de pedra viva,
 Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
 Dos templos edificados;
 Dizem que foram mal gastos
 Os bens com elles gastados:
 Eu creio (Deos me perdôe)
 Que são incréos disfarçados!

E mais prasmão dos feitios
 De pedra, que Memphis tem,
 Sem ter olhos pera Mafra.
 Pera Batalha ou Belem!
 Oh! se a estes conheceras,
 Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
 Ainda se me afigura
 Ver elevar-se nas sombras
 Tua válida estatura,
 E ouvir a voz que intimava
 Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
 Era ser fraco, e não mais!
 Tu, meo Sancto, que fizeras,
 Se ouviras a estes tais,
 Que nos assação motejos
 A's nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas
 Relevai-me esta tardança;
 São achaques da velhice:
 Vivemos de lembrança
 E em longas fallas fazemos
 De tudo commemoramos.

Já el-rey Affonso quinto
 Nas suas terras pojou:
 Alegre o povo o recebe,
 Alegre el-rey se mostrou:
 Abrio-se em alas vistosas.
 El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
 Nos atabales guerreiros,
 Tangem outros istromentos
 Desses climas forasteiros,
 E traz elles vêm marchando.
 Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
 De bigodes retoreidos,
 Caminhão a passos lentos,
 Com sembrantes de atrevidos.
 Causa medo vê-os tantos.
 Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
 Homens de má condição,
 Que vivem na lei nojenta
 Do seo nojento alkorão,
 Que — vinho? nem querem vê-lo.
 Só por que o bebe um christão!

Vêm as moiras depois delles,
 Rostos cobertos com véos;
 Bem que filhas d'Agarenos.
 São tambem filhas de Deos;
 Se forão christans ou freiras,
 Serião anjos dos céos.

Luzião os olhos dellas,
 Como pedras muito finas;
 Devião ser finas bruxas,
 Inda qu'erão bem meninas,
 Que estas moiras da mourama
 Nascem já bruxas cadimas.

Huma dellas que lá vinha
 Olhou-me á travez do véo!..
 Foy aquillo obra do demo,
 Quasi, quasi me rendeo!
 Pensei nella muitas vezes,
 Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
 E o pesinho delicado...
 Como póde pensar nisto
 Hum pobre frade caçado,
 Hum padre da Observancia,
 Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
 Não cabe neste papel;
 Vinhão muitas alimarias,
 Como achadas a granel;
 Vinha o iffante brioso,
 Montado ao seo corsel.

Vinhão pagens e varletes,
 Vinhão muitas alimarias,
 Vinhão do sol abrazados
 Nossos robustos guerreiros;
 Vinha muita e boa gente,
 Muitos e bons cavalleiros!

A Princesa Dona Joanna
 Sahio dos Paços reais;
 Era moça, e muito airosa,
 E dona de partes tais.
 Que todos lhe qu'rião muito,
 Estranhos e naturais!

Foy requerida de muitos
 E muito grandes senhores,
 Por fama que della tinhão,
 E por copia de pintores,
 Que muitos vinhão de fóra
 Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
 Ludovico, creio eu:
 Hum pobre frade mesquinho
 Só trata em coisas do céu;
 Sabe elle que muito sabe,
 Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França.
 O onzeno do nome seo,
 Que vendo hum retrato destes
 Pera si logo entendeo,
 Qu'era prodigio na terra
 Quem tanto tinha do céu.

E logo sem mais tardança
 Cahio, giolhos no chão,
 No feltro traz arrelíquias,
 Assi uza hum rey cristão;
 O seo feltro poz diante,
 E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza.
 Sahio dos Paços reais
 Nos pulsos ricas pulseiras,
 Na fronte finos ramais;
 De longe seguem-lhe a trilha
 Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso
 Sobo las suas espaldas,
 E as largas roupas na cinta
 Prendia em muitas laçadas:
 Seos olhos valião tanto
 Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
 E meneyo concertado,
 Solto o cabello em madeixas,
 Pelas costas debruçado:
 Cadeixo de fios d'oiro,
 Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona.
 Vinha muito pera ver:
 O povo em si não cabia.
 Quando a via, de prazer:
 Era ella sancta ás occultas
 E anjo n'ò parecer!

Debaixo das telas finas
 E dos brocados luzidos,
 Trazia á raiz das carnes
 Duros cilícios cozidos
 E humas crinas muito agras,
 Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
 No oratorio a rezar,
 Dormia despois na pedra
 Sem ninguem o suspeitar!
 Extremos tais em princeza
 Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
 Ordenava ao seo Vedor,
 Trazer-lhe doze mulheres;
 E depois, com muita dôr,
 Chorando os pés lhes lavava,
 Houra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
 Não perdia a occasião,
 Despedia a todas juntas
 Com sua esmola na mão:
 Dizia que era humildade,
 E obra de devação.

E as mendigas prasmadas
 Sabião de tal saber,
 E perguntavão, quem era
 Aquella sancta mulher?!
 Máos peccados que ella tinha
 Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foy quem
 Isto despois revelou,
 Quando aquella humanidade
 Em o Senhor descansou,
 Dona Joanna era já morta,
 Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
 Que guardava em coisas tais,
 Sabião algo os estranhos
 Por muitos certos signais.
 Que o ar he todo perfume,
 Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
 Que me faz scismar a mi,
 Que as donas d'hoje pareção
 Huns camafêos d'altim,
 Não donas de carne e osso;
 As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
 (He lhes o demo caudel)
 Praguejão a meza escaça
 E as arestas do burel;
 Querem mimos e regalos.
 E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

«Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rey se agiolha,
Disse-lhe el-rey: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
Não a meos pés, mas aqui!»

«Sois hum bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza:
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza.»

Ficarão logo suspensos
Todos os que erão aly,
Ficarão como enleitados,
Enleio tal nunca vi!
Eis que a Princeza medrosa
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondera;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deos lhe dera.
Que lhe havia defender?
Sorrio-se, o bom rey quizerá
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces:
«De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os inimigos,
Tornavão, a Deos fazendo
Sacrificios mui subidos.

«Vião as coisas melhores
Que dos seos reynos havião,
E logo lh'as offertavão;
E mercês tambem fazião,
No dia do seo triumpho
A los que justas pedião.

«Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

«Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fe.
Deve a offerta ser tamanha
Quammanha foy a mercê.
Não do nobre rey pujante,
Mas do sancto rey qual he.

«A offerta que vos fizerdes,
Será mercê paternal:
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

«Ao Deos que vence as battalhas
Dai-lhe a filha muito amada;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada:
Será a offerta bem quista
E do Senhor accitada.

«E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada.»

Que sancta que era a Princeza,
 Que extremos de devação!
 Nos sembrantes dos presentes
 Vio-se, e não era razão,
 Que a nenhum delles prazia
 Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
 El-rey, por que muito a amava:
 Aquelle dizer da filha
 Todo o prazer lhe agnava,
 Aquelle pedir sem dó
 Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
 O pobre velho caçado,
 Chorou o triumpho breve
 E o prazer mal rematado,
 Não como rey valeroso,
 Mas como pay anojado.

El-rey depois mais tranquillo
 Rompeo o silencio alfi';
 E entre afflicto e satisfeito
 Disse á filha: Seja assi!..
 Velhos guerreiros vi eu
 Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
 Não sei que tempo gastei,
 Nem sei de mim que fizeram,
 Nem tam pouco se chorei;
 Foi traça da providencia:
 Nisto commigo assentei.

Foy Jephthé corajoso,
 O forte rey de Judá;
 Volta coberto de loiros,
 Quem primeiro encontrará?
 Sente a filha, torce o rosto..
 Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
 Soube a Deos mais agradar?
 Vai a Hebreia contrangida
 Depor o collo no altar,
 Vai a christã jubilosa!
 São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia formoso,
 Era no mez de Janeiro,
 Houve huma scena vistosa
 Dentro de hum pobre mosteyro;
 Fundou-o Brites Leytoa,
 Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
 Sobrinha d'altos Iffantes,
 Filha de reys soberanos,
 Senhora das mais pujantes,
 Era a primeira figura,
 Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada,
 Pesar de todos os seos,
 Gíolhos sobre o ladrilho
 E as mãos erguidas aos céos,
 Ouvi — exigua mortalha
 Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
 Louvores ao Senhor Deos:
 Os anjos digão seo nome,
 Rostos cobertos com véos;
 Leião-n'o os homens escripto
 No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
 Quando o reyno era christão,
 Quando nas guerras mouriscas
 Era o rey nosso pendão,
 Quando as donas consumião
 Seos teres em devação.

«Isto escreveo Frei Antão
 De vida mui alongada,
 Nossa Senhora da Escada
 O teve por Capellão.»

GULNARE E MUSTAPHA'.

Deos Senhor foy quem nos céos
 Pendurou milhões de estrellas,
 Foy quem matizou a terra
 De froles varias e bellas,
 Quem ao mar por ser pujante
 Arcias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
 Das sementes germinassem,
 Que déssem froles mimosas,
 Que perfumes trescalassem,
 E mais fez que em tempo azado
 As froles fructificassem.

Pois aquelle aujo das trevas,
 Inigo da humanidade,
 Nas arvoles poz carcoma,
 Poz na frol muita ruindade,
 Poz nos céos a nuvem negra,
 Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
 Damna, e faz mal o tredo,
 A alma também por mil modos
 Tenta com geito e sabor,
 Que troca o prazer celeste
 Em penas d'eterna dôr!

Mas não foy jamais que Deos
 Em tal feito consentisse,
 Senão porque suas posses
 O homem bem claro visse;
 Que sem elle fôra o mundo
 Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
 Que não venha pera bem?
 Os d'aquí desta amargura
 Dão coyta, e gloria porêm;
 Dos outros que traz o demo
 Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
 Acontecido, al não sei,
 Senão que por amor delle
 Muito má vida levei,
 Que me dá coyta mui grave
 Do mal que me comortei.

Como já fiz penitencia,
 Ora farei confissão;
 Tal será, qual foy o escand'lo
 De que fui occasião:
 Não me tomem por modelo,
 Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
 Mas pera honra dos céos,
 Que eu direi publicamente
 Os feios peccados meos;
 Toda a vergonha foy minha,
 Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
 Celeste, e mais na d'aqui:
 Dá batalha o cabo experto,
 Desses muitos que ha per hy;
 Toda a preza aos seos concede.
 Só lóa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
 Já vive dentro d'Aveiro;
 Comsigo trouxe os escravos,
 Que lhe trouxe o rey frageiro;
 O que ás terras africanas
 Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
 Netos d'Agar, inda mal!
 Traçando vastas roupagens
 A' maneira oriental;
 Larga fxa na cintura,
 Na fxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
 Polas ruas passear,
 Passo á passo — graves, mudos,
 Com doairos d'espantar,
 Profundas rugas na fronte,
 Rugas de mão meditar.

Levar traz si tanta gente
 Nunca a ninguem vi assi;
 Nem folias, nem cantares
 Vi com tal cauda apoz si,
 Bôdo, nem festa d'orago,
 Bufão, e nem bloati'.

Mas quem vio acaso as turbas
 Correrem traz algum bem?
 Vão todas apoz engodos,
 Apoz maldades tambem;
 Mas seguir a Deos por gosto
 Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descridos
 Vierão tambem aquellas
 Moiras, filhas da Mourama,
 Donas, creio, muito bellas;
 No trato e no galanteio
 Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
 Aquella moira fatal,
 Que nas ruas de Lisboa
 Vi no cortejo real:
 Cortejo del-rey Affonso
 Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
 Nulla rem lhe estava mal;
 Dizião que tudo nella
 Tinha graça natural,
 Era coisa preciosa,
 Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
 Aquella pomba sem fel
 Passava noites inteiras
 Tangendo n'hum arrabel,
 Coando vivas saudades
 Dos labios, em leite e mel.

E' alta noite, nas trevas
 Ouvindo na solidão
 Aquelle triste instrumento,
 Al não disseras, senão
 Que o mesmo demo voltado
 Era n'aquella feição.

Zagales porêm da serra
 Mil vezes, no fim do dia,
 Polos montes não buscava
 A sua ovelha erradia;
 Mas no bordão apoiado,
 De si mesmo se esquecia.

Cuant'eu vendido e prasmado
 De todos e mais de mi,
 Mil vezes fugi da cella,
 Té das matinas fugi.
 Mil vezes, durante a noite,
 Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes! . . e não sei como
 Isto foy, que o não sentia,
 Quando mal me precatava,
 Dava commigo que ouvia
 Dilatar-se polos valles
 Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
 Bons sonhos que então sonhei,
 Boas venturas que tive,
 Bons scismares que scismeí!
 Esqueci-me de ser frade!
 Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
 Do juramento que dei,
 Do encargo que me tomára,
 E das vestes que eu tomei,
 Chorava; e não sei bem como
 Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas,
 Cheio d'extranha afoiteza,
 Palavras dadas ao vento
 Com muito feia crimeza,
 Contra mi e contra todos,
 Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
 Polas voltas dos caminhos
 Rojei nas sarças mordentes
 E nos cardos montesinhos,
 Rasgando os brancos vestidos
 N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
 Todo eu não fiquei aly,
 Como eu que por tantas vezes
 Rosto nas rochas feri.
 Não perdi o ser de todo,
 Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:
 «Cegueira, Senhor, me dás!
 Cinge-me os rins larga zona
 De ferro, e bem me não traz;
 Trago cilícios mordentes,
 Usando burel mordaz.

«Abro e vejo o sancto,
 E vejo que não sei ler!
 Aquelles sanctos dictames
 Já n'os não sei compr'hender;
 Enojo occupa minha alma,
 Hei pavor de me perder!»

Donde pois me vinha a mi
 No proprio bem ver o mal?
 Conheci no meo exemplo,
 Que m'era do ser fatal:
 Senhor, teo sancto remedio
 He triaga cordial.

Bem como o ferro na fragoa,
 No soffrer a alma se apura,
 Assi que disse eu commigo
 Que a triaga tambem cura,
 Quanto mais amarga e punge,
 Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
 Lavrando foy pouco e pouco;
 Robia coyta d'amores
 Miôlo cavado e ôco,
 Já era o mal dentro d'alma,
 E eu delle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres:
 «Que he feito de Frei Antão?
 Negra dôr o tem por certo,
 Negra dôr de coração:
 O demo o fez, porque visse
 Turbada tal perfeição.

«Parece já de esquecido
 Que nem de si tem lembrança!
 A taboa se achega apenas,
 Não toma a sua pitança;
 Té nos officios divinos
 Perdeo a sua trigança.

«Sahe á noite muitas vezes,
 Diz o bom do Guardião:
 Sahir á noite, á deshoras.
 Certo não he devação:
 Que faz de noite nas ruas
 Hum padre, ou frade ou christão?»

Com tudo alguns dos mais velhos
 Dizião: «Que ha hy de mal?
 O quer que he que o perturba,
 Coisa não he natural:
 Deve ser condão divino
 Ou graça celestial!

«Pois hum sancto como aquelle!
 Quem he que o ha de tentar?»
 Eis senão quando começa
 Voz, não sei donde, a zoar
 Que Frei Antão já não sabe
 No seo rosairo rezar!

E o caso foy que hum noviço
 Tirou-mo só de matreiro,
 Tendo-o fechado comsigo
 Por novena ou mez inteiro.
 E eu d'outro me não provêra,
 Sendo que tinha dinheiro!

Todoos meos defensores
 Voltarão-se contra mi;
 Dizião que era mal feito
 Hum sancto mentir assi:
 Seja-me Deos testemunha,
 Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communnidade
 Propoz-me o Provincial:
 «Dizei *peccari*, meo Padre,
 Que voz haveades tão mal,
 Que não rezades as rosas
 Da virgem celestial!»

Ouvido que foy por mi
 Tão solemne mandamento,
 Á mi que primara sempre
 Adentro do meo convento,
 Não sei que pejo maldicto
 Acorreo-me ao pensamento.

Não era feio o peccado,
 Mas confessal-o; e assi
 Fiquei de pavor tranzido.
 Mal que tal preceito ouvi:
 Homem não era de carne,
 Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
 Nada não soube dizer;
 Nem confessar meo peccado,
 Nem ao menos responder:
 Ficarão como suspensos
 Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
 Rompe o silencio, e «Azinha
 Trazei, disse elle. o hyssope,
 Mais a benta caldeirinha;
 Ver demo em corpo de frade
 Coisa não he comezinha!»

Corre afanado o Sacrista
 Pera a sua sacristia,
 Traz prestes a caldeirinha
 Banhada inteira na pia;
 Rezava mil rezas suas,
 Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
 Recebe o Provincial
 O hyssope todo molhado,
 Dizendo sacerdotal:
 «Fugide, partes adversas,
 Demonio, espirito do mal.

«E mais deixa a criatura
 Por amor de quem Jezus
 Soffreo martyro affrontoso,
 E morte vil n'huma cruz;
 Em nome do Padre e Filho
 E Esprito, que sempre luz!»

Ouvido aquelle exorcismo,
 Cego de toda a razão,
 Larguei-me do refeitório,
 Fugindo como hum ladrão:
 Clamárão todos em grita:
 «Chantou-se nelle o Legião!»

Enfiei os claustros todos,
 Passei pola portaria,
 Achei-me em logar, de noite,
 Que eu mesmo não conhecia:
 Os sons do arrabel mourisco
 Somente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
 Discursavão entre si.
 Dizião dos esconjuros
 Que mal cabião em mi.
 Que era grande sacrilegio
 Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
 Que ao inferno se vendia,
 Era o christão que adorava
 As filhas da idolatria.
 Que dentro em si tinha o Demo.
 E o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocára
 O amor de seo Senhor
 Por amor d'huma Donzella,
 Filha d'aquelle impostor,
 Mafoma, falso propheta,
 Mafoma. judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
 Mandou ao nosso Convento:
 Qu'eu prestes vá ter com ella
 Manda por seo mandamento;
 Não quer demora. nem falta,
 Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
 Não m'o diz a mensageira;
 Não sabe coisa de certo,
 Não dirá coisa certa:ira:
 O habito á pressa enfiô,
 Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade,
 Veio a Princeza real:
 «Meo Padre, disse-me entonces,
 He fóra do natural
 Qu'eu tenha escravos, e mouros,
 Rainha de Portugal.

«Ide vós porêr chamal-os
 Pera o rebanho christão;
 Cazade-os vós muito embora,
 Que bem dahy haverão:
 Eu lhes darei corpo livre,
 Deos Senhor a salvação.»

Siquer huma só palavra
 Não tive n'aquelle ensejo,
 Sustou-m'a já na garganta
 Não sei que mesquinho pejo;
 Por confessar meo peccado
 Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
 Vergonha que todos têm;
 Ultimo fructo colhido
 N'aquelles jardins do Eden;
 O Demo o tocou primeiro:
 Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago
 O verde limo acamado,
 Assi deitado e mimoso
 Brilha lustre avelludado;
 Tal é aquella vergonha.
 Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
 Do limo que he tão viçoso,
 E vereis como se prendem
 No fundo impuro e lodoso:
 Aly com ellas se abraça
 O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
 Vivem, cruzando laçadas,
 Muitos sapos bufadores,
 Muitas rãs esverdinhas;
 Humas coizas de má sina,
 Outras coizas mal fadadas.

He força fallar a moira!
 Disse commigo, e assi
 Andava curtas passadas
 Por não chegar; ai de mi!
 Tem termo toda a jornada,
 Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros mouros,
 Tão feros, não se me dava;
 Mas de suor de maleitas
 O corpo se me banhava,
 Quando d'aquella menina
 Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
 Foy o sancto Daniel,
 Fui eu no covil lançado
 D'aquella gente infiel;
 Era elle experto em tais lutas,
 Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
 Leixando a mais gente vil,
 Ardia doce perfume
 Em transparente viril;
 Sobre um bofete lavrado
 Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
 Que hum reposteiro cobria,
 E hum pano de seda verde
 Sobre a estreita gelosia,
 E mais hum denso tapete,
 Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
 Vestes de branco setim
 Entreteladas parece
 De coiza de bocachim,
 E humas largas pantalonas,
 Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
 De seda azul anilado,
 Com longas mangas perdidas,
 De carmim todo ferrado,
 Como se fôra hum alfange
 Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
 A negra coma apertava;
 Que doces anneis brincados
 A negra coma formava,
 Quando por vezes no collo
 De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
 Hum pesinho delicado
 Sahia nusinho e bello,
 Mimoso e branco e nevado;
 Em chapins dos mais pequenos
 Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
 Trazia a moira hum anel:
 Meio deitada, á desleixo,
 Tangia no arrabel;
 Tangia-o com tanta graça,
 Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
 Era de lingoa algemia;
 Era qual trinar das aves
 As notas em que gemia
 Sandades de longes terras
 Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,
 Nunca lhe vi sua igual!
 Coiza assim tam primorosa
 E tanto celestial,
 Ou era filha dos anjos,
 Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
 E o demo em sua cegueira,
 Fazem quasi as mesmas coizas
 Mas por diversa maneira;
 O demo como quem he,
 Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
 Entre afflicções dolorosas,
 Qual frol de rosa entre espinhos;
 Em ledices enganosas
 Pôz o demo o seo peccado,
 Qual feia serpe entre rosas,

Quanto o sol mais se abaixava,
 Tanto mais alto gemia
 Aquella moira mimosa.
 Que as suas magoas carpia:
 He hora que espalha enlevos
 A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,
 Louvor a nosso Senhor!
 Ultimo vôo desprega
 E hum doce grito de amor;
 Nas pennas esconde o bico,
 Nem teme o visgo tedor.

As froles do sol viuas
 Definhão, só de tristura:
 O mar soluçando geme,
 Mais alto a fonte murmura,
 Reina o silencio que falla,
 Bafeja a doce frescura.

«Vistes vós meo bem amado,
 (Dizia a filha d'Allah)
 «Vistes vós meo bem amado,
 «O meo senhor Mustaphá?
 «Se o vistes, dizei-me onde!
 «Por alma vossa, onde está?

«A noite o deixou fechado
 «Portas a dentro do harem:
 «Sorvia aquelles perfumes,
 «Que lá d'Arabia nos vem;
 «Trajava os reais vestidos,
 «Que lhe cabião tão bem.

«Já erá sobre-manhã
 «Quando de mi se apartou;
 «Seo negro corssel d'Arabia
 «D'um pulo só cavalgou,
 «E o sol que vinha raiando
 «Lá na montanha o topou.

«Vio daly seos bons guerreiros,
 «Em alas promptos estão;
 «De fronte mal enxergava
 «O troço do rey christão;
 «Disse o crente musulmano:
 «Allah m'os trouxe, meos são!

«Allah! lhes grita o guerreiro:
 «Respondem-lhe os seus: Allah!
 «Gritão Christãos: Sam Tiago!
 «E o meo senhor Mustaphá
 «Desceio então da montanha
 «Que nunca mais subirá.

«Desceio elle da montanha
 «Qual rocha descommunal,
 «D'agudo cimo tombando,
 «Arrazando o pinheiral:
 «Mas a rocha em fundo valle
 «Faz-se pedaços, em mal!

„Desceio elle ao fundo valle
 „Como o tufão queimador;
 „Polos christãos inimigos
 „Cortou sem pena e sem dór:
 „Raio d'esforço na guerra
 „Foy Mustaphá, meo Senhor!

„Mas o vento do deserto
 „Depois de médas formar
 „Das areias que agglomera,
 „Onde he que vai acabar?
 „Mafoma e Allah que mo digão,
 „Que eu não sei senão chorar!

„Allah quebrou teo orgulho,
 „Meo bom senhor Mustaphá!
 „Allah quebrou teo orgulho,
 „Mas quando se acabará
 „Vida que vives de escravo.
 „Vida que levas tam má?

„Doces Iluris do Propheta,
 „Lá do palacio de Allah,
 „Olhavão cá pera baixo
 „Só pera ver Mustapá!
 „Guerreiro não foi como elle.
 „Como elle ninguém será.

«De ser elle o meo amado,
 «Ai que já fui bem feliz!
 «De ser elle o meo amado
 «Tinhão-me inveja as huris:
 «Ora não ha quem m'inveja!
 «Foy Allah que assim o quiz.

«Ora não ha quem m'inveja!
 «Tenho no peito afflicção;
 «Escrava sou d'hum escravo,
 «Escravo d'hum vil christão!
 «Mesquinha, que ainda o amo;
 «Trago-o aqui no coração!»

Então pera junto della
 Cheguei-me sem ser sentido;
 Fallei-lhe em som cavernoso,
 Medonho e baixo no ouvido:
 ¿Por que assi amas o escravo?
 Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o espirito malvado
 Quem pera ally me arrastou,
 Quem nos meos castos ouvidos
 Palavras tais derramou,
 Quem aos pés da moça moira
 O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
 Pezava co'o pezo seo,
 Quando a moira espavorida
 Do vasto leito se ergueo:
 Vendo-me ally de gíolhos,
 Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
 Mas antes seos olhos vi;
 Aquelles olhos fermosos
 Lavar-me o rosto senti,
 Tocar-me no fundo d'alma,
 Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos!
 Ora bem se me afigura
 A lua rasgando as trevas
 Em meio de noite escura!
 Vi Diana, a caçadora,
 N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
 Hum grito franzino dá!
 De mi se parte voando,
 ¿Senhor Deos, o que será?
 Volto prestes a cabeça...
 Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço
 A moira os braços pendeo;
 Arfa-lhe o peito açodado;
 Pera traz roja o seo véo,
 Off'rece o rosto mimoso
 Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa
 Hera que hum robre vingou;
 Ligou-se estreita com elle,
 Do tope se debruçou,
 Folha metteo pelas folhas,
 Vida com vida cazou.

«Gulnare, disse-lhe o mouro,
 Gulnare, meo doce amor,
 Melhor que a rosa da Persia,
 Que arabio incenso melhor,
 Frol dos jardins do propheta,
 Que das mate a minha dôr!»

Responde a moira mimosa:
 «Dizes bem, meo Mustaphá:
 O fogo chegou-se ao incenso,
 O incenso effluvios dará;
 O sol scintilla na rosa,
 A rosa resurgirá.»

Abelha, tornou-lhe o mouro,
 Que susurras de agastada;
 Herva pue as folhas constringes,
 De estranho corpo tocada;
 Quem tocou na minha abelha,
 Quem na herva delicada?

Ella entonces de malquista
 Deo-lhe d'olhos pera mi;
 Sancto Jezus! em que apertos
 N'aquelle ensejo me vi,
 Prendera-me força occulta,
 Foy porêr que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
 Adaga no boldrié;
 Deixar a moiros com armas,
 Gente de baixa ralé,
 Em que escravos de Princeza,
 He certo extranha mereê!

A mão no punho da adaga,
 A passo, vem sobre mi;
 Trinca as pontas do bigode,
 Quais cerdas de javali;
 A barba toda se erriça,
 Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
 Jamais não vi seos iguais;
 Devião ser puro fogo,
 Senão faiscas fatais
 D'aquelle sol do deserto.
 Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,
 Luzindo em feia spelunca;
 Olhos, que o gyro de sangue
 Nas veias demora e trunca;
 Olhos cheios de carniça
 E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,
 „Que vieste aqui fazer?“
 Fiquei deslogo tremendo,
 Sem lhe poder responder:
 „Senhor, . . . em nome do ceo!
 Disse eu; que havia dizer?

„Em nome das tres pessoas
 „Da trindade, em huma só,
 „Eu vos rógo, senhor mouro,
 „Que siquer tenhades dó
 „Da alma vossa arriscada,
 „Já não do corpo, que he pó.“

N'aquelle ensejo apertado
 De sancto ardil me vali;
 Lembrou-mo o exemplo sagrado
 Da forte hebréa Judith!
 Ser isso influxo divino
 Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o mouro descrido:
 „E a mi que m'importa mais
 „Que viver entre valentes,
 „Em gozes celestiais,
 „Entre jardins prazenteiros,
 „Entre fagueiros rosais?

„Tu me fallas dos feos Deoses!
 „Ha outros sem ser Allah?
 „Allah, que o vôo dirige
 „Do bemfasejo Kathá!
 „Christão, dos teos falsos Deoses
 „Bem pouco a mi se me dá.

„Digo te eu, que elles não podem,
 „Mais que digas que são trinos,
 „Suster no ar do propheta
 „Os sanctos restos divinos,
 „Que a Meca chamão por anno
 „Milhares de peregrinos.“

Ouvindo aquellas blasfemias,
 Senti arrojo dos céos;
 Hia fallar, mas o mouro
 Tornou-me: „Só Deos he Deos,
 „E Maforma o seo Propheta,
 „Em que pêze isto aos increos!

„O que penso, sem resguardo
 „Dirt'o-hei, christão, alfim;
 „Não uza como vós outros,
 „Mahometano Muezzin,
 „Não vai á caza dos crentes,
 „Não leva tenção ruim.

„Não rója, não, de gíolhos
 „Aos pés de christã donzella;
 „Mas lá dentro da Mesquita
 „Vive sempre e sempre vela,
 „Ou do alto minarete
 „Á prece os crentes appella.

„Portas á dentro do templo,
 „Imagem da crença pura:
 „De alto do minarete,
 „A imagem d'Allah figura,
 „Bradando incessante e sempre
 „Aos homens, daquella altura.“

„He assi entre vós outros,“
 Tornei-lhe, „que entre nós não.
 „Queremos em cada caza
 „Hum templo de devação,
 „Em cada peito hum sacrario.
 „Hum padre em cada christão.“

Sobresteve mudo e quedo,
 E como que reflectia
 O moiro, que me parece
 A graça já presentia;
 A graça que o céu nos manda,
 Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
 Aquelle ensejo feliz,
 Que passado curto prazo,
 Severo o moiro me diz:
 „O que Deos faz he bem feito:
 „Mouro nasci, não me fiz!

„Deixemos pois tal assumpto,
 „Delle não quero tratar;
 „Ou antes dizei, bom Padre,
 „Qu'hides carreira tomar,
 „Adoptando novo ensino,
 „Novo modo de pregar.

„Andai por essas estradas
 „E dizei á vossa gente:
 „A vós que mal vos hão feito
 „Os homens lá do oriente,
 „Que vos livraráo dos godos,
 „E do servir inclemente?

„As vossas artes que tendes
 „Cujo as havedes? — de quem?
 „Donde vêm ás vossas terras
 „Campos de lavra que têm,
 „E as torres acastelladas,
 „E as mesquitas, donde vêm?

„Quem nos vossos negros montes
 „As alcáçovas plantou,
 „Como candido turbante,
 „Que na fronte se enrolou
 „De hum homem da côr da noite,
 „Que a Nubia ardente engendrou?

„Ou s'isto melhor te praz:
 „São obras de reys pujantes,
 „Tendas ricas e pomposas
 „No dorso dos elefantes;
 „Cr'oas de pedra lavrada
 „Na fronte d'altos gigantes.“

Estes mouros na verdade
 Qu'esprito e graça que têm?
 Quando vos dizem mentiras,
 Sabem dize-las tão bem,
 Que havemos de perdoar-lhes,
 E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
 No seo maldicto alkorão,
 Que era de ser o primeiro
 A soffrer condemnação
 N'aquelle saneto concilio,
 Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
 Hé só polos não ver mais;
 Fazião prompta justiça
 Destes e d'outros que tais:
 Ardião com seos authores
 Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,
 De que pró nos não seria?
 Vive tal livro entre gabos,
 Que ally no fogo arderia,
 Com pasmo de seos authores,
 Que os têm por coiza mui pia.

E d'outros que só por artes
 Fruem da voga que têm,
 Que não sei onde he seu preço,
 Nem donde apreço lhe vem,
 Senão por vias occultas,
 Que as não descobre ninguem!

Mas deixemos estas coisas,
 Que não são de boa avença!
 O livro que eu reprovara
 Por muito justa sentença
 Trouxera-me coyta grave,
 Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
 Bem qu'eu não saiba fallar,
 Senão com longos rodeios:
 (Vem-me o séstro de pregar)
 Quando me julgo no cabo.
 Mais longe estou de acabar.

„Mouro, n'aquella batalha,“
 Disse eu, “ouvidos me dá,
 „Quando o reyno teo perdeste,
 „Não chamaste por Allah?
 „Não te ouvio! — chama por Christo,
 „E Christo, Deos, te ouvirá.

„Vás as terras da Moirama,
 „Ou fiques em Portugal,
 „Senhor serás do teu corpo,
 „Vida terás natural:
 „Vê, se Gulnare formosa
 „O teu propheta não val!

„A moira que não foy feita
 „Pera servir a senhor,
 „Que de bella e de mimosa,
 „Parece que o mesmo amor
 „O corpo tem de quebrar-lhe,
 „E de apagar-lhe o candor.

„A moira doce nascida,
 „Doce creada perol
 „Que só sabe apavonar-se
 „Da manhã polo arrebol,
 „Não nos jardins destas partes,
 „Mas onde mais queima o sol.

„A moira bella e mimosa!
 „Avezinha pipitante,
 „Qu'ama ar puro, espaço livre,
 „E céu de cor deslumbrante,
 „Que o vôo fugaz desprega,
 „Quando o sol he mais brilhante!

„Ai! não guardes a avezinha
 „Dentro de estreita prisão,
 „Não mudes a frol mimosa,
 „Que bem está no seu torrão:
 „Vai ás terras da Moirama;
 „Se queres hir, sê christão.“

Huma lagrima brilhante,
 Como que a furto luzia
 Nos olhos da moça moira,
 Que o moço moiro cingia;
 Em que nada lhe dicesse,
 Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
 O mouro bem compr'endia
 Que mudas fallas fallava
 O pranto que ella vertia:
 Saudades erão da Patria,
 Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
 Se ella pedia chorando;
 Se o mal por que ella passava,
 Tambem 'stava elle passando;
 Se o bem, que lh'ella pedia,
 Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados
 E aquelle amor entendi,
 Do effeito das minhas vozes
 Eu mesmo me arrependi;
 Cravei as unhas no peito,
 Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
 De ouvir-lhes hum não revel,
 E que então a moça moira,
 E mais o mouro donzel
 Parassem no fundo inferno.
 Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
 Que poder que o pranto tem;
 Quando no peito o sentimos,
 Quando de huns olhos nos vem,
 Que fôra morrer por elles
 Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
 O mouro agreste rendeo;
 De leixar o seo Mafoma
 Logo desly prometteo,
 Deixando a avença do demo,
 E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
 Se o padre Adão manducou
 Aquelle fructo do Eden;
 Foy Eva quem lh'o offertou,
 Eva, mulher e sozinha;
 A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
 E tem a sua mulher,
 Ceder-lhe do seo proposto
 Por mero condescender!
 Se não he coisa do demo,
 Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
 Que sem me fazer pedido,
 Entendi que por amores
 Não devia andar perdido;
 Quando por outro era amada,
 Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
 Bem sabe que nada tem
 Nesta vida mal passada,
 Onde quitou todo o bem;
 Ninguém que vele por elle,
 Sobre quem vele — ninguém!

Curar da may infermada
 Bem pode o homem segral;
 Ha sempre casta donzella,
 Que se dôa do seo mal:
 O frade só, despojado
 Vive do fôro humanal.

Viverão aquelles monros
 Depois desta occasião.
 Muitos annos bem logrados,
 Em amor e devação;
 Louvor ao sancto baptismo!
 Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio
 Aquella peste primeira,
 Seta que o alvo attingia
 De bem tallada o certaíra.
 Chegou ao christão novato
 Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
 Cheia de muita afflicção,
 Recolheo-se irmã noviça
 No convento d'Azeitão,
 Onde viveo muitos annos
 Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
 Dizem que a virão rezar.
 Em extasis jubilosas,
 Suspensa, erguida no ar:
 Favor do esposo divino.
 Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,
 Commigo logo assentei
 Que eu fôra hum pastor perdido,
 Que nas sombras divaguei,
 Té qu'hum ovelha esgarrada,
 Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
 Desly se me figurou
 Candida lâ d'ovellinha.
 Que a sarça agreste cardou;
 Ficou na sarça prendida,
 Ao vento se meneou.

E algnem que ally divagava,
Felpas da lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tela as teceo;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão:
Só elle hum bom diamante
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que e Deos Senhor.

Louvor a Deo nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

S O L Á O

DO SENHOR REY DOM JOÃO.

Ora pois direi hum feito
 Do senhor rey Dom João,
 Segundo que foy do nome,
 Primeiro na devação,
 Primeiro mais que o primeiro,
 Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
 Nem sempre velar convem;
 He mister algum descanso,
 Alguma folga tambem,
 Entre o labor já passado
 E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
 Algum remedio he mister:
 E se a nenhum conhecemos,
 Que mais nos lia de valer
 Que recordar o passado
 E contos delle fazer?

He assi que no mar alto
 O cançado mareante
 Luta em vão contra a tormenta
 E contra o vento inconstante;
 Negras vagas se encabellão,
 Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
 Languidos olhos estende,
 Vê mar que ferve revolto
 E chuva que do céu pende:
 Como deixou seu alvergue,
 O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
 Os p'rigos que elle affrontou:
 Figura risonhos quadros
 Dos gozos que já gozou,
 Do que na terra o convida,
 Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
 E mais do que vai passando,
 Medonho e máo paralelo
 Vai o mesquinho traçando;
 Dôr de espinhos penetrantes
 O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
 E já passada ventura,
 Quando o viver he tormento,
 Tormento que sempre dura,
 He certo desdita grande
 E muito grande amargura.

Mas vede o que val a vida!
 He aquellaaventurada,
 Se dizemos verdadeiros:
 Houve hum dia, huma hora hum nada,
 Não do pezar combatida,
 Mas do prazer bafejada.

Simelha quem pola calma
 O dia inteiro vagou,
 Depois no marco da estrada
 Cançado e triste quedou;
 Ally thesouro sem dono,
 Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
 Semana de devação!
 Com jejuns e penitencias
 Apresta-se o bom christão
 Pera os mysterios mais altos
 Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
 N'aquelle passo sagrado
 D'aquelle homem divino,
 D'aquelle Deos humanado,
 Que por amor de seos filhos,
 Ingratos. foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
 Mas por dinheiro trahido!
 Por hum homem refalsado,
 Por hum discip'lo querido;
 Trahido per meio infame!...
 Hum falso beijo vendido!

Foy mister por mor tormento,
 Que morresse polos seos!
 Entregue por hum eleito
 Nas garras dos Fariseos,
 Homem morreo polos homens,
 Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
 C'roa d'espinhos tecida,
 Correrão dados infames
 Em taboa vil, denegrida;
 Em hastea foy rematada
 Tunica em sangue tingida.

Tormentos. baldões e mófa
 Quem mais do qu'elle soffreo?
 Quem mais comprido martyro,
 Quem mais affronta e labéo?
 Tal foy que o homem divino
 O rosto ao calix torceo.

Tal foy que o Deos humanado
 Disse ao Deos, que era seu pay:
 «Senhor Deos, s'inda he possivel,
 Do vosso intento tornai;
 Este calix de amargura
 Dos labios meos affastai!»

Carpindo males alheios,
 Quantos não vemos per hy,
 Que nem siquer se recordão
 De quanto soffreo por si.
 Hum Deos na cruz affixado,
 Mil dores soffrendo ally!

Ante esta victima augusta
 Da mais feroz crueldade,
 Cala quanto o homen soffre,
 Quanto soffre a humanidade:
 Tormento não foy como elle,
 Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns increos
 E refalsados atheos,
 Guardão n'as extasis todas
 E mais os transportes seos,
 Pera Socrates que morre,
 Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,
 Imiga de toda luz,
 Que longe que vai do Grego
 Ao Nazareno Jesus.
 E da masmorra ao calvario,
 E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
 Não attenderão tambem:
 Se emparelhamos ideas
 A's coizas que corpo tem;
 Entre elles vai mór distancia,
 Que vai da Grecia á Belém.

Morre o Grego, e não dá frutos;
 Morre Jesus por nos dar
 A ley do céo pera a terra:
 Ley que só pôde lavar
 O sangue do bom cordeiro
 Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
 E huns homens apenas são;
 Em quanto os algozes deste,
 Em que povo de eleição,
 Sumirão-se, como argueiro
 Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
 Semana de devação:
 Comsigo mesmo propunha
 O senhor rey Dom João:
 «Confessarei minhas culpas,
 Que alem de rey, sou christão.

«Ao Senhor, pay de nos todos,
 Meos erros confessarei;
 Que me dê força indomavel
 Pera guardar minha ley,
 Pera punir os culpados;
 Que alem de christão, sou rey.»

Azinha chamando hum pagem
 Lhe diz, e lhe ordena assi:
 «Hede aos Padres Dominicos
 (Melhor lhes quero que a mi)
 Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
 Que vou commungar ally.»

Veio logo o mensageiro
 Com a mensagem real;
 Recado qu'el-rey lhe dera,
 Dá elle ao Provincial.
 «He certo mercê mui grande,
 Responde, — tenho-a por tal.»

Ao padre Thomaz da Costa
 Chama n'huma Ave-Maria;
 Sabia o bom do Prelado
 O muito qu'el-rey lhe qu'ria:
 De tam lisongeiro acerto
 Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
 Dizia com bem justeza:
 «Prazer aos Reis cá da terra,
 Não he nenhuma vileza;
 Praz a Deos que lhes prazamos,
 Pois vem delle a realeza.»

Apresta-se com trigança
 Tudo quanto era mister:
 Sabia o Padre Thomaz
 Encargos do seo dever;
 «Vergar colossos, dizia,
 Quem tem posses de o poder?

«Sob as mãos do jardineiro
 Torto arbusto lá se ageita:
 Mas onde existe essa força
 Que hum rudo tronco sugeita,
 Se a força he balda no tronco
 Se o tronco a força regeita?

«Em bem do pastor sagrado,
 Que por mercê divinal
 Vive no ermo escondido;
 Como hum singelo zagal;
 Cúra pastor de pastores,
 Não de pessoa real.

«He facil o seo encargo,
 Pejo, nem dôr lhe não traz;
 Não he assi nos palacios,
 Onde só vejo disfraz,
 Vêm logo as razões de estado,
 Inventos de Satanaz.

«Vêm logo as leys cá da terra
 Contrapor-se ás leys nos céos:
 Sêde christãos, reys senhores,
 On então de todo incréos!
 Leys dos homens não se cazão,
 Não seguem ás leys de Deos.

«Não ligueis n'hum so consorcio
 Terra feia e céu luzente:
 Leys da terra a terra buscão.
 Como a raiz da semente;
 Leys do céu os céos procurão,
 Como flor que o sol presente.»

Era aly na pedra raza
 O senhor rey Dom João;
 Ante o velho sacerdote
 Fazia a sua oração,
 As mãos em cruz sobre o peito,
 Gíolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
 Todalas tinha despido;
 Não tinha sedas, nem joias,
 Mas peito d'aço batido:
 Era qual homem vivente
 Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
 Perante hum homem de pé;
 Perante hum Padre coitado:
 Que nada tem, nada he;
 Licção profunda e subida,
 Preceitos da nossa fé!

Portas á dentro do templo,
 Onde Deos eterno habita,
 Onde aquelle amor sem zelos
 Somente os peitos agita,
 Nas differenças do mundo
 Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
 Polas festas saturnais,
 Folgavão, senhor e servo,
 Como se forão ignais;
 Mas o que lá foy licença,
 Aquí são leys divinais:

Aqui são todos curvados,
 Todos — o servo, o senhor;
 Aquelles que a vida fruem,
 E aquelles que só tem dôr;
 Pobres, que almeirão a morte,
 Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
 Que ally reunidos estão;
 Mas sim, por que a Deos importa
 Que não haja distincção
 Entre irmãos, no patrio abrigo,
 Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
 Da multidão apinhada.
 Qual lisongeiro perfume
 Das flores d'huma grinalda;
 Tem huma odor, outra espinhos,
 Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
 O senhor rey Dom João;
 Já disse as culpas que tinha,
 Já fez a sua oração;
 O Padre vai ministrar-lhe
 A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
 Expressão nobre e subida;
 Maneiras cheias de brio
 Em postura comedida,
 Parece que vão mostrando
 Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra. quanto
 Por vil e baixo se tem,
 Merecendo honra tamanha,
 Que a não merece ninguem;
 Dahy lhe vem ser humilde,
 Nobreza dahy lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
 Vai ser dado o sacramento;
 Principia el-rey — *confiteor*, —
 Quando n'aquelle momento
 Surge ao pé delle um guerreiro
 De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
 Só aço e ferro vestia,
 Polas grades da vizêira
 Raios de luz despedia:
 Medonho e fero apparato
 Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
 Homem de muito valor,
 Mas olhos lançou á espaula
 A furto!... seja o que for,
 Não creio que homens d'aquelles
 Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
 Assi começa o guerreiro:
 «Em nome do Senhor Deos,
 Meo Padre, aqui vos requeiro;
 O senhor rey não commungue,
 Pois que não he justiceiro.»

A hostia das mãos do Padre
 Cahio do calix no fundo;
 El rey carrega os sobr'olhos...
 Certo não era jocundo
 Affrontar de rosto a rosto
 As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
 De hum caso máo, miserando:
 De noite se ergueo a forca;
 Mas quando o sol foy raiando,
 Não vio ninguem mais a forca.
 Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
 Sanhas do rey não quiz ver;
 Não ha que lhe ponha embargos,
 Nem que lhe possa empecer:
 «Senhor, sou Padre Tavares!»
 Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
 Quebrára a furia real):
 «Em bem, meo bravo guerreiro!
 Mas esse trem, de que val?
 Somos em terras d'Hespanha.
 Ou somos em Portugal?»

— «Senhor. não uzo brocados!
 Vedes-me assi, e he razão,
 Que haveis os meos haveres
 Sem me deixardes, senão
 Armas comidas no peito,
 Armas gastadas na mão.

— «Fui ter ao vosso palacio,
 Ninguem me não conheceo;
 Quantos ally são comvosco,
 Eu vos direi, senhor meo:
 Nunca os eu vi nos combates,
 Nunca na guerra os vi eu!

— «Voltei d'ally, protestando
 Jamais não voltar ally:
 Conheceis as minhas armas,
 Se não conheceis a mi;
 Vesti-me á modo de guerra.
 Vim ter comvosco, — eis-me aqui!

— «As minhas alcaydarias
 De Portal'gre e Assumar,
 Senhor rey, vós m'as tirastes,
 O que se chama tirar;
 Ficavão perto da raya,
 Mão azo de guerrear.

— «Das minhas alcaydarias
 Eu tinha as rendas reais:
 As guerras já são passadas.
 Porque ora m'as não tornais?
 Mal cabe em reys a cubiça,
 Senhor, se m'as cubiçais.

— «Nem porque o velho guerreiro
 Já nada vos presta e val,
 Vos deveis portar com elle,
 Qual dono pouco leal.
 Que o seo corsel de batalha
 Despreza no almargeal.

— «Assi que, Senhor, vos digo
 Que vos não peço mercê,
 Aquillo que me he devido,
 Só peço que se me dê! —
 Prouve ao rey aquelles ditos
 E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
 Ao seo leal lidador:
 «Nós vos faremos justiça,
 Assi como justo for;
 Tendes a nossa palavra,
 Seja-vos ella penhor!»

Alegre o Padre Thomaz
 O seo mister rematou;
 Hostia tomada do calix
 Aos labios do rey chegou,
 El-rey d'hum copo doirado
 Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
 Qual nunca mais o verei,
 Nem tam inteiros sugeitos,
 Hum ao outro dando a ley:
 No Paço o rey ao vasallo,
 Na Igreja o vassallo ao rey!

S O L Á O

DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Não ha mais d'aquelle tempo,
 Em que era tudo lhaneza!
 Acções e vida e costumes
 Desta gente portugueza,
 Por tal geito se trocárão,
 Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
 Pois ha em tudo exeições;
 Mas trato da grande lepra
 Que vejo hy nos corações:
 Desprêso do amor da gloria
 E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
 Garboso Donzel se havia
 Por captar nobres extremos
 Da moça que requeria,
 Sempre grave, honesto e brando,
 Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
 Fitas, nem laços comprava,
 Nem toda a manhã divina
 Seos enfeites concertava,
 Nem nos chapins se revia,
 Nem nos cabellos primava.

Não corria seca e meca
 Traz de mimosa donzella,
 Que nas ruas lobrigava;
 E por ver mais perto a bella
 Não lia ao templo sagrado,
 Somente por amor della.

Nem as noites janeirinhas
 Mais compridas o mais frias,
 Levava mofino amante,
 Por baixo das gelozias.
 Desenfiando hum rosairo
 De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo
 Do moço em armas novel,
 Em que experto dedilhasse
 Na lyra do menestrel,
 No tempo em que, não domada,
 Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
 Por mais que fosse gentil,
 Ninguém n'ó vira a deshoras,
 Como homem de tenção vil,
 Como hum ladrão que de medo
 Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
 Nem ao silencio mercê,
 Nem do sol se arrecciava,
 Como homem que pouco vê,
 Nem da lua appellidada
 A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
 Coberto de espectadores,
 Onde mais povo corria,
 Mais bellas e justadores,
 Na arena se apresentava
 Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
 D'arantos e passavantes,
 Mantenedores do campo,
 Reis d'armas e circumstantes,
 Feixes d'armas resplendentes,
 Ondas de plumas brillhantes:

Entrava o novel guerreiro
 No cerco dos justadores!
 De alguma dona sizuda
 Na charpa trazia as cores;
 Tinhão amores ás claras.
 Por que erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa.
 A justa vai começar!
 Entre si ferem mil lutas
 Guerreiros a par e par:
 Da lança feita pedaços
 Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
 Que feios golpes se dão!
 Abolão-se capacetes,
 Talhão-se arnezes; e a mão
 Certeira ao travez da malha,
 Vai direita ao coração.

La sôa de novo a trompa,
 Proclama-se o vencedor,
 Que aos pés da bella entre as bellas
 O seo trophéo vem depor:
 Ao mais valente a mais bella,
 Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece
 De acordo co'a natureza,
 Que se compraz no consorcio
 Da força co'a gentileza;
 Mais alma com mais coragem,
 Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seos favos
 Em troneos alevantados;
 E eis a hera graciosa,
 Que em abraços apertados
 Não cinge mesquinho junco,
 Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
 Que lhe descubro hum senão;
 Quem nos diz que o mais valente
 Deva te ter mais razão,
 Porque seja a sua dona
 Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
 E coiza de mui folgar,
 Ver um dragão de mulher,
 Chamada a bella sem par.
 A' pura força de espada,
 Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella, e al não digais,
 Sob pena d'hum fendente,
 Que vem do céu. como hum raio,
 Provar ao villão que mente;
 Co'os dentes que tem na bocca,
 Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
 He certo que d'ahy vem
 A's nossas donas de agora,
 Aquelle sestro que têm
 De amarem a militança
 Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
 Ao menos de o parecer?
 Em quanto muitas... Deos meo,
 Eu me sei compadecer,
 Soffro o mal que os outros passão,
 Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
 Que aqui na terra não são,
 Senão porque as vós mandastes,
 Meo Deos, por occasião
 De tedio e nojo ao peccado,
 E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão.
 Dirão no confessional.
 Jurando por Deos eterno
 E pola vida eternal.
 Que se fallão delle e della,
 He piro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
 O pismo dessa donzella,
 Proclamada ao meio dia
 Fermosa como humma estrella,
 Sem que houvesse ah'y no mundo
 Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
 Julgara, sem mais razão,
 Que n'este mundo mesquinho
 He tudo engano e buzão,
 E té que a propria belleza
 He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras
 Garboso donzel se havia
 Por captar nobres extremos
 Da moça que requeria,
 Á ponta de fina espada
 E arrojos de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
 Que foy nosso rey primeiro.
 Havia na sua côrte,
 Côrte de rey mui fragueiro,
 Hum tal Gonçalo Hermiguez,
 Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
 De mui boa nomeada:
 Fiava el-rey muito delle,
 E a raynha Mafalda
 Folgava de ouvir-lhe os cantos
 Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
 Não tinha nenhum rival
 Em compor trovas mimosas;
 E no campo e no arrayal
 Não n'ò havia mais valente,
 Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
 Votára a gente infiel,
 Porque o pay lhe havião morto,
 Era elle ainda novel;
 Vel-os porém não podia,
 Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
 E entrar logo em sanha tal,
 Que era força ter mão d'elle,
 Ou saltava-lhe ao gorjal
 Pera torcer-lhe o gasnate,
 Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhamo tento n'elle,
 Era outro conto ruim!
 Cabia logo em desmaios,
 Que era hum desmaio sem fim!
 Dó era ver tal sugeito
 Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
 Em perpetua correria
 Polas terras do mourisco,
 E muito mal lhes fazia:
 Dava porém mór realce
 Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
 Em hum sarão folgazão,
 Lembron-se que perto vinha
 A noite de Sam João,
 Azado ensejo de aos Mouros
 Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,
 Aquella nobre nobreza
 Por amor de seos amores
 Commette tam grande empreza,
 Qual a de hir terras de Mouros
 Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,
 Qual a fita dependura
 No collo nunca domado;
 Qual a pesada armadura
 Inverga, e ahy se recolle,
 Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
 Toma da sua tenção,
 Qual aos pés da sua dona
 Requer-lhe extremo condão,
 Extremo volver dos olhos,
 Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
 Por grito de accommetter.
 Que nas lidas e pelejas
 Saberá fazer valer!
 Qual sente o nojo futuro,
 Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
 Mostre o que n'alma lhe mora:
 Quem vio a morte passar-lhe
 De perto, já não descora
 Por hum presagio funesto,
 Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
 Azinha promptos estão;
 Lá se partem de Coimbra,
 Montes alem já lá vão!
 Ninguem vio mais escolhido,
 Nem mais luzido esquadrao.

Entre elles por mais robusto
 Gonçalo Hermiguez campeia;
 Diz seo porte sublimado,
 Que de nada se arreceia,
 Mas antes que a todos repta,
 De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
 Com todo apercebimento!
 Não convem que se aprecatem
 D'aquelle accommettimento
 Mouros que vivem na regra
 Do seo alkorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
 He viver dentro do harem,
 Dizendo mal do toicinho
 E mais do vinho tambem,
 Sem que lhe pêze este mundo,
 Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flores,
 He viver vida folgada,
 Aspirando incenso e odores
 Em molleza effeminada,
 Nem que fosse huma odalisca,
 Ou mulher alambicada.

Pozerão todos a mira
 Em Alcacere do Sal,
 Covil de feras humanas,
 Não de cordeiros curral;
 Nó gordio do vil mourisco,
 O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão
 Vão em procura d'Almada,
 Aleáçova dura e forte,
 Em rija pedra assentada,
 Como pedra preciosa
 Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
 O' Tejo, quanto me he grata
 Essa placida corrente,
 Quando a lua se retrata,
 Chovendo chuva de raios,
 No teo chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,
 Quando manso o vento gyra,
 Que nas folhas rumoreja,
 E como que ally suspira
 Melindres d'amor suave,
 Que nem tangidos na lyra!

Que arroubos que infiltras n'alma,
 Quando vai ao som das agoas
 Navegando o passageiro;
 Já, se as tem, não sente as fragoas,
 Que no peito a dôr derrama,
 Como huma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos
 Polas faces a correr
 Sinta o pranto represado
 Polo seo muito soffrer:
 Corra embora, qu'esse pranto
 Dôr não he, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,
 Onde viemos penar,
 Por cada dia hum martyro
 Por cada instante hum pezar;
 He bem feliz quem só passa
 Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
 Nem o que seja prazer;
 Nunca os senti n'esta vida,
 Nem n'os posso conhecer:
 Que não sou dos bemfadados,
 E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
 Não he quem nos dá morrer,
 Nem quem o viço dos annos
 Faz seccar e emmurchecer;
 He antes aquelle pranto
 Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
 Olhos longos polo mar,
 Lá onde encherção Lisboa
 Com fogueiras de espantar:
 Fogo accendido na terra
 Sóbe em centellas ao ar!

D'aquelles fogos accesos
 Em roda os velhos estão,
 E as donzellas feiticeiras
 Com sorriso folgazão,
 Cantando coytas de amores.
 Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
 Do Bautista milagroso,
 Té dos mouros da mourama
 Havido por glorioso:
 Folgão nobres e senhores,
 Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
 Não tardão, não têm vagar:
 A noite assi do Bautista
 Vai serena a escorregar,
 Como areia da ampulheta,
 Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
 Respirado d'uma frol,
 Que não vemos, mas sentimos;
 Que sentimos no arrebol
 Da manhã, que pola terra
 Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
 De serena madrugada,
 Rorejado gota a gota
 De branca nuvem prenhada
 Sobre o calice musgoso
 De huma flor avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
 Em quem de amores não cura,
 Doce peçonha de amores:
 Donzella de vida pura,
 Quando ha temores de havel-o,
 He qu'elle já não tem cura.

Do Alcaacer as lindas filhas,
 Já era nascida a aurora,
 Pera ver uma corrida
 Sahirão portas a fóra,
 E mais pera colher flores,
 Persnadidas da hora.

Logo sahidas no prado
 Forão, qual sohem de ser
 Mansas agoas d'hum regato
 Em chão sem leito a correr,
 Cada qual por seo caminho,
 Cada qual a seo prazer!

Desly pulando e cantando
 Vão nas matas de alecrim,
 Colhem a rosa corada
 E a branca flor do jasmin;
 Brincão brinquedos contentes,
 Folgão folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!
 Que arruído vai no prado!
 Que bem cantado rimance,
 Que soláo tãobem cantado!
 Não têm as aves atito,
 Nem gorgieio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
 Que accentos encantadores
 N'aquelle prazer d'huma hora!
 As moças vão colher flores,
 E os moços que vão com elles
 Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruído!
 Rouca trompa abala o ar;
 Logo assomão cavalleiros
 Com figuras de espantar:
 Allah nos valha, mofinas!
 Dizem moiras a chorar.

Allah! repetem n'os Mouros,
 Vendo o pendão portuguez;
 E do alfange recurvado
 Levão mão sem pavidez!
 Feios golpes se preparão,
 Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
 Talhão-se cotas e arnezes;
 O fino alfange mourisco
 Abre o elmo aos portuguezes;
 E a espada que bem degola,
 Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!
 Lá vem mouros descaçados
 Em descaçados ginetes:
 Cavalleiros esforçados,
 Que por Christo Deos pelejão,
 Não têm de que ter coidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
 Avante! brada, e não al:
 Brilha o valente nas lides,
 Que ally não acha rival,
 Aquelle cabo entre todos
 Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
 O seo pesado montante,
 Que Alcides com sua clava,
 E nem o Titan gigante,
 Serra a serra sobrepondo
 Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,
 Abre entre elles larga estrada;
 Quem fica em prisão de guerra,
 Quem lá foge em debandada!
 Ficão moiras prisioneiras,
 Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermiguez em tanto
 Vio que longe lhe fugia
 Linda moira desmaiada,
 Que hum moço mouro cingia
 Dando d'esperas ao bruto,
 Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:
 Com quanto de arremecção
 Matal-o tambem podera,
 Certo o fizera, senão
 Temesse que a moira bella
 Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
 D'hum golpe que despedio,
 Cerce o cortou pelo meio:
 Golpe assi nunca se vio!
 E a moira tomando em praços,
 Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella
 Por meio da gente fera;
 Quem n'ó vira tam sanhudo,
 Leão raivoso dissera,
 Passando a travez dos homens
 Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
 Nova peleja maior!
 Muitos homens contra hum homem,
 Contra hum forte lutador;
 Mas hum só que a todos vence
 Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
 Vibrar a sangrenta espada,
 Co'ó pejo d'aquella moira
 Disputada e desmaiada,
 Cujo corpo em dois pendia,
 Como huma frexa quebrada.

Mas inda assi despedia
 Hum golpe e outro cruel;
 E de encontro á este, á aquelle
 Mandava o seo bom corseel,
 Que a turba multa alastrava
 Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta
 Acerta em aventurar
 Quem a empreza disputada
 Tem desejos de acabar:
 Só elle demóra em terra.
 Que os seos já são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,
 Larga carreira arrepiã,
 Larga estrada co'o montante
 Por entre os mouros se abria,
 Despedia muitos golpes,
 Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seos avista
 Mas os mouros perto vêm!
 Como isto vio, torce o rosto,
 Medonho como ninguem;
 Temem-se mouros de o verem;
 Paráõ, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
 Traz d'hum urso mal sangrado,
 Que de repente a carreira
 Revira, e vólta agastado!
 Paráõ monteiros ao vel-o
 Raivoso e mal assombrado.

E a fera d'aquelle pasmo,
 Sabendo, em seo bem, valer-se,
 Vai a passos descansados
 Em densa mata esconder-se,
 Sem temor da montaria,
 Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
 Salta dentro do baixel;
 Na praia ficão pasmados
 Mouros, do feito novel,
 Tamanho, que nem sonhado
 Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
 Desfraldão velas e panos,
 Deixando as praias tingidas
 Em sangue por muitos annos;
 Quantos bastem, porque chorem
 Seo pezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
 Disse o guerreiro feliz:
 «Das prezas, que nos fizemos,
 Quero tam só a que eu fiz,
 A moira que por seo nome
 Fátima em Tureo se diz!»

Então aquelle seo canto
 Principiou a compor:
 Cant'eu, por vergonha minha,
 Em bem que o saiba de cór,
 Digo que sal lhe não acho,
 Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
 Aos tempos accommodado,
 Que de outro cantar não acho
 Que fosse mais decantado,
 Nem Figueiral Figueiredo,
 Nem o Ficade coitado.

E a moira já baptisada
 Pertenceo ao lidador,
 Duas vezes conquistada
 Polo donzel, seo senhor,
 Primeiro á força de espada,
 Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
 Coiza sabida e seguida.
 Remanso depois da gloria,
 Descanço depois da lida,
 E a fé que espera e milita
 Nos actos todos da vida!

Vede vós quamanho he o lucro,
 Que lucra a moira pagã,
 Desposando o cavalleiro,
 Tornada e feita christã;
 He vida e sangue de hum homem,
 Não de infieis barregã!

He como tropheo ganhado
 Em guerras de religião
 Por algum peito devoto,
 Que por sua devação
 Prometteo dependural-o
 Dentro de templo christão.

O canto aqui finaliso!
 Não devo d'hir por diante,
 Narraudo casos da vida
 Per natureza inconstante,
 Trabalhos que sempre durão,
 Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores
 A moça moira acabar
 E sobre hum covão aberto
 Hum homem posto a chorar,
 Hum homem de dó coberto,
 A carpir-se, a prantear!

ULTIMOS CANTOS.

AO

MEU CARO E SAUDOSO AMIGO

O DR. ALEXANDRE THEOPHILO DE
CARVALHO LEAL

OFFERENDO-LHE ESTE VOLUME DE POESIAS,

quando pela primeira vez forão impressas.*)

Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espirito enfermo. — ficticias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobressaltasse de sentir menos pezada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer — eis toda a minha vida neste periodo; e estes desejos immensos. indiziveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes. obscuros, implacaveis, renascentes, — ligados a minha existencia,

*) Em 1851, na typographia do Sr. Paula Brito.

reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um alivio, uma distracção no estudo, e a esquecerme da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens da arte, daquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

Melhor que ninguem o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o davo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem bemfazeja da tua amizade sollicita e desvelada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua intelligencia que me vivificava — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dous corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empresa; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realisar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira á praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entreí na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fê e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto; se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito: continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas: basta! — Então, já t'ò hei dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devera ter sahido, e — como um soldado desconhecido — contareí os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando á habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, involta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem ronquejando na voz do trovão. Lá está ella! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo. onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós e o páu d'arco coberto de flores amarellas. Alli sim, — alli está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de

todos os annos que espedicei, poderei enchugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.

RIO DE JANEIRO, 17 de agosto de 1850.

A. GONÇALVES DIAS.

POESIAS AMERICANAS.

I.

O GIGANTE DE PEDRA.

— O guerriers! ne laissez pas ma dépouille au corbeau!
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quelle montagne est mon tombeau!

V. Hugo. *Le Géant.*

I.

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante.
Que os raios sómente poderão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidadoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado.
E á aurora, que surge, não ha de acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens. os céos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
 Avultão immensos: só Deos poderá
 Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
 Curvados ao peso, que sobre elle 'stá.

E o céo, e as estrellas e os astros fulgentes
 São velas, são tochas, são vivos brandões,
 E o branco sudario são nevoas algentes,
 E o crepe, que o cobre, são negros balcões.

Da noite, que surge, no manto fagneiro
 Quiz Deos que se erguesse, de junto a seus pés,
 A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
 Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-no odores que as flores exhalão,
 Bafejão-no carmes de um hymno de amor
 Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,
 Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
 Campeia o gigante, — nem póde :cordar!
 Cruzados os braços de ferro fundido,
 A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

II.

Banha o sol os horisontes,
 Trepá os castellos dos céos.
 Aclara serras e fontes,
 Vigia os dominios seus:
 Já descahe p'ra o occidente,
 E em globo de fogo ardente
 Vai-se no mar esconder;
 E lá campeia o gigante.
 Sem destorcer o semblante,
 Immovel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
 Vem o silencio, o frescor,
 E a brisa leve e macia,
 Que lhe suspira ao redor;
 E da noite entre os negroses,
 Das estrellas os fulgores
 Brilhão na face do mar:
 Brilha a lua scintillante,
 E sempre mudo o gigante,
 Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
 E outra noite tambem,
 Outra lua que aos céos monta,
 Outro sol que após lhe vem:
 Após um dia outro dia,
 Noite após noite sombria,
 Após a luz o bulcão,
 E sempre o duro gigante,
 Immovel, mudo, constante
 Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio.
 Vem das aguas a estação,
 Após ella o quente estio;
 E na calma do verão
 Crescem folhas, vingão flores,
 Entre galas e verdores
 Sazonão-se fructos mil;
 Cobrem-se os prados de relva,
 Murmura o vento na selva;
 Azul'o-se os céos de anil!

Tornão prados a despir-se,
 Tornão flores a murchar.
 Tornão de novo a vestir-se,
 Tornão depois a seccar;

E como gota filtrada
De uma abobada escavada
Sempre, incessante a cahir,
Tombão as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias,
Nos abysmos do porvir!

E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horisontes
O gigante de granito:
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellão aos pés!

III.

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar! . . .

IV.

Vio primeiro os incolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homerecas festas,
A' luz dos fogos rutilos,
Aos sons do murmuré!

E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guán cadente e vário
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
 A frota aparelhada,
 Vistosa e formosissima
 Cortando a undosa estrada,
 Sabendo, mas que frageis,
 Os ventos contrastar:

E a caça leda e rapida
 Por serras, por devesas,
 E os cantos da janubia
 Junto ás lenhas accesas,
 Quanto o tapuya misero
 Seos feitos vai narrar!

E o germen da discordia
 Crescendo em duras brigas,
 Ceifando os brios rusticos
 Das tribus sempre amigas,
 — Tamoy a raça antiga,
 Feroz Tupinambá.

La vai a gente improvida,
 Nação vencida, imbelle,
 Buscando as matas invias,
 Donde outra tribu a expelle;
 Jaz o pagé sem gloria.
 Sem gloria a maracá.

Depois em náos flammivomas
 Um troço hardido e forte,
 Cobrindo os campos humidos
 De fumo, e sangue, e morte,
 Traz dos reparos horridos
 D'altissimo pavez:

E do sangrento pelago
 Em miseras ruínas
 Surgir galhardas, limpidas
 As portuguezas quinas,
 Murchos os lises candidos
 Do improvido gaulez!

V.

Mudarão-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastrão o antigo paúl;
Mas inda o gigante, que dorme na serra,
Se abraça ao immenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descança, ó gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
Poder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar!

II.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
Á voz do meu amor moves tens passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flôr abriu-se, ha pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céu, brilhão estrellas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo magico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
Um só gyro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquella flôr que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento:
Outro amor nunca tive: es meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca virão,
Não sentirão meus labios outros labios,
Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
A arasoya na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Tambem meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exhala!

Não me escutas, Jatyr! nem tardo acodes
Á voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupan! lá rompe o sol! do leito inutil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

III.

Y-JUCA-PYRAMA.

I.

No meio das tabas de amenos verdores,
 Cercadas de troncos — cobertos de flores,
 Alteião-se os tectos d'altiva nação;
 São muitos seus filhos, nos animos fortes,
 Temiveis na guerra, que em densas cohortes
 Assombrão das matas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
 Já prelios incitão, já cantão victoria,
 Já meigos attendem á voz do cantor:
 São todos Tymbiras, guerreiros valentes!
 Seu nome lá vòa na bocca das gentes,
 Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus vizinhas, sem forças, sem brio,
 As armas quebrando, lançando-as ao rio,
 O incenso aspirarão dos seus maracás:
 Medrosos das guerras que os fortes accendem,
 Custosos tributos ignavos lá rendem,
 Aos duros guerreiros sугейtos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
 Onde ora se aduna o concilio guerreiro
 Da tribu senhora, das tribus servis:
 Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
 E os moços inquietos, que a festa enamora,
 Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
 Sua tribu não diz: — de um povo remoto
 Descende por certo — d'um povo gentil;
 Assim lá na Grecia ao escravo insulano
 Tornavão distincto do vil musulmano
 As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahiu prisioneiro
 Nas mãos dos Tymbiras: — no extenso terreiro
 Assola-se o tecto, que o teve em prisão;
 Convidão-se as tribus dos seus arredores,
 Cuidosos se incumbem do vaso das cores,
 Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
 Entesa-se a corda da embira ligeira.
 Adorna-se a maça com pennas gentis:
 Á custo, entre as vagas do povo da aldeia
 Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
 Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
 Affeitas ao rito da barbara usança,
 O indio já querem captivo acabar:
 A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
 Brillhante enduápe no corpo lhe cingem,
 Sombreira -lhe a fronte gentil kanitar.

II.

Em fundos vasos d'alvacenta argilla
 Ferve o canim;
 Enchem-se as copas. o prazer começa,
 Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,
 Sentado está,
 O prisioneiro, que outro sol no occaso
 Jámais verá! *

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
 Mostra-lhe o fim
 Da vida escura, que será mais breve
 Do que o festim!

Com tudo os olhos d'ignobil pranto
 Seccos estão;
 Mudos os labios não descerrão queixas
 Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
 Em rugas faz
 A mentirosa placidez do rosto
 Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
 No passo horrendo?
 Honra das tabas que nascer te virão,
 Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes,
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
 Lá murcha e pende;
 Sómente ao tronco, que devassa os ares,
 O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
 Como viveu;
 E o caçador que o avistou prostrado
 Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

III.

Em larga roda de noveis guerreiros
 Ledo caminha o festival Tymbira,
 A quem do sacrificio cabe as honras.
 Na frente o kanitar sacode em ondas,
 O enduápe na cinta se embalança,
 Na dextra mão sopesa a iverapeme,
 Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
 Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
 Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
 Como que por feitiço não sabido
 Encantadas alli as almas grandes
 Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
 Serem gloria e brasão d'inimigos feros.

«Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
 «Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
 «As nossas matas devassaste ousado,
 «Morrerás morte vil da mão de um forte.»

Vem a terreiro o misero contrario:
 Do collo á cinta a musurana desce:
 «Dize-nos quem es, tens feitos canta,
 «Ou se mais te apraz, defende-te. Começa
 O indio, que ao redor derrama os olhos,
 Com triste voz que os animos commove.

IV.

Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi!
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci;
 Guerreiros, descendo
 Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci:
 Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do Norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
 De tribus imigas,
 E as duras fadigas
 Da guerra provei;
 Nas ondas mendaces
 Senti pelas faces
 Os silvos fugaces
 Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
 Lidei cruas guerras,
 Vaguei pelas serras
 Dos vis Aymorés;
 Vi lutas de bravos,
 Vi fortes — escravos!
 De estranhos ignavos
 Calcados aos pés.

E os campos talados,
 E os arcos quebrados.
 E os piagas coitados
 Já sem maracàs;
 E os meigos cantores;
 Servindo a senhores,
 Que vinhão traidores,
 Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
 Meu ultimo amigo,

Sem lar, sem abrigo
 Cahi junto a mi!
 Com placido rosto,
 Sereno e composto,
 O acerbo desgosto
 Commigo soffri.

Meu pae a meu lado
 Já cego e quebrado,
 De penas ralado,
 Firmava-se em mi:
 Nós ambos, mesquinhos,
 Por invios caminhos,
 Cobertos d'espinhos
 Chegamos aqui!

O velho no em tanto
 Soffrendo já tanto
 De fome e quebranto,
 Só qu'ria morrer!
 Não mais me contenho,
 Nas matas me embrenho,
 Das frechas que tenho
 Me quero valer.

Então, forasteiro,
 Cahi prisioneiro
 De um troço guerreiro
 Com que me encontrei:
 O cru dessocego
 Do pae fraco e cego,
 Em quanto não chego,
 Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
 Na noite sombria,
 A só alegria
 Que Deos lhe deixou:

Em mim se apoiava,
 Em mim se firmava,
 Em mim descansava,
 Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
 De penas ralado,
 Já cego e quebrado,
 Que resta? — Morrer.
 Em quanto descreve
 O gyro tão breve
 Da vida que teve,
 Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
 Mas forte, mas bravo,
 Serei vosso escravo:
 Aqui virei ter.
 Guerreiros, não córo
 Do pranto que choro;
 Se a vida deploro.
 Também sei morrer.

V.

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba;
 Os guerreiros murmurão: mal ouvirão,
 Nem poudes nunca um chefe dar tal orden!
 Brada segunda vez com voz mais alta,
 Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
 A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
 — Tymbira, diz o indio enternecido,
 Solto apenas dos nós que o seguravão:
 Es um guerreiro illustre, um grande chefe,
 Tu que assim do meu mal te commoveste,
 Nem soffres que, transposta a natureza,
 Com olhos onde a luz já não scintilla,

Chore a morte do filho o pae cançado.

Que somente por sen na voz conhece.

— És livre; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes!

E bem feliz, se existe, em que não veja,

Que filho tem, qual chora: es livre; parte.

— Acaso tu suppões que me acobardo,

Que receio morrer!

— És livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te

Que um filho dos Tupis vive com honra,

E com honra maior, se acaso o vencem,

Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,

E tu choraste!... parte; não queremos

Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas

O rebater do coração se ouvia

Precipite. — Do rosto afogucado

Gelidas bagas de suor corrião:

Talvez que o assaltava um pensamento...

Já não... que na enlutada fantasia,

Um pesar, um martyrio ao mesmo tempo,

Do velho pae a moribunda imagem

Quasi bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato!

Curvado o collo, taciturno e frio.

Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI.

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As fôssas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

— Tardaste muito
Não era nado o sol, quando parti-te,
E frouxo o seu calor já sinto agora.

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convem partir, e já!

— Que novos males
Nos resta de soffrer? — que novas dores,
Que outro fado pior Tupan nos guarda?
— As setas da afflicção já se esgotarão,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!
— Talvez do afan da caça...

— Oh filho caro!
Um quê mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo; que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —

E com mão tremula, incerta
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremeendo: — foge, volta.
Encontra sob as mãos o duro cráneo.
Despido então do natural ornato!...

Recua afflicto e pavido, cobrindo
 As mãos ambas os olhos fulminados,
 Como que teme ainda o triste velho
 De ver, não mais cruel, porém mais clara,
 D'aquelle exício grande a imagem viva
 Ante os olhos do corpo atigrada.
 Não era que a verdade conhecesse
 Lúcia e tão cruel qual tinha sido;
 Mas que funesto azar correrá o filho,
 Elle o via; elle o tinha alli presente;
 E era de repetir-se a cada instante.
 A dôr passada, a previsão futura
 E o presente tão negro, alli os tinha:
 Alli no coração se concentrava,
 Era n'um ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós dissestes.

— Dos indios?

— Sim.

— De que nação?

— Tymbiras.

— E a musurana funeral rompeste,

Dos falsos manitôs quebraste a maça...

— Nada fiz... aqui eston.

— Nada! —

Emmudecem;

Curto instante depois prosegue o velho:

— Tu es valente, bem o sei; confessa,

Fizeste-o, certo, ou já não foras vivo!

— Nada fiz; mas souberão da existencia

De um pobre velho, que em mim só vivia...

— E depois?...

— Eis me aqui.

— Fica esse taba?

— No direcção do sol, quando transmonta.

— Longe?

— Não muito.

— Tens razão: partamos.

— E quereis ir?..

— Na direcção do occaso.

VII.

«Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro,
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis, — e mas forão
Senhores em gentileza.

«Eu porêem nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro.
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelão.
Alguem que meus passos guie;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pae se ufane!»

Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,

Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento:

— Nada farei do que dizes:
É teu filho imbelle e fraco!
Aviltaria o triumpho
Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue:
Elle chorou de cobarde:
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heróes fazemos pasto.

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII.

«Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não es!
Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando cruceis forasteiros,
Seres presa de vis Aymorés.

«Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte na guerra,
Regeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado:
Não encontres amor nas mulheres,
Tens amigos, se amigos tiveres,
Tenhão alma inconstante e falaz!

«Não encontres doçura no dia,
 Nem as cores da aurora te ameiguem,
 E entre as larvas da noite sombria
 Nunca possas descanço gozar:
 Não encontres um tronco, uma pedra
 Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
 Padecendo os maiores tormentos,
 Onde possas a fronte pousar.

«Que a teus passos a relva se torre;
 Murchem prados, a flor desfalleça,
 E o regato que límpido corre,
 Mais te accenda o vesano furor:
 Suas agoas depressa se tornem,
 Ao contacto dos lábios sedentos;
 Lago impuro de vermes nojentos,
 Onde fujas com asco e terror!

«Sempre o céo, como um tecto incendiado,
 Creste e punja teus membros maldictos
 E o oceano de pó denegrido
 Seja a terra ao ignavo tupi!
 Miseravel, faminto, sedento.
 Manitós lhe não fallem nos sonhos,
 E do horror os espectros medonhos
 Traga sempre o cobarde após si.

«Um amigo não tenhas piedoso
 Que o teu corpo na terra embalsame,
 Pondo em vaso d'argilla cuidadoso
 Arco e frecha e tacápe a teus pés!
 Sê maldicto, e sosinho na terra:
 Pois que a tanta vileza chegaste,
 Que em presença da morte choraste,
 Tu, cobarde, meu filho não es.»

IX.

Isto dizendo, o miserando velho
 A quem Tupan tamanha dôr, tal fado

Já nos confins da vida reservára,
 Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
 Da sua noite escura as densas trevas
 Palpando. — Alarma! alarma! — O velho para!
 O grito que escutou é voz do tilho,
 Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
 N'outra quadra melhor. — Alarma! alarma!
 — Esse momento só vale apagar-lhe
 Os tão compridos trances, as angustias,
 Que o frio coração lhe atormentarão
 De guerreiro e de pae: — vale, e de sobra.
 Elle que em tanta dôr se contivera,
 Tomado pelo subito contraste,
 Desfaz-se agora em pranto copioso,
 Que o exaurido coração remoeça.

A taba se alborota, os golpes descem,
 Gritos, imprecações profundas soão,
 Emmanalhada a multidão braveja,
 Revolve-se, enovela-se confusa.
 E mais revolta em mor furor se accende,
 E os sons dos golpes que incessantes fervem,
 Vozes, gemidos, estertor de morte
 Vão longe pelas ermas serranias
 Da humana tempestade propagando
 Quantas vagas de povo enfurecido
 Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi; nem fôra justo
 Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
 Aturado labor de tantos annos,
 Derradeiro brasão da raça extincta,
 De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! clama o chefe dos Tymbiras,
 — Basta, guerreiro illustre! assás lutaste.
 — E para o sacrificio é mister forças. --

O guerreiro parou, cahio nos braços
 Do velho pae, que o cinge contra o peito,
 Com lagrimas de jubilo bradando:
 «Este, sim, que é meu filho muito amado!
 «E pois que o acho em fim, qual sempre o tive
 «Corrão livres as lagrimas que choro,
 «Estas lagrimas, sim, que não deshonrão.»

X.

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
 Guardou a memoria
 Do moço guerreiro, do velho Tupi;
 E á noite, nas tabas, se alguem duvidava
 Do que elle contava,
 Dizia prudente: — «Meninos, eu vi!

«Eu vi o brioso no largo terreiro
 Cantar prisioneiro
 Seu canto de morte, que nunca esqueci:
 Valente, como era, chorou sem ter pejo;
 Parece que o vejo,
 Que o tenho nest'hora diante de mi'.

«Eu disse comigo: Que infamia d'escravo!
 Pois não, era um bravo;
 Valente e brioso, como elle, não vi!
 E á fé que vos digo: parece-me encanto
 Que quem chorou tanto,
 Tivesse a coragem que tinha o Tupi!»

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
 Guardava a memoria
 Do moço guerreiro, do velho Tupi.
 E á noite nas tabas, se alguem duvidava
 Do que elle contava,
 Tornava prudente: «Meninos, eu vi!»

IV.

M A R A B Á.

Eu vivo sosinha; ninguém me procura!

Acaso feitura

Não sou de Tupá!

Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,

— Tu es, me responde,

— Tu es Marabá!

— Meus olhos são garços, são còr das saphiras,

— Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar;

— Imitão as nuvens de um céu anilado,

— As cores imitão das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

— Teus olhos são garços,

Responde anojado; «mas es Marabá:

«Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

«Uns olhos fulgentes,

«Bem pretos, retinctos, não còr d'anajá!»

— E' alvo meu rosto da alvura dos lyrios,

— Da còr das arcias batidas do mar;

— As aves mais brancas, as conchas mais puras

— Não tem mais alvura, não tem mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delirios:

«Es alva de lyrios,

Sorrindo responde; «mas es Marabá:

«Quero antes um rosto de jambo corado,

«Um rosto crestado

«Do sol do deserto, não flor de cajá.»

— Meu collo de leve se encurva engraçado,
 — Como hastea pendente do cactus em flor;
 — Mimosa, indolente, resvalo no prado,
 — Como um soluçado suspiro de amor! —

«Eu amo a estatura flexivel, ligeira.
 «Qual d'uma palmeira,
 Então me respondem; «tu es Marabá:
 «Quero antes o collo da ema orgulhosa,
 «Que pisa vaidosa,
 «Que as floreas campinas governa, onde está.»

— Meus loiros cabellos em ondas se annelão,
 — O oiro mais puro não tem seu fulgor;
 — As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
 — De os ver tão formosos como um beija-flor! —

Mas elles respondem: «Teus longos cabellos,
 «São loiros, são bellos,
 «Mas são annelados; tu es Marabá:
 «Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,
 «Cabellos compridos,
 «Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá.»

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
 A quem n'as direi?
 O ramo d'acacia na frente de um homem
 Jámais cingirei:

Jámais um guerreiro da minha arasoya
 Me desprenderá:
 Eu vivo sosinha, chorando mesquinha,
 Que sou Marabá!

V.

CANÇÃO DO TAMOYO.

(Natalícia.)

I.

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II.

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte:
Só teme fugir;
No arco que enteza
Tem certa uma presa,
Quem seja tapuya,
Condor ou tapyr.

III.

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as fronte,
Escutão-lhe a voz!

IV.

Domina, se vive;
 Se morre, descança
 Dos seus na lembrança,
 Na voz do porvir.
 Não cures da vida!
 Sê bravo, sê forte!
 Não fujas da morte,
 Que a morte ha de vir!

V.

E pois que es meu filho,
 Meus brios reveste;
 Tamoyo nasceste,
 Valente serás.
 Sê duro guerreiro,
 Robuste, fragneiro,
 Brasão dos tamoyos
 Na guerra e na paz.

VI.

Teu grito de guerra
 Retumbe aos ouvidos
 D'imigos transidos
 Por vil commoção;
 E tremão d'ouvil - o
 Peor que o sibilo
 Das setas ligeiras,
 Peor que o trovão.

VII.

E a mão nessas tabas,
 Querendo calados
 Os filhos creados
 Na lei do terror;
 Teu nome lhes diga,
 Que a gente inimiga
 Talvez não escute
 Sem pranto, sem dôr!

VIII.

Porêm se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz!
Na ultima hora
Teus feitos memora,
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX.

E cae como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extenção:
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X.

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

VI.

A MANGUEIRA.

Já viste cousa mais bella
 Do que uma bella mangueira,
 E a doce fruta amarella,
 Sorrindo entre as folhas della,
 E a leve copa altaneira?
 Já viste cousa mais bella
 Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores
 Se embalança o passarinho;
 Todo é graça, todo amores,
 Decantando seus ardores
 Á beira do casto ninho:
 Nos seus alegres verdores
 Se embalança o passarinho!

O cançado viandante
 Á sombra della acha abrigo;
 Traz-lhe a aragem susurrante,
 Que lhe passa no semblante,
 Talvez o adeos d'um amigo;
 E o cançado viandante
 Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
 Todas as dores acalma;
 Seja dôr que o peito inflamma,
 Ou voraz, nociva chamma
 Que nos mora dentro d'alma,
 A sombra que ella derrama
 Todas as dores acalma.

O mancebo namorado
 Para ella se encaminha;
 Bate-lhe o peito agodado,
 Quando chega o praso dado,
 Quando ao tronco se avisinha.
 E o mancebo namorado
 Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
 Mil suspiros se entrelação,
 É d'uma hora aventureosa
 Guarda a prova a cosca annosa
 Nas cifras que alli se abração:
 Sob a copa venturosa
 Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,
 Abrigo dos que o não tem,
 Deixa-me ouvir teos cantores,
 Admirar teos verdiores;
 Presta-me abrigo tambem,
 Grata estação dos amores,
 Abrigo dos que o não tem!

VII.

A MÃE D'AGUA.

Minha mãe, olha aqui dentro,
 Olha a bella creatura,
 Que dentro d'agoa se vê!
 São d'ouro os longos cabellos,
 Gentil a doce figura,
 Airosa, leve a estatura;
 Olha, vê no fundo d'agua
 Que bella moça não é!

«Minha mãe, no fundo d'agua
Vê essa mulher tão bella!
O sorrir dos labios della,
Inda mais doce que o teu,
E' como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céu.

«Olha, mãe, olha depressa!
Inclina a leve cabeça
E nas mãosinhas resume
A fina traça mimosa,
E com pente de marfim! ...
Olha agora que me avista
A bella moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim!
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ella se ri para mim!

«São seus labios entre-abertos
Semilhantes a romã;
Tem ares d'uma princesa,
E no entanto é tão medrosa! ...
Inda mais que minha irmã,
Olha, mãe, sabes quem é
A bella moça formosa,
Que dentro d'agua se vê?»

— Tem-te, meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princesa,
É menos do que é a gente.

— Oh! quantas mães desgraçadas
Chorão seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes porquê?
Foi porque derão ouvidos

À leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã:
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos.
Quando elles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira.
É terrivel tentação. —

Junto ao rio chrystallino
Brincava o ledo menino.
Molhando o pé:
O fresco humor o convida.
Menos que a imagem querida,
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o concelho prudente.
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada:
Mas uma bruxa malvada.
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'agua
Da causa tanta magoa.
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
 Já não vê o bello infante
 A sombra vã,
 E as brancas mãos delicadas
 E as longas tranças douradas
 Da sua irmã.

O menino arrependido
 Diz comsigo entristecido:
 — Que mal fiz eu!
 Minha mãe, bem 'que indulgente,
 Só por não me ver contente,
 Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella!
 E que expressão tão singela,
 Que riso o seu!
 Oh! minha mãe certamente
 Só por não me ver contente,
 Me repr'hendeu!

Espreita, sim, mas duvida
 Que a bella imagem querida
 Torne a volver;
 E na fonte crystallina
 Para ver todo se inclina
 Se a póde ver!

Acha-se ainda turbada,
 E a bella moça agastada
 Não que voltar;
 Sacode leve a cabeça.
 Em quanto o pranto começa
 A borbulhar.

E de triste e arrependido
 Diz comsigo entristecido:
 — Que mal fiz eu!...

- Leda ao ver-me parecia,
 — Era boa, e me sorria ...
 — Que riso o seu!

As aguas no em tanto de novo se aplacão,
 A lisa corrente se espelha outra vez;
 E a imagem querida no fundo apparece
 Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trazia pendente,
 Cortando-lhe o seio de brancos jasmims,
 Um iris nas cores, e as franjas bordadas
 De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
 Gemendo queixosa da leve pressão,
 Como harpas ethereas, que as brisas conversão,
 Achando-as perdidas em mesta solidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
 E o bello menino, sentado, a chorar
 «Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito:
 Por minha vontade não hei de tornar!»

A harpa dourada de subito vibra,
 A charpa se agita do seio ao travez;
 Das franjas garbosas as pedras reflectem
 Infintos luzeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão
 No fundo luzente de puro crystal;
 Fantasticos seres assomão ás grutas
 Do nitido ambar, do vivo coral!

Em tanto o menino se curva e se inclina
 Por ver mais de perto a donosa visão;
 A mãe, longe d'elle, dizia: — Meu filho,
 Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

«Vem meu amigo, dizia
 A bella fada engraçada,
 Pulsando a harpa dourada:
 -- Sou boa, não faço mal,
 Vem ver meus bellos palacios,
 Meus dominios dilatados,
 Meus thesouros encantados
 No meu reino de crystal.

«Vem, te chamo: vé a limpha
 Como é bella e crystallina;
 Vê esta arcia tão fina,
 Que mais que a neve seduz!
 Vem, verás como aqui dentro
 Brincão mil leves amores,
 Como em listas multicores
 Do sol se desfaz a luz.

«Se não achas borboletas
 Nem as vagas mariposas,
 Que brincão por entre as rosas
 Do teu ameno jardim;
 Tens mil peixinhos brillhantes,
 Mais luzentes e mais bellos
 Que o oiro dos meus cabellos.
 Que a nitidez do setim.»

Em tanto o menino se curva e se inclina
 Por ver de mais perto a donosa visão;
 E a mãe, longe d'elle, dizia: meu filho,
 Não oiças, não vejas, que é má tentação.

«Vem, meu amigo, tornava
 A bella fada engraçada,
 Vem ver a minha morada,
 O meu reino de crystal:

Não se sente a tempestade
 Na minha espacosa gruta,
 Nem voz do trovão se escuta,
 Nem roneos do vendaval.

Aqui, ao findar do dia,
 Tudo rápido se accende,
 E o meu palacio resplende
 De vivo, ethereo clarão.
 Mil figuras apparecem,
 Mil donzellas encantadas
 Com angelicas toadas
 De ameigar o coração.

«Quando passo, as brandas agnas
 Por me ver passar se afastão,
 E mil estrellas se engastão
 Nas paredes do crystal.
 Surgem luzes multicores,
 Como desses perilampos,
 Que tu vês andar nos campos,
 Sem contudo fazer mal.

«Quando passo, mil sereias.
 Deixando as grutas limosas,
 Formão ledas, pressurosas
 O meu sequito real:
 Vem! dar-te-hei meus palacios,
 Meus dominios dilatados,
 Meus thesouros encantados
 E o meu reino de crystal.»

Em tanto o menino se curva e se inclina
 Para a visão:
 E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,
 Que é tentação.

E o bello menino, dizendo comsigo: —
Que bem fiz eu!
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu:

Atira-se ás aguas: n'um grito medonho
A mãe lastimavel — Meu filho! — bradou;
Respondem-lhe os echos, porém voz humana
Aos gritos da triste não torna: — aqui estou!

POESIAS DIVERSAS.

N E N I A

Á MORTE SENTIDÍSSIMA DO SERENÍSSIMO
PRÍNCIPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO.

Á SUA Magestade o Imperador.

I.

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não, vio murcho o esmeraldino encanto;
Bem como um ai que melindroso finda,
Em quanto as faces não roreja o pranto!

Bem como a flôr inda em botão cortada,
Em quanto aromas recendia pura;
Bem como a onda quando mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,
Em quanto os céos de rosicler matisa;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimesa espra'ança do Brasil, batendo
 Ás ferreas portas da existencia, viste
 O mundo afflicto e a humanidade triste
 Seu negro fado e sua dôr soffrendo!

Cheio de compaixão atraz voltaste
 Do horrifico espectaculo; tapando
 Com as azas do anjo o rosto brando,
 E no seio do Eterno te asylaste.

Morreste! como aurora sem poente,
 Como flôr, que perfume inda exhalava!
 Como o sopro da brisa recendente,
 Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a folha verde e bella
 N'um tronco forte a despontar louçã,
 Não arrancada á sanha da procella,
 Mas leve solta aos beijos da manhã.

Morreste! como lampada brilhante,
 Inda virgem, sem dar mystica luz;
 Ou turib'lo d'incenso crepitante,
 Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
 Levárão entre palmas e capellas
 Tua alma, como uma harpa não tocada,
 Aquelle, cujo throno é sobre estrellas.

Morreste! como aurora sem poente,
 Como flôr que perfume inda exhalava,
 Como o sopro da brisa recendente,
 Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
 Em quanto no horisonte apavonou-se,
 A brisa em vendaval não transtornou-se,
 A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II.

Não ouviste, ó bello anjinho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento
Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a phalange
Com opas de luz brilhante.
Nas harpas de diamante
Cantar hosanna ao Senhor?

Teu espirito innocente,
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente illumina
Dos resplendores de Deos,
Não antevio outros gozos,
Não corren nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céos?

Viste-os, sim; porém voltando
Outra vez á vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sobre os teus restos mortaes;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteião,
Entre quantos te rodeião,
Tu não encherias teus paes!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas azas brilhantes
Dos teus ultimos instantes
O teu alento final;
E em redor delles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
N'um amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, vóá,
 Deixa a terra ingrata e rude;
 Vai onde móra a virtude,
 E premio a innocencia tem;
 Mas nos divinos prazeres,
 Mas no celeste cortejo,
 Terás o materno beijo,
 Não serás orphão tambem?

III.

Desprega tuas azas de cores suaves,
 Adeja no espaço, procura o teu Deos:
 O aroma das flores, o canto das aves,
 O que ha de mais puro se entranha nos céos.

Oh! foge da terra: bem como a neblina
 Que em rolos de neve, que espuma figura,
 Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
 Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,
 Na grávida concha dos nossos peccados
 Sumir-se no abysmo — dos raios divinos
 Os golpes apára nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemencia
 No povo, que soube teu berço guardar;
 Ampara-o nas azas da tua innocencia,
 Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de cores suaves,
 Adeja no espaço, procura o teu Deos,
 O aroma das flores, e o canto das aves
 E o que ha de mais puro se perde nos céos.

IV.

SENHOR, se na afflicção que re consome,
 Na dôr immensa, que teu peito acanha,
 Póde erguer-se do brado a voz sentida
 E aos teus soluços misturar seu pranto;
 Se a dôr do pae não absorve inteiro
 O peito angusto do Monarcha excelso,
 Enxuga as tristes lagrimas que vertes!

Melhor, talvez, que o throno é ver chorando
 Um povo inteiro em torno de um sepulchro,
 Um vacuo berço de seu pranto enchendo!
 Á sorte pois te curva, e á lei d'aquelle
 (Involta em seus reconditos designios)
 A quem aprouve nivelar, cortando
 Co'o mesmo golpe as esperanças de ambos,
 — A dôr de um pae e as afflicções de um povo! —

JANEIRO 10, de 1850.

OLHOS VERDES.

Elles verdes são:
 E tem por usança,
 Na côr esperança,
 E nas obras não.

Cam., Rim.

São uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos de verde-mar,
 Quando o tempo vai bonança
 Uns olhos côr de esperança,
 Uns olhos por que morri:
 Que ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sen lo
 Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
 Iguaes na forma e na côr,
 Tem luz mais branda e mais forte,
 Diz uma — vida, outra — morte;
 Uma — loucura, outra — amor.

Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
 Expressam qualquer paixão,
 Tão facilmente se inflammão,
 Tão meigamente derramão
 Fogo e luz do coração;

Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
 Que podem tambem brilhar;
 Não são de um verde embaçado,
 Mas verdes da côr do prado,
 Mas verdes da côr do mar.

Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho
 Pude lêr nos olhos seus!
 Os olhos mostram a alma,
 Que as ondas postas em calma
 Tambem reflectem os céos;

Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós, ó meos amigos,
 Se vos perguntão por mi,
 Que ou vivo só da lembrança
 De uns olhos côr de esperança,
 De uns olhos verdes que vi!
 Que ai de mi!
 Nem já sei qual tiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
 Deixou-se de amor finar!
 Vio uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos da côr do mar:
 Erão verdes sem esperança,
 Davão amor sem amar!
 Dizei-o vós, meus amigos,
 Que ai de mi!
 Não pertenco mais a vida
 Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

Feito ás Sras. de Itapacorá, que abrilhantarão a festa
 do Illm. Sr. ANTONIO JOSÉ RODRIGUES TORRES.

PORTO DAS CAIXAS — 25 de agosto 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe
 Cantar voltas de amor, á graça tanta
 Será mulo o cantor, nem ha de aos echos
 A cythara incivil fallar de amores?

Mandaes, que sois, senhoras, minhas musas;
 Quando a senhora manda, o escravo cumpre
 E ás supplicas da musa o vate cede!
 Afinada por vós a lyra humilde,
 Já desafeita aos sons que o peito abrandão,
 Á nova esphera se remonta agora.
 O frescor juvenil dos vossos annos,
 E as, que vos ornão, deleitosas graças,
 Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,
 Dictar-lhe os faceis, inspirados carmes.

A estrella, que fuge no céo anilado,
 Com placido brilho de noite s'inflamma;
 Na fonte e no prado
 Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
 As aves descantão á luz da alvorada,
 E a meiga toada
 Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
 Recende perfumes a flôr matutina,
 Que á luz da alvorada
 Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flôr que trescala perfumes suaves,
 A estrella que brilha no céo anilado,
 E o canto das aves,
 Que sôa no bosque virente e copado:

Se cantão, perfumão, despedem fulgores,
 É tal o seu fado: — vós sois qual são ellas,
 Sois como as estrellas,
 Na graça e no canto, sois aves, sois flôres.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces
 Encurtão-se as horas de nosso viver,
 De ver como as faces,
 Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurravão
 Do vate, cuja lyra merencoria
 Foi por vós de festões engrinaldada;
 Por vós, cujo sorriso mavioso
 Melhor perfume exhala, do que as notas
 Concertadas com arte; dai um riso
 Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
 Aos alegres convivas; e um reflexo
 Do vosso meigo olhar e brando riso
 Venha morrer na lyra do poeta,
 Como do astro-rei, quando no occaso
 Doura no campo as folhas mais humildes.

LYRA QUEBRADA.

Ah! ya agostada
 Siento mi juventud, mi faz marchita,
 Y la profunda pena que me agita
 Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
 Pede clarão ao sol, perfume ás flores,
 Ás brisas suspirar, murmúrio aos ventos,
 Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flôr, a brisa, os ventos
 E as fontes que murmurão docemente,
 Na festa da tua alma hão de seguir-te,
 Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada
 Um alegre cantar, — já murchas pendem
 As grinaldas gentis, de que a toucárão
 Donzeis louçãos, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
 Que amargo pranto destendeu sem custo;
 Quem ha que se não dóe de ouvir cantados
 Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hymno ao triste bardo!
 Verde ramo d'uma arvore gigante
 O raio no passar queimou-lhe o viço,
 Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
 Um querer sem motivo, um tédio á vida
 Sem motivo também, — caprichos loucos,
 Anheio d'outro mundo e d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
 Correr após um bem logo esquecido,
 Sentir amor e só topar frieza,
 Scismar venturas e encontrar só dores;

Fizerão-me o que vês: não canto, soffro,
 Lyra quebrada, coração sem forças
 De poetico manto os vou cobrindo,
 Por disfarçar deste arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,
 Se te ameiga fitar longos instantes,
 Sentada á beira mar, na paz de um ermo,
 Uma flôr, uma estrella, os céos e as nuvens;

Pede cantos aos ledos passarinhos.
 Á brisa, ao vento, á fonte que murmura;
 Mas não peças canções ao triste bardo,
 A quem té para mim ai já falta o alento.

A PASTORA.

Forão as trevas fugindo,
 E luzindo
 Na-ce o sol sobre o horisonte;
 Quando a pastora formosa
 E mimosa
 Já caminho vai do monte!

A relva tenra e molhada,
 Orvalhada,
 Que de noite despontou,
 Se levanta melindrosa,
 Mais viçosa
 Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantão, trinando
 E saltando,
 As aves seu casto amor;
 Aqui, alli, scintillante
 E brilhante
 Desabrocha a linda flôr.

E a pastorinha engraçada,
 Bem fadada,
 Na fresca manhã de abril,
 Vai cantando mavioza,
 E saudosa
 Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
 Toca a rez,
 Toca a rez, gentil pastora;
 Lá te aguarda o bom pastor,
 Teu amor,
 Que te chama encantadora.

Vai, pastora, vai depressa,
 Já começa
 O sol no valle a brilhar;
 Vai, que as tuas companheiras
 Galhofeiras,
 Lá 'stão com elle a folgar!

Pela aldeia entre os pastores
 Vão rumores
 De que tens uma rival,
 Nessa Alteia, a tua antiga,
 Doce amiga,
 Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores
 São traidores.

Que o homem não sabe amar:
 E que diz: Esta é mais bella;
 Mas aquella
 É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia reccios,
 Que tem meios
 De prender um coração;
 É viva, bella, engracada,
 Festejada
 Nos cantares do serão.

Como a neve em seus labores,
 Nos amores
 Que caprichosa não é!
 Zomba d'elle quando o topa,
 E o provoca
 De mil maneiras, á fé!

Té dizem — será mentira —
 Que lhe atira
 Seus motetes muita vez;
 Dizem mais, que ha prendas dadas
 E trocadas:
 Não sei, mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
 O' pastora,
 Triste de ti sem amor!
 Foras alvo dos festejos,
 Dos motejos,
 E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,
 Ao folgado
 Do domingo festival,
 Não irias, ó formosa,
 Vergonhosa
 Dos olhos d'uma rival!

Para as serras do Gerez
 Toca a rez,
 Toca a rez, gentil pastora:
 Lá te aguarda o bom pastor,
 Teu amor,
 Que te chama encantadora!

GEREZ. . . .

A I N F A N C I A.

A M^{lle} J. PICOT.

I.

Bello raio do sol da existencia,
 Meninice fagueira e gentil.
 Doce riso de pura innocencia
 Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anginho innocente,
 Quem se apresse a teus passos guiar,
 E uma voz que o teu somno acalente.
 E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos.
 Voz etherea te venha fallar,
 E visão d'outros céos, d'outros mundos.
 Venha amiga tua alma encantar.

Leda infancia gentil! e quem não te ama?
 Quem tão de pedra o coração não sente
 Aos teus encantos meigos mais tranquillo?
 Quem não sente memorias d'outras eras
 Travarem-lhe da mente; ao recordar-se
 Aquelle gozo puro e suavissimo
 De vida, que jámais não tem logrado?
 Recordações de um mundo adormecido
 Lá lhe estão dentro d'alma esvoacando,
 Como harpejos de musica longinqua!
 E a mente nos seus quadros embebida,
 Por magica illusão enfeiticada,
 Como outr'ora, talvez somente veja
 Na terra — um chão de flôres estrellado,
 E nos céos — outro chão de flôres vivas!

II.

Afagada e bem vinda e querida,
 Travessuras scismando infantis,
 Nos caminhos floridos da vida
 Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida continuo festejo,
 Sonhos d'oiro só sabe sonhar.
 Toda ella um afan, um desejo
 D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
 Logo pranto começa a verter,
 E depois outro riso lhe torna,
 E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
 Da fonte do prazer! — porém tão doces
 Essas lagrimas são! — tão abundantes,
 Tão sem causa e sympathicas gotejão
 N'uma tez de carmin, n'um rosto bello!
 Quem a vê, que sorrindo as não enchuga?
 Mas não todo consumas o thesouro
 Unico e triste, que ao infeliz sobeja
 Nas horas do soffrer, no tempo amargo,
 No qual o rosto pallido se enruga.
 E os olhos seccos, aridos chammejão,
 Será talvez bem grato refrigerio
 Uma lagrima só, em que arrancado
 A força da afflicção dos seios d'alma.
 Mas tu, feliz, sorri, em quanto a vida,
 Como um rio entre flores, se deslisa
 Macio, puro e recendendo aromas.

III.

Bello raio do sol da existencia,
 Flôr da vida, mimosa e gentil,
 Fonte pura de meiga innocencia,
 Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseje,
 Quando vê sobre a veiga formosa
 A menina travessa e ruidosa,
 Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flôr de poesia,
 Um composto de rosa e jasmim,
 Um sorriso que Deos alumia,
 Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existencia,
 Borboleta gentil! a flôr dos valles,
 Da noite á viração abrindo o calix,
 O puro orvalho da manhã te guarda:
 Inda perfumes dá, que te embriagão,
 Inda o sol quando aquece os vivos raios,
 Nas azas multicores scintillando,
 Com terno amor de pae, em torno esparge
 Pó subtil de rubins e de safiras.
 Folga e ri no começo da existencia,
 Humano serafim, que esse perfume
 São das azas do anjo, que s'impregnaõ
 Dos aromas do céu, quando atear-se:
 Roaz fogo de vida começando,
 Quanto havemos de Deos consome e apaga.

IV.

Porém tu, afagada e querida,
 Com requebros donosos, gentis,
 Vai contente caminho da vida,
 Bello anginho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
 Quando a possas um dia esentar,
 Ha de ser como rota grinalda,
 Que perfumes deixou de exhalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
 E este peito talvez sem calor,
 E memoria apagada e sumida,
 Talvez seja a do triste cantor!

URGE O TEMPO.

Move incessante os dias incansáveis
 O tempo fugitivo;
 Atraz não volta!

A. DE GUSMÃO.

Urge o tempo, os annos vão correndo.
 Mudança eterna os seres afadiga!
 O tronco, o arbusto, a folha, a flôr. o espinho,
 Quem vive, o que vegeta, vai tomando
 Aspectos novos, nova forma, em quanto
 Gyra no espaço e se equilibra a terra:

Tudo se muda, tudo se transforma;
 O espirito, porém, como centelha,
 Que vai lavrando solapada e occulta,
 Até que enfim se torna incendio e chammas,
 Quando rompe os andrajes morredouros,
 Mais claro brilha, e aos céos consigo arrasta
 Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui! sómente o affecto,
 Que se gera e se nutre em almas grandes.
 Não acaba, nem muda; vai crescendo,
 Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,
 E a propria morte o purifica e alinda.
 Simelha estatua erguida entre ruinas.
 Firme na base, intacta, inda mais bella
 Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SOBRE O TUMULO DE UM MENINO.

2.º de Outubro de 1848.

O involucre de um anjo aqui descança,
 Alma do céu nascida entre amargores,
 Como flôr entre espinhos; — tu, que passas,
 Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha,
 Que um instante correu no mar da vida;
 Romper da aurora que não teve occaso,
 Realidade no céu, na terra um sonho!
 Fresca rosa nas ondas da existencia,
 Levada á plaga eterna do infinito,
 Como offrenda de amor ao Deos que o rege:
 Não perguntes quem foi, não chiores: passa.

MENINA E MOÇA.

Ma Chavens le jour m'en dit tout les joies!
 CHESAR.

É leda a flôr que desponta
 Sobre o talo melindroso,
 E o arrebento vigoroso
 Crescendo em floreo tajiz;
 É doce o romper da aurora,
 Doce a luz da madrugada,
 Doce o luzir da alvorada,
 Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha
 Com seus musicos accentos,
 Com seus virgens pensamentos,
 Com seus mimos infantis;
 Como quanto enceta a vida,
 Que á luz sorri da existencia,
 Que tem na sua innocencia
 Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr a pouco e pouco,
 Cada vez mais bem querida,
 Tem mais encantos, mais vida,
 Tem mais brilho, mais fulgor:
 De cada gota de orvalho
 Extrahe celeste perfume,
 E do sol no raio assume
 Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,
 Pouco e pouco, noite e dia,
 Mais viva flôr de poesia
 Do rosto lhe tinge a côr;
 E um anjo nos meigos sonhos,
 Do seu peito na dormencia
 Derrama o odor da innocencia,
 Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
 Seja a luz da madrugada,
 Seja o romper da alvorada,
 Seja a virgem, seja a flôr;
 Tem mais amor, tem mais vida,
 Como celeste feitura,
 Que sabe melindrosa e pura
 D'entre as mãos do creador.

28 de Julho.

COMO EU TE AMO.

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,
 O orvalho n'uma flôr, nos céos a estrella,
 No largo mar a sombra de uma vela,
 Que lá na extrema do horisonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta.
As canções saudosissimas do nauta,
Quando em molle vai-vem a não fluctua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as cores,
Um céu com luzes, um jardim com flores,
Um canto quasi em lagrimas sumido;

Como se ama o crepusculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O susurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e seductora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os céos,
Silencio, e cores, e perfume, e vida,
Os paes e a patria e a virtude e a Deos.

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-t'o os labios meus, -- mais do que vale
Cantar a voz do trovador cançada:
O que é bello, o que é justo, sancto e grande
Amo em ti. — Por tudo quanto soffro,
Por quanto já soffri, por quanto ainda
Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!
Esta occulta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não suppões, nem te eu revelo,
Só pode no silencio achar consolo,
Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro;
 Não te direi jámais,
 Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
 Esta paixão voraz!

Se andas, sou o echo dos teus passos;
 Da tua voz, se fallas;
 O murmurio saudoso que responde
 Ao suspiro que exhalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
 Tuas pegadas sigo;
 Velo teus dias, te acompanho sempre,
 E não me vês contigo!

Occulto e ignorado me desvelo
 Por ti, que me não vês;
 Aliso o teu caminho, esparjo flôres,
 Onde pisão teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
 — Não pensa em mim, dirás:
 Imagina-o, se o podes, que os meus labios
 Não t'o dirão jámais!

Sim, eu te amo; porém nunca
 Saberás do meu amor;
 A minha canção singela
 Traço-eira não revela
 O premio sancto que anhe-la
 O soffrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca
 Dos labios mens saberás,
 Que é fundo como a desgraça,
 Que o pranto não adelgaça,
 Leve, qual sombra que passa,
 Ou como um sonho fugaz!

Aos meus lábios, aos meus olhos
Do silencio imponho a lei;
Mas lá onde a dor se esquece,
Onde a luz nunca fallece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberas se te amei!

E então dirás: «Objecto
Fui de sancto e puro amor:
A sua canção singela,
Tudo agora me revela:
Já sei o premio que anheia
O soffrer do trovador.

«Amou-me como se ama a luz querida.
Como se ama o silencio, os sons, os céos,
Qual se amão cores e perfume e vida,
Os paes e a patria, e a virtude e a Deos!»

AS DUAS CORÔAS.

He ~~meu~~ a, en tu linda frente
El laurel sienta mej^{or},
que en su regio esplendor
Corona de rey potente.

G. y S.

Ha duas c'róas na terra,
Uma d'ouro scintillante
Com esmalte de diamante.
Na fronte do que é senhor;
Outra modesta e singela,
C'rôa de meiga poesia,
Que a fronte ao vate alumia
Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão
 Os potentados da terra:
 No bojo, que a morte encerra,
 Sobre a liquida extensão,
 Levão náos os seus dictames
 Da peleja entre os horrores;
 Vis escravos. crús senhores,
 Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
 Sobre esta terra maldicta,
 Ninguem a voz lhe acredita,
 Mas riem dos cantos seus:
 Os anjos, não; porque sabem
 Que essa voz é verdadeira,
 Que é dos homens a primeira.
 Em quanto a outra é de Deos!

Se eu fora rei, não te dera
 Quinhão na regia amargura;
 Nem te qu'ria, virgem pura,
 Sentada sob o docel,
 Onde a dôr tão viva anceia,
 Tão cruel, tão funda late,
 Como no peito que bate
 Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,
 Onde a mascara do rosto.
 Cobrindo o intero desgosto,
 Ser alegre tem por lei;
 Manda Deos, sim, que o rei chore;
 Mas que chore occultamente,
 Porque, se o subera a gente,
 Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,
 Modula em meigos accentos,

Seus doridos pensamentos,
 A sua interna aflicção;
 E das lagrimas choradas
 Extrahe um balsamo sancto.
 Que vale estancar o pranto
 Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera
 Roubar-te á senda florida,
 Onde corre doce a vida
 No matutino arrebol;
 Gozas o sopro das brisas
 E o leve aroma das flores.
 E as nuvens, que mudão cores
 No nascer, no pôr do sol.

Gozão disto as que reponsão
 Em taboas de vis grabatos;
 Não quem vive entre os ornatos
 D'um throno d'onro e marfim!
 No solio triste, sentada,
 Não viras um rosto amigo,
 Nem mais viveras contigo,
 Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
 Mimosa e gentil donzella,
 D'entre todas a mais bella.
 Flôr de candura e de amor!
 C'róa melhor eu t'offreço,
 D'onro não, mas de poesia,
 C'róa que a fronte alumia
 Com a luz d'um resplendor!

HARPEJOS.

Sweetest music! . . .

SHAKESPEARE.

Da noite no remanso
 Minha alma se extasia,
 E praz-me a sós commigo
 Pensar na solidão,
 Deixar arrebatár-me
 De vaga phantasia,
 Deixar correr o pranto
 Do fundo coração.

Tudo é silencio harmonico
 E doce amenidade,
 E uma expansão suave
 Do mais fino sentir;
 Existo! e no passado
 Só tenho uma saudade,
 Desejos no presente,
 Receios no porvir!

Como licor que mana
 De cava, humida rocha.
 Que o sol nunca evapora,
 Nem limpa amiga mão;
 A dôr que dentro sinto
 Minha alma desabrocha;
 Que livre o pranto corre
 Da noite na solidão!

Attendo! ao longe escuto
 D'uma harpa os sons queixosos,
 Attendo! e logo sinto
 Minha alma se alegrar!
 Attendo! são suspiros
 De seres vaporosos,

Que mil imagens vagas
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bella
D'um tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flores?
Ten sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Em quanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi'!
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem
Da noite á viração,
Ainda escuto os echos
D'uma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A magoa adormecer;
Prosegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem
 Que em sitio solitario
 Acaso um dia vimos
 Sósinha a divagar!
 Memoria bemfazeja,
 Que o gelido sudario,
 Que a morte em nós estende,
 Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR.

E ella era esbelta e bem proporcionada;
 sua alma era como a sensitiva, e suas pa-
 lavras erão doces e tinhão um perfume,
 que se não pode comparar.

(Duas noites de luar.)

E ella era como a rosa matutina
 Formosa e bella,
 Como a estrella que á noite ao mar se inclina,
 Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
 Era delicias vel-os;
 E co' a alvura do rosto contrastava
 A côr dos seus cabellos.

Quando alguem lhe fallava, então fallava
 Com voz macia,
 Que triste dentro d'alma nos filtrava
 Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
 Do coração,
 Como sons que a mudez da noite quebrão
 Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
 No rosto ameno;
 Nuvemzinha da tarde, que se encherga
 Em céo sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
 O trovador:
 «Feliz, disse elle, quem gozára os mimos
 Do seu amor!»

E ella deu-lhe do seio uma saudade
 Murcha, e no em tanto bella;
 E elle um culto votou, scismando extremos,
 A' pallida donzella.

Como fosse, porém, breve a sua vida
 Como uma flôr;
 Em breves dias era mudo e triste
 O trovador.

Se alguma vez cantava, — então dizia
 Ao seu anjo do céo, que lá morava,
 Que de ter junto d'elle só pedia
 A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE.

Eu levo a sepultura uns apos outros,
 A donzella gentil, o velho enfermo
 E o mancebo que folga descansado
 Á sombra da ventura.

...

«Minha filha, mais depressa,
 Mais depressa um pouco andemos,
 E da aurora que desponta
 Saudavel frescor gozemos!

«Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sobre a campá núa
De um ser de peito bom, de rosto bello,
Que foi minha mulher, que foi mãi tua!

«O sol, nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios nessa campá dardejar,
E á cançada velhice é bem fagueiro
Esses restos da vida desfructar.»

Um cégo e triste velho que tremia
Á força dos invernos que passarão,
Á filha nova e bella, assim dizia,
Á filha que os amores cubiçarão.

E tinha o velho pae nos hombros della
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ella ao pae, sollicita, extremosa,
Guiava como um anjo e alva e bella.

«Nem sempre o que ora vés teu pae tem sido,
Oh filha da minha alma, oh meu thesouro,
Tambem um tempo foi que entretecido
Tive o fio vital de seda e d'oiro!

«Tambem meus olhos se expraiarão longe,
Pela vasta extensão destas campinas;
Tambem segui a tortuosa veia
Desta linda corrente que se perde
 Além, por entre penhas;
E a esmeraldina côr, de que se arreia
A relva destes prados, destas brenhas,
Meus olhos juvenis encheu de gozo,
Que agora os olhos teus tambem recreia!

«E que prazer tão grande! o sol nascia

N'um mar de luz brilhante!

Levantava-se mais, brilhava, ardia,

No prado verdejante,

Na fonte e na devesa;

E o mundo e a natureza

De puro amor enchia!

Destoucavão-se os montes de neblina,

Que meiga e adelgada

Pendia, como um véo de gaza fina

Da celeste morada,

Quando n'um mar formoso o sol nascia!

«O mundo era então luz — hoje é só trevas!

O céu de puro azul via tingido,

Via a terra de cores adornada,

E na immensa extensão d'agua salgada

Via a esteira de luz do sol luzido!

«Breve as horas passei de ser ditoso

Aqui, neste lugar, ledto escutando

Tão amavel tua mãe, tão carinhosa,

Qu'instantes curtos me teceu fallando!

«Hoje existo somente porque existes,

Desfructo outro viver que não vivia,

Quando escutão-te a voz os meus ouvidos,

Como sons de celeste melodia.

«Oh falla, falla sempre. — É doce ao velho

Som d'argentina voz, que as fibras todas

Do semivivo coração abalão,

Como d'uma harpa antiga

As deslembreadas cordas

Que á mão experta e amiga

Do trovador, n'um canto alegre estalão.

«É doce ao solitario a voz de um anjo

Na sua solidão;

E ao velho pai a voz da casta filha,

Que falla ao coração.

«É doce, qual perfume matutino,
 Que a flôr exhala,
 Que pelo peito da mulher amante
 S'interna e cala;

«É doce, como a luz que se derrama
 Pela face do mar,
 Quando brando luar, da noite amigo,
 Vem nelle se espelhar.

«Falla, bem sei que amarga é tua vida,
 Que amargo é teu penar;
 No silencio da noite tenho ouvido
 Teu peito a soluçar!

«Oh falla, tu bem vês que se a tormenta
 Tetrica voa,
 Ao ninho de seus paes o passarinho
 Rapido voa.»

— Oh meu pai, como eu quizera
 Meus pezares te esconder;
 Mas tua filha, coitada,
 Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falta,
 Que longe foge de mim;
 Sinto minha alma rasgar-se
 Por te deixar só assim;
 Meu bom pai, como está breve
 Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi em sonhos,
 A chamar-me um serafim;
 Tinha alegria no rosto,
 Mas chorava sobre mim;
 Meu bom pai, como está breve
 Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sosinho,
E tu cá ficas sem mim!
Oh que n'alma só me peza
Por te deixar só assim;
Men bom pai, que é já chegado
Da tua filha o triste fim! —

E o velho, baixo fallando,
Tristemente assim dizia:
«Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria!

«Eu tive paes extremosos,
Irmãos que m'idolatrarão,
Eu tive castos amores,
Que antes de mim se acabarão!

«Eu tive tantos no mundo
Quantos se póde chorar;
Perdi todos, tudo; ai, triste,
Só eu não pude acabar!

«Ao sopro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
Á campa todos levei!

«Minha filha me restava!
Eu já fantasma impotente,
Sobre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

«Anjo de amor e bondade,
Porque me deixaste assim!
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto pr'a mim!

«Deos, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei,
Findo o julguei; restão fezes,
As fezes esgotarei.»

E sobre a rosea face, ora amarella,
A aurora sempre bella radiava,
E o pai, ancião, que a dôr rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo della.

Nem pranto nos seus olhos borbulhava,
E nem nos labios seus a dôr gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer n'um ponto estava.

O beijo paternal, por fim, lhe estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera;
E filha e pensamento — alguém dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa!

Nos céos não tens, Senhor, bastantes anjos,
Por que os venhas assim buscar á terra?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune é vil, que ás tontas erra.

AS FLORES.

Ao Snr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO, incançavel
Botanico-florista, a quem devemos a introdução no
paiz das mais bellas e curiosas especies de flores, que
jâmais aqui se virão.

*Si-nples tributs du coeur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.*

Les Jardins. — DELILLE.

Tu que com tanto afan, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flores varias no matiz, nas formas,
Modesto horticultor, dos teos desvelos
Este só galardão recebe ao menos!
Recebe-o: tambem eu gosto das flores,

Folgo também de as ver n'um campo estreito
 De estranhas terras revelando os mimos
 E as galas d'outros céos: — aqui perfumão
 Nossos jardins de peregrina essência!
 Melhorão-se talvez, que as não contristão
 Raios tibios do sol, nem turvos ares,
 Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flores gentis, quem vos não ama?
 Em vós inspirações o bardo encontra,
 Devaneios de amor a ingenua virgem,
 A abelha o mel, a humanidade encantos,
 Odores, nutrição, balsamo e cores.
 Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
 No meio das vivaces companheiras,
 Em forma de capella as vai tecendo
 Para cingir com ella a fronte e a coma,
 Que os annos no passar não enrugarão,
 Nem as cans da velhice embranquecerão.
 Resplendor d'innocencia, onde casados
 A açucena, e os jasmims aos brancos lirios
 Um só perfume grato aos céos envia;
 Meiga c'rôa d'angelica pureza,
 Ornamento da vida — que se rompe
 Ou quando os membros delicados vestem
 O grosseiro burel da penitencia,
 Ou do noivado as galas! — lá se acaba,
 Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulto!
 Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
 A fallaz sensação d'um peito ingrato
 Não julgamos eterna, immensa, infinda!
 Alli nossos anhelos se concentram,
 Nossa vida alli jaz: — cifra-se inteira
 N'um brando volver d'olhos, n'um accento,

Que a ternura repassa, inspira, exhala!
 Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto
 Valem thronos, e mais, — o mundo e a vida!
 Mas esvae-se a paixão! que fica? Apenas
 Um saudoso lembrar d'éras passadas,
 De scismadas venturas, não fruidas,
 Ás vezes uma flor! — Flor dos amores,
 Quando extincta a paixão, porque inda existes?
 Espinhos de uma rosa emmurhecida,
 Porque sobreviveis ás folhas d'ella?
 Mais firme, mais leal, mais vivedoura
 Que a volúvel paixão, a flôr mimosa
 Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.
 Emblemas do prazer, do soffrimento,
 Mensageiras do amor ou da saudade,
 Meigas flores géntis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
 Importuna presença a voz lhe tolhe
 Do não piedoso eunucho; — estatua negra
 Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
 Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,
 Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
 E a humana flôr definha entre as mais flores;
 Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,
 E cingidos de ferro, crús soldados
 D'entorno ao mésto harem velão sanhudos!
 Ruge, fero soldão! trepica os bronzes
 Da masmorra cruel: — a planta humilde,
 E a escrava que recatas tão cioso,
 Zombão dos ferros teus! Muda e singela,
 Ao través das prisões, dos teus soldados,
 Passa a modesta flôr! Vai n'outro peito,
 Mystérios não sabidos relatando,
 Contar do infausto amor as provas duras,
 Os martyrios da ausencia, as tristes lagrimas
 Que chora — ao reiterar protestos novos!
 Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,

O orvalho as cria, as lagrimas as murchão;
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quem tem o coração a amor propenso,
Quem sente a interna voz que dentro falla,
Delicado sentir d'um brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharão;
Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou espera
E vive e sente a vida, esse vos ama:
Encantos da existencia em quanto vivos,
Do revés, do triumpho companheiras,
No berço, no docel, no mudo esquife,
Sempre amigas fieis voç encontramos.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos;
Paga-te sequer de ver mais bella,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
A flôr modesta, producção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio: 29. de Janeiro de 1849.

O QUE MAIS DOE NA VIDA.

I cannot but remember such things were,
And were most dear to me.

SHAKESPEARE.

O que mais dóe na vida não é ver-se
Mal pago um beneficio,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devera beijar!

Não! o que mais dóe não é do mundo
A sangrenta calumnia,

Nem ver como s'infama a acção mais nobre,
 Os motivos mais justos,
 Nem como se deslustra o melhor feito,
 A mais alta façanha!

Não! o que mais dóe não é sentir-se
 As mãos d'um ente amado
 Nos espasmos da morte resfriadas,
 E os olhos que se turvão,
 E os membros que entorpecem pouco e pouco,
 E o rosto que descora!

Não! não é o onvir d'aquelles labios,
 Doces, tristes, compassivas,
 Sobre o funereo leito soluçadas
 As palavras amigas,
 Que tanto custa onvir, que lembrão tanto,
 Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
 No triumphar da morte;
 Que, se se apaga a luz da vida escassa,
 Mais viva a luz rutila;
 Luz da fé que não morre, luz que esbanca
 As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dór que não tem cura,
 O que afflige, o que mata,
 Mas de afflicção cruel, de morte amara,
 É morrermos em vida
 No peito da mulher que idolatramos,
 No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flores,
 Que prende um breve instante
 O ligeiro batel á curva margem
 De terra hospitaleira;
 Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
 E tão facil se rompe

Á mais ligeira ondulação dos mares,
 Ao mais ligeiro sopro
 Da viração — destranção-se as grinaldas;
 O baixel se afasta,
 Veleja, foge, até que em plaga estranha
 Naufragado soçobre!

Talvez permite Deos que tão depressa
 Estes laços se rompão,
 Por que nos peze o mundo, e os seus enganos
 Mais sem custo deixemos:
 Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
 Que jaz solta na terra!

FLOR DE BELLEZA.

Não vejas! . . se a vires . . . — Eu sei porque o digo
 Tu morres de amor.

MA. EDG.

Se fosse rainha aquella
 Em cuja fronte singela,
 Como em tela delicada
 Luz da belleza o condão,
 Fôras rainha adorada;
 Mas rainha seductora,
 Que exige preitos n'uma hora
 E n'outra hora adoração.

Fôras rainha! e ditosos
 Teus vassallos extremosos,
 Que a renderem-te seus preitos
 Beijarão-te a nivea mão.
 Pedes amor e respeitos!
 Quem não ama a formosura,
 Quem não respeita a candura
 D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
 Ante a belleza que vemos,
 Tua angelica bondade
 Conquista a nossa affeição:
 Não es mulher, mas deidade,
 Uma fada seductora,
 Que nos pede amor agora,
 Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
 Entre a turba alegre passas,
 Entre a turba sequiosa
 De beijar-te a nivea mão;
 Dizem uns: quanto é formosa!
 Eu porém, sei que es mais bella
 Nos dotes da alma singela,
 Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,
 Como flôr que a natureza
 Cria em jardim melindroso,
 Ou n'um agreste torrão:
 Passa como um som queixoso,
 Como felizes instantes,
 Como as juras dos amantes,
 Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
 Exhala essencia divina,
 Que avigora e fortifica
 O dorido coração;
 Morto o corpo, ainda fica,
 Como em rosal arrancado,
 Leve aroma derramado,
 Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA.

Respira tanta doçura
 O teu canto, que por certo
 Abranda a penha mais dura.

EDUARD.

Revela tanto amor, tão branda sôa
 A tua doce voz canora e pura,
 Que o homem de a escutar sente no peito
 Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
 O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
 E embalada n'um ether delectoso,
 Como Aleyon nas aguas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
 A quem sósinho e taciturno vela,
 Quando, perdido n'outros mundos, nota
 A ineiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doces, menos vagas,
 Desperta o barco leve, que se avista
 Ao pôr do sol, na extrema do horisonte,
 Quando n'um mar de luz nos foge à vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
 É menos triste a fonte que serpeia,
 Menos queixoso o mar, que enternecido,
 Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,
 Derramando torrentes de harmonia
 Sobre as chagas mortaes, — balsamo sancto
 Que as mais profundas magoas alivia.

Vagas na terra, merencoria e bella;
 Mas quando deste mundo ao céo tornares,
 Juntarás teus ternissimos accents
 Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados ás harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão: — Nunca ás plagas do infinito
Subio mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso,
Onde o incenso de Deos se afina e apura.

A HISTORIA.

The flow and ebb of each recurring age.

BYRON

Triste lição de experiencia deixão
Os evos no passar, e os mesmos actos
Renovados sem fim por muitos povos!
Sob nomes diversos se encadeião:
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e gloria,
Baixeza, crime, infamia se repetem,
Quer gravados no socco de uma estatua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a historia! — rainha veneranda,
Trajando agora sedas e velludos,
Depois vestindo um sacco desprezível,
D'immunda cinza apolvilhada a fronte.
Se as virtudes do pobre não tem preço,
Tambem dos vicios sens a nodoa exigua
Não conspuea as nações; mas ai dos grandes,
Que trilhão senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulchro,
Onde se quebra a adulação sem força.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijarão; se malvado,

Cospem-lhe affrontas na vaidosa campã.
 Jámais de amigas lagrimas molhada.
 E qual do Egypto nos festins funereos.
 Maldizem bons e máos sua memoria.
 Lançando á face da real mumia
 Dos crimes seus a lacrymosa historia.
 Talvez, porém, um infortunio grande,
 Um exemplo sublime de virtude,
 Cobre dourada pagina, que aos olhos
 Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a historia! um espelho do passado,
 Folhas do livro eterno desdobradas
 Aos olhos dos mortaes; — aqui sem mancha,
 Além golfeja sangue e súa crimes.
 Tal foi, tal é: retrato desbotado,
 Onde se mira a geração que passa,
 Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
 Que lia de ser nova copia á gente nova,
 Como os annos aos annos se succedão.
 Ondas de mar sereno ou tormentoso,
 As mesmas na apparencia, que se quebrão
 Sobre as d'areia fluctuantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM.

Linda concha que passava,
 Boiando por sobre o mar,
 Junto a uma rocha, onde estava
 Triste donzella a pensar:

Perguntou-lhe: — Virgem bella,
 Que faces no teu scismar?
 — E tu, pergunta a donzella,
 Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: — Formada
 Por estas aguas do mar,
 Sou pelas aguas levada,
 Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
 Que estava triste a pensar:
 — Eu tambem vago na vida,
 Como tu vagas no mar!

— Vais d'uma a outra das vagas,
 Eu d'um a outro scismar;
 Tu indolente divagas,
 Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
 Eu, onde me leva Deos:
 Buscas a vida, — eu a morte;
 Buscas a terra, — eu os céos!

SEI A M A R.

Amor amore.

Proverbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
 Como o nauta ama a terra, como o cego
 A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do immenso pégo
 D'uma existencia misera e cançada,
 Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
 A um peito de mulher que me entendesse,
 Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porêm, que fosse minha, e que eu soubesse
Que os labios que beijeï sãõ meus somente,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de prompto derramar demente
N'outros ouvidos a palavra. o accento,
Que em extasis de amor criei fervente.

Nem corre o seu volatil pensamento,
Quando fallo, a pensar n'outros amores,
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Nãõ me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisãõ vil, embora occulta em flores.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia — ao mais querido
Cede o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Nãõ me contenta um coração partido,
Um só amor que a dous pertence, — um peito,
Que bate por dous homens, fermentido.

Se eu unico nãõ sou, — vil, nãõ aceito
Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,
Vale um throno; — partido, é dom tão pobre,
Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

A M A N H Ã.

Amanhã! — é o sol que desponta,
É a anrora de roseo fulgor,
É a pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na' flôr.

Amanhã! — é a folha orvalhada,
 É a rola a carpir-se de dôr,
 É da brisa o suspiro, — é das aves
 Ledo canto, — é da frente o frescor.

Amanhã! — são acasos da sorte;
 O queixume, o prazer, o amor,
 O triumpho que a vida nos doura,
 Ou a morte de baço pallor.

Amanhã! — é o vento que ruge,
 A procella d'horrendo fragor,
 É a vida no peito mirrada,
 Mal soltando um alento de dôr.

Amanhã! — é a folha pendida,
 É a fonte sem meigo frescor,
 São as aves sem canto, são bosques
 Já sem folhas, e o sol sem calor.

Amanhã! — são acasos da sorte!
 É a vida no seu amargor,
 Amanhã! — o triumpho, ou a morte;
 Amanhã! — o prazer, ou a dôr!

Amanhã! — o que val', se hoje existes!
 Folga e ri de prazer e de amor;
 Hoje o dia nos cabe e nos toca,
 De amanhã Deos sómente é Senhor

P O R U M A I.

Se me queres ver rendido,
 De joelhos, a teus pés,
 Por um olhar que me deites,
 Por um só ai que me dê;

Se queres ver o meu peito
 Rugindo como um vulcão,
 Estourar, arder em chammas,
 Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver `sujeito,
 Curvado e preso á tua lei,
 Mais humilde que um escravo,
 Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos
 Meu coração a teus pés;
 Por um olhar que me deites,
 Por um só aí que me dês:

Oiça, feliz, dos teus labios
 Esta só palavra — amor! —
 Estrella cortando os ares,
 Abelha sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos,
 Que o pezar me não cegou,
 Rebentarem de alegria
 Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito
 Como outra vez se incendia;
 Era a folha verde e fresca,
 Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora;
 Caiu. jaz solta. está só:
 Exposta ao fogo. arde em chammas,
 — Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
 Outra vez meu coração
 Escutarei palpitando
 De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
 Tal fui, tal me ves agora!
 Mas venha o orvalho celeste,
 Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
 Dar-lhe ás raizes calor;
 Revive de novo, e brota
 Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
 Outra vez se dependurão
 Mil florei, — alli mil aves
 Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,
 Não quero um olhar que minta,
 Nenhum suspiro fingido,
 Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
 Uma só prova, — e verá
 Minha alma, presa em teus labios,
 Como de amor se desfaz!

Ver-me-has rendido e sугeito,
 Captivo e preso á tua lei,
 Mais humilde que um escravo,
 Mais orgulhoso que um rei!

P R O T E S T O.

Imitação de uma poesia Javaneza.

Ainda quando os homens te odiassem,
 E anath'ma contra ti bradasse o mundo,
 Por ti sentira amor, te amára sempre,
 Te amára eternamente.

Este affecto jámais ha de alterar-se;
 Embora gemeos sóes ardão no espaço,
 Ou gemeas noites, em egueira eterna,
 Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
 Passa ao travez do fogo, irei contigo;
 Aos céos remonta, hei de seguir-te sempre,
 Ver-me-has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me.
 Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
 E quem dos dias tens souber o termo,
 Que a vida me deixou também conheça.

Quando nas azas da esperança corro,
 Onde me acenas, onde amor me aguarda,
 Parece-me que vôo aos ledos campos,
 Onde a esperança mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,
 Que tanto ao vivo meu amor revelão;
 Um gesto, um som dos labios teus mimosos
 Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
 Quer do teu seio irosa me repellas,
 Teu rosto na minha alma se retrata,
 E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra,
 Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
 Risonha tua imagem me apparece,
 E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja eu longe da patria infindas legoas,
 A distancia de um mundo entre nós corra,
 Em quanto além divago, preso fica
 Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,
 Não creias que o destino inexoravel
 M'os corta — antes me tem, antes me julga
 Morto por ti de amores!

F A D A R I O.

Procura o íman sempre
 Do pólo a firme estrella,
 De viva luz o insecto
 Se deixa embellezar;
 E a nave contrastada
 Das furias da procella,
 Procura amigo porto,
 No qual possa ancorar.

O íman sou constante,
 A nave combatida,
 O insecto encandeado
 Com fulgido clarão;
 E tu — a minha estrella,
 A luz da minha vida,
 O porto que me acena
 Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
 Severa no semblante,
 No olhar, na voz — debalde
 Me opprime o teu rigor;
 Se fujo dos teus olhos,
 Se mostro-me inconstante,
 Na ausencia e no desterro
 Me vai crescendo o amor!

Assim o insecto volta
 Á luz que o já queimára,
 E o íman na tormenta
 Procura o norte seu;
 Assim a nave rota,
 Que o vento contrastára,
 Entrando o porto, esquece
 Que males já soffreu.

Debalde, pois, tua alma,
 Que a minha dôr encherça,
 Se mostra aspera e dura
 Á voz do meu penar;
 Aquelle verde ramo,
 Que facilmente verga,
 Resiste ao peso, enquanto
 Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança
 De o ver revel contigo,
 Do tronco seu virente
 Separa-o de uma vez:
 Mais qu'elle venturoso
 Me julgo, se consigo
 Morrer vendo os teus olhos,
 Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
 Se finda o meu tormento,
 Que nem lembrança minha
 Terás de conservar!
 A nave, que não toca
 No porto a salvamento,
 Talvez os rotos mastros
 Atira á beira-mar.

Assim quando jazendo
 Me achar na campa fria,

Talvez tenhas remorsos
 Da tua ingratidão;
 Talvez que por mim siintas
 Alguma sympathia;
 Que em lagrimas desfeita
 Me dês amor então.

O ASSASSINO.

Pero una sola lagrima, un gemido
 Sobre sus restos a ofrecer no val.
 Que es sudario d'infames el olvido . .
 Bien con su nombre en su sepulcro están!

ZERRILLA.

Eil-o! seu rosto pallido se encova;
 Incerto, mais que os vôos d'un morcego,
 Seu andar, ora lento, ora apressado,
 Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
 Simelha luz de tocha mortuaria
 A luz que os olhos seus despedem torvos.
 Ha momentos em que seo rosto fero
 De tal arte s'enruga e se transtorna,
 Que os seus proprios amigos o fugirão
 E a propria mãe teméra unil-o ao seio!
 Quando os labios descerra, só murmura
 Frases, cujo sentido não se alcança,
 Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida!
 O que amou n'ontro tempo, agora odeia;
 Despreza o que estimou, evita, foge
 Quanto afanoso procurava outr'ora.
 Reccia a luz do sol, da noite as trevas,
 A voz do crime, da innocencia o grito!

A cholera de Deos cahio tremenda
 Sobre o seu peito, e o coração lhe opprime,

De cuja interna chaga em jorros salta
 O sangue e a podridão: horrendo e fero,
 A victima das furias do remorso,
 Terrivel e cobarde, e ao mesmo tempo
 Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
 Em quanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,
 D'uma voz, d'uma sombra se amedronta.

Não póde supportar seus pensamentos
 A sós consigo, e aborrecendo os homens,
 De os ver e de os não ver soffre martyrios.
 Na cidade, suspeita esposa, amigos,
 A mãe e os filhos; — um terror, um pasmo,
 Cuja causa recondita se ignora,
 Na voz, no rosto e gesto o denunciação
 Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobressalta!
 O som dos passos, do seu corpo a sombra,
 Das fontes o correr por entre as pedras,
 Da brisa o suspirar por entre as folhas,
 Quanto vê, quanto escuta o intimida.
 Minaz lhe brada a natureza inteira,
 Soluça um nome, que lhe erriça a coma
 E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolão,
 Batidas pelo açoite da procella,
 Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no,
 Quando passam, cuspindo-lhe o semblante;
 E Deos, o proprio Deos no espaço o grava
 Nos fuzis que os relampagos centelhão.

Tem pavor, quando sonha e quando vela.
 Deixando o leito em seu suor banhado,
 No silencio da noite — á horas mortas,
 Levanta-se medonho á voz do crime!
 Nas mãos convulsas um punhal aperta

E a lamina buida e os olhos torvos
 Agoureiro clarão despedem juntos.
 Soltando roucos sons com voz sumida,
 Apalpa cauteloso as densas trevas,
 E vai . . . caminha . . . attende . . . de repente
 Apunhala um phantasma! — solta um grito,
 Larga o punhal convulso e arrepiado!
 N'um ferrete de sangue lê seu fado,
 Um ferrete, que a dôr desfaz nunca,
 Nem lava o pranto, nem consome o tempo.
 Miseravel, provando o fel da morte,
 Ante o passo medonho se horrorisa;
 Odeia o mundo que fugir não pôde,
 Regeita a religião que o não consola,
 Odeia e teme a Deos, — teme a justiça
 De quem na fronte vil do fraticida
 Nodoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANNOS.

11 — Janeiro.

No segredo da larva delicada
 A borboleta mora,
 Antes que veja a luz, que estenda as azas,
 Que surja fóra!

A flôr, antes de abrir-se, se recata;
 No botão se resume,
 Antes que mostre o colorido esmalte,
 Que espalhe o seu perfume.

E a flôr e a borboleta, após a aurora
 Breve — da curta vida,
 Encontrão nas manhãs da primavera
 A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
 Da vida no verdor,
 Semelha a borboleta melindrosa,
 Semelha a linda flôr.

Tudo se alegra e ri em torno della,
 Tudo respira amor.
 Que é a virgem formosa semelhante
 Á borboleta e á flôr.

Mas para estas o sol breve se esconde,
 Passão prestes os dias:
 Em quanto a cada sol e nova quadra
 Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS.

And dost thou ask, what secret woe
 I bear, corroding joy and youth?
 And wilt thou vainly seek to know
 A pang e'en thou must fail to soothe?

BYRON

I.

Quando nas horas que contigo passo,
 Do amor mais casto, do mais doce enlevo,
 Sentindo um raio d'esperança amiga,
 Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,
 Sorvo o perfume que tua alma exhala,
 Gozo o sorriso que os teus labios vertem
 E as doces notas que o prazer m'entranhão;

Tu me perguntas por que um riso amargo,
 Funebre e triste me descora os labios;
 Por que uma nuvem de pezares grávida
 Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angustia,
 Um ai do peito, que exhalar não ousou,
 O meigo encanto dos teus sonhos quebra
 N'um breve instante!

Raio de amor, que sobre mim resplendes,
 Ou sol que bates n'um profundo abysmo,
 E a verde-negra superficie tinges
 De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superficie amiga,
 E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo,
 Sol bemfazejo, que te importão fezes,
 Se lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez se as viras, encobrindo os olhos,
 De horror fugindo ao temeroso aspecto,
 Os brandos lumes, d'onde amor distillas
 Breve apagáras.

Não me perguntes por que soffro triste,
 Por que da morte o negro espectro invoco,
 Por que, cansado desta vida, almejo
 A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cratera hiante
 Do peito meu, qu'inda fumea em cinzas,
 Do peito meu, onde crueis travarão
 Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasão.

Dá que nas horas que contigo passo
 Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
 Durma o passado e do porvir m'esqueça,
 E o meu presente de te amar se ameigue.

II.

Se algum suspiro de abafada angustia,
 Se um ai do peito que exhalar não ousou,
 O meigo encanto dos teus sonhos quebra;
 Tu me perdóas.

Cansado e triste de viver soffrendo,
 Da morte amiga o negro espectro invoco,
 Affiz-me as dores, e só torva ideia
 Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio
 Melhor folgára de me ver deitado,
 Sentir nos olhos estancado o pranto
 E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,
 Vagando em torno d'uma campá lisa,
 De ver-te as formas, de contar teus passos,
 E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgára, quando pranto amargo
 Dos olhos teus me rorejassem a campá,
 Dos meigos labios, onde amor temperas,
 Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgára de sentir a brisa,
 Correndo em torno ao moimento meu,
 E tu sósinha no sepulchro humilde,
 Guardando os tristes deslembados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
 Onde os teus restos junto aos meus descancem;
 E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
 Juntos nos vejam.

E quando o anjo espedaçar as campas
 Ao som da trompa de fragor horrendo,
 Que ha de o lethargo despertar dos mortos
 Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
 Hei de alegrar-me de te ver commigo,
 E as nossas almas subirão reunidas
 A eterna face do juiz superno.

E deste amor, por que ambos nós passamos,
 O galardão lhe pediremos ambos,
 Viver unidos na mansão dos justos,
 Ou nos tormentos da eternal gehenna!

III.

No em tanto a vida soportar já devo,
 Soffrer o peso da existencia ingloria,
 E revolvendo o coração chagado,
 Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
 Um echo surdo, que entre as fragas dorme,
 Ou como a fonte, que entre as pedras corre,
 Ou como a folha sob os pés calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos
 Não sepultados, — uma flôr que murecha,
 D'uma harpa a corda, que por fim rebenta,
 Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar a lua
 Pallida e bella na soidão do espaço;
 Nem vivos astros, nem perfumes gratos
 Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncoss
 Do mar, que bate as solitarias praias;
 Nem nos gemidos da frondosa selva,
 Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
 Às propias galas que vaidosa ostenta
 A natureza — não se ri minha alma,
 Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
 Mudo cadaver dos festins do Egypto,
 Se ver pudesse, contemplando o nada
 Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
 Teus meigos olhos, donde o amor lampeja;
 Pois que os teus labios para mim se abirão,
 Teus meigos labios;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
 Embalsamou-me o coração de aromas;
 Já que os prazeres da eternal morada
 De longe, em sonhos, antevi contigo:

Já posso a vida supportar, já devo
 Sofrer o peso da existencia inutil;
 Já do passado e do porvir me esqueço,
 E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRACTAÇÃO.

*Se reo, non mi difendo,
 Puniscimi, se vuoi!*

METASTASIO.

Perdoa as duras frases que me ouviste:
 Vê que inda sangra o coração ferido,
 Vê que inda luta moribundo em ancias
 Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,
 Sofrear minhas iras vingativas,
 Deixar que as minhas lagrimas corressem
 D'entro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus labios,
 Mordel-os té que o sangue espadanasse,
 Afogar na garganta a ultriz sentença,
 Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito,
 Conter meu coração, que não pulsasse,
 Apagado volcão, que inda funega,
 Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,
 Se uma hora fui feliz quando te amava,
 Se ideei breve sonho de venturas,
 Dormido em teu regaço;

Luz mimosa de amor, que te apagaste,
 Ou gota pura de crystal luzente
 Filtrando os poros de uma rocha a custo,
 Cahida em negro abysmo!

Devera pois meu pranto borrifar-te
 Amigo e bemfazejo, como aljofar
 De branco orvalho em perolas tornado
 N'um calice de flôr;

Não converter-se em pedras de saraiva,
 Em chuva de granizo fulminante,
 Que em chão de morte as petalas viçosas
 Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
 Cuja lyra sonora
 Resoa como a queixosa,
 Trepida fonte a correr;
 Que só tem palavras meigas,
 Brandos ais, brandos accentos,
 Cuja dôr, cujos tormentos
 Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,
 Que não andou em procura
 De terrena formosura,
 Nem as graças lhe notou!
 Que lhe não deu sua lyra,
 Que lhe não deu seus cantares,
 Que lhe não deu seus pezares,
 Nem junto della quedou!

Antes na mente escaldada
 Forma um composto divino
 De algum ente peregrino,
 De algum dos filhos dos céos,
 E ante essa imagem creada,
 Que vê sempre noite e dia,
 Dobra as leis da phantasia,
 Acurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,
 É d'ella quando suspira,
 É d'ella quando na lyra
 Entoa um canto feliz:
 D'ella acordado ou dormido,
 D'ella na vida ou na morte,
 Tenha alegre ou triste sorte,
 Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,
 A scismada phantasia
 Ha de o poeta algum dia
 Junto de Deos encontrar;
 E que havendo-a produzido
 Antes do mundo formado,
 Dê-lhe um sonhar acordado
 Por um viver a sonhar!

A N H E L O.

No lago interior d'um peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitarão,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céu desenhão cores.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,
De corrosivas lagrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei n'um beijo,
Onde as luzes do céu reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus canticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céu sómente brilhão.

Que outra c'rôa melhor, que outra mais pura,
Que uma c'rôa d'amor em fronte virgem?!
Não peza sobre a fonte, não esmaga,
Não punge o coração, — é toda amores!

Que outra c'rôa melhor, que outra mais bella
Que a aureola, que Deos concede aos vates?
Com sorriso de amor, talvez com pranto,
Cede-a o vate á mulher, que mais o inspira!

Eu t'a cedo, eu t'a dou! C'rôo-te imagem
Resplendente, invejada entre as mulheres;
Um beijo só de amor tu me concedas;
Um suspiro sequer do peito exales.

QUE ME PEDES.

Tu pedes-me um canto na lyra de amores,
 Um canto singelo de meigo trovar?!
 Um canto fagueiro já — triste — não pôde
 Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora, coberto meu leito de flores,
 Um canto singelo já soube trovar;
 Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,
 As notas d'outr'ora não posso encontrar!

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito
 Em cantos singelos podia trovar;
 Mas hoje, soffrendo, como hei de sorrir-me,
 Mas hoje, trahido, como hei de cantar?

Não peças ao bardo, que afflieto suspira,
 Uns cantos alegres de meigo trovar;
 A' lyra quebrada só restão gemidos,
 Ao brado trahido só resta chorar.

O CIUME.

Oh! quanta graça e formosura adorna
 Ten rosto eloquente e vivo!
 Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,
 Prestes outro sorrir dos mens rebenta;
 Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,
 Debalde o pranto meu represso engulo;
 Se do ten rosto as rosas se esvaecem,
 Eu sinto de temor bater meu peito;
 E quando os olhos teus nos meus se fitão,
 Nem pezares, nem dores me dominão;

Mas sinto que o meu peito se entenece,
 Sinto o meu coração bater mais livre,
 Sinto o sorriso, que me ri nos labios,
 Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
 Sinto delicias n'alma!

Quanta belleza tens! — quer dessas graças,
 Que o amor inveja — n'um saráu brilhante
 No meio de bellezas, que supplantas,
 Prazer e galas de as mostrar ressumbres;
 Quer estejas sósinha e pensativa.
 Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou n'um corseil em páramos extensos,
 Correndo affoita e louca, e o pé mimoso
 Da carreira no afan por sob as vestes
 Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,
 Que de um lago tranquillo as aguas frisa,
 Soltando a voz ás brisas namoradas,
 Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descavada
 O mar e os céos contemples pensativa,
 E a redeas sôltas do pensar divagues
 Nos campos do infinito;

Es sempre bella: já teus olhos brilhem
 Luz que fascina, ou morbidos reflexos,
 Teus labios entre-abertos sempre exhalão
 Calor, que incendio ateia.

Oh! que bella tu es, quando assentada
 No teu balcão. ao refulgir da lua,
 Manso te apoias em coxins de seda,
 E o bello azul dos céos triste encarando
 Pensas em Deos, — talvez no teu futuro,
 Talvez nos teus pezares, — que na fonte
 De limpha pura, crystallina e fresca
 Aquatica serpente usa occultar-se.

Mas como es bella assim! co'a mão sem força
 Tirando sons perdidos, sons que encantão.
 Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes!
 Mas como es bella assim! — quando o teu peito
 Entre a gaza subtil de leve ondeia!

Como a onda do mar pausada e fraca
 Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
 A' doce praia, onde os seus ais se quebrão;
 Assim teu peito bate, e nos teus labios
 Do extremo palpar morre um suspiro.
 Como d'harpa afinada a corda sóa.
 Mal desfere seus sons outro instrumento;
 Assim tambem minha alma se entristece,
 Assim tambem meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
 Porque sou teu escravo, — bem que saiba
 Que se a tua alma a belleza
 Tem de um anjo a formosura,
 Não tens de um anjo a candura,
 Nem tens delle a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeco
 Do inferno crus tormentos!
 Porque dos zelos o fel mancha minha alma
 De negros pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
 Eu quero sentir dôr;
 Quero labios que entronem nos meus labios
 Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
 Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
 Quero beijos só teus, caricias tuas;
 Que dão morrer!

Que importa ao edificio que seintilla,
 De roaz fogo tomado,
 Ser por um raio abrasado
 Ou por ignobil favilla?

É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre d'incendio, o clarão,
Sempre o amor que estúa e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA.

(N'UM ALBUM.)

A nuvem doirada se expraia no occaso,
Roçando co'as franjas o throno de Deos;
A aguia arrojada seus vôos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flôr do deserto,
Embora dos ventos o sopro fatal
Embrace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitão as nuvens no incerto vagar:
Vão sós como as aguias, — exhalão perfumes,
Suspirão queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das lyras a lyra melhor;
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão
Saudes, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM.

A. D. A. C. G. A.

I.

Que sonha a donzella,
Tão vaga, tão linda,
Bemquista e bemvinda
Na terra e no céu?
Que scisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéo?

Que faz a donzella,
Se lagrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimão a tez?
Que sonha a donzella,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,
Que scisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dores
D'íngratos amores,
O riso a que vem?

Semelha a donzella,
Que ri-se e que chora,
Á limpida aurora,
Que orvalha dos céos;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
 Aventar teus angelicos desejos,
 Saber de quantas ledas fantasias,
 De quantos melindrosos pensamentos
 Um suspiro se nutre, um ai se gera.
 Virgem, virgem de amor, que vais boiando
 Á flôr da vida, como rosea folha,
 Que aragem branda sacudio nas agnas;
 Que genio bom a magica vergasta
 Em troco de um sorriso te concede?
 Que poderosa fada te embalsama
 A vida e os sonhos? — que celeste archanjo
 Embala, agita as creações que idéas.
 Como em raio do sol dourados átomos
 Com que invisivel ser brincar parece!
 Virgem, virgem de amor, quaes são teus sonhos?

III.

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
 Na liquida extensão do mar salgado
 Correr com mansas brisas
 Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim brancas de neve
 Rutilão d'entre as flamulas e cores,
 E o barco airoso e leve
 Nos remos voga de gentis amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,
 Nem a companha entre bulcões desmaia;
 Aragem fresca e pura
 Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
 De um regato sentada á branda margem,
 Ver surgir de repente
 De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construcções fantasiando,
 Vês agulhas subtis cortando os céos,
 E a luz do sol doirando
 Rutilos tectos, altos cornicheos.

Sonhas talvez palacios encantados,
 Espaçosos jardins, fontes de prata,
 Vergeis de sombra grata,
 Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,
 Passar a facil quadra dos amores,
 Tendo em laço de flores
 Preso de quem mais amas peito e vida!

IV.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos?
 Aventar teus mais intimos desejos,
 E ser o genio bom que t'os cumprisse!

V.

Nem só prazeres medita,
 Nem só pensa em bellas flores;
 Muitas ha que almejam dores,
 Como outras buscão amor:
 É que as punge atra amargura,
 Que o peito anceia e fatiga;
 É sêde que só mitiga
 Talvez afflicção maior.

Quasi gozão, quando vertem
 Um pranto cançado e lento;
 Quando um comprido tormento
 Lhes derrete o coração:
 Não é martyrio de sangue,
 Como nas eras passadas;
 Mas ha lagrimas choradas,
 Que tambem martyrio são.

Ha dores que melhor ralão
 Que provas d'agua ou de fogo
 Que ver apinhado o povo
 N'um banquete canibal;
 Que sentir no amphitheatro
 As vivas carnes rasgadas
 Pelas presas navalhadas
 De um fero lobo cervical.

VI.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
 Aventar teus mais fundos pensamentos,
 E ser o genio bom que t'os cumprisse,
 Quando fossem de amor teus meigos sonhos!

VII.

Mas donde mana essa fonte
 De inexplicavel ternura,
 Que os golpes da desventura
 Não podem nunca estancar;
 Essa vida toda extremos,
 Esse ardor de todo o instante,
 Esse amor sempre constante,
 Que nunca se vê mingoar?

Quizera, virgem donosa,
 Saber a origem divina
 Dessa fonte peregrina
 De tanta luz e calor;
 Então pudera em meus cantos,
 Tratar dos teus meigos sonhos,
 Formar uns quadros risonhos
 De quanto sentes de amor.

Roubando as cores do Iris,
 Das estrellas os fulgores,
 O aroma que tem as flores,
 O vago que tem o mar;

Talvez pudera os mysterios,
 As douradas phantasias;
 As singelas alegrias
 D'um peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA.

*Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
 Je n'en puis comparer le lointain souvenir
 Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
 Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.*

MUSSET.

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
 Perpassa a brisa pelo rosto teu,
 Como suspiro que um menino exhala;
 Na voz da brisa quem murmura e falla
 Brando queixume, que tão triste cala
 No peito teu?

Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
 D'afflicto pranto com sombrio vêo,
 Rasgado o peito por acerbos dores;
 Quem murcha as flores
 Do brando sonho? — Quem te pinta amores
 D'um puro céu?

Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguem te acorda do celeste arroubo,
 Na amenidade do silencio teu,
 Quando tua alma n'outros mundos erra,
 Se alguem descerra
 Ao lado teu

Fraco suspiro que no peito encerra;
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se afflige de te ver chorosa,
 Se alguém se alegra co'um sorriso teu,
 Se alguém suspira de te ver formosa
 O mar e a terra a enamorar e o céo;
 Se alguém definha
 Por amor teu,
 Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS.

Amo uns suspiros quebrados
 Sobre uns labios nacarados
 A gemer, a soluçar;
 Como a onda bonançosa,
 Que n'uma praia arenosa
 Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
 Uns accentos de ternura,
 Que trazem vida e calor;
 Que se derramão a medo,
 Como temendo o segredo
 Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora
 Terna virgem que descora,
 Presa d'interna afflicção;
 Amo um riso, um gesto vivo,
 Um olhar honesto, esquivo,
 Que alvoroça o coração.

Porêm mais que o olhar honesto,
 Mais que o riso e brando gesto,
 Mais do que o pranto a correr,
 Mais que a voz, quando amor jura
 Que um suspiro de ternura,
 Que vem aos labios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
 Quando rompe o véo do pejo,
 Mal sentido a murmurar:
 É viva flôr de esperança,
 Que nos promette bonança,
 Como a flôr do nenuphar.

Mente o olhar, mesmo em donzella,
 Mente a voz que amor assella,
 Mente o riso, mente a dôr;
 Mente o cançado desejo;
 Só não mente o som de um beijo
 Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas
 São duas almas unidas,
 Que o mesmo fogo consume:
 São laço estreito de amores;
 Porque são os labios flores
 De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
 Sello breve, laço estreito
 D'um cançado bem querer;
 Saibo dos gozos divinos,
 Que nos labios femininos
 Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
 Triste de mim! se eu pudera
 Dizer o que os beijos são:
 Sei que inspirão luz e calma,
 Sei que dão remanso á alma,
 Que trazem fogo á paixão.

Sei que são flôr de esperança;
 Que nos promettem bonança,
 Como a flôr do nenuphar:
 Quem fruio um ledo beijo,
 Ter não póde outro desejo,
 Nada já póde gozar.

Sei que delles não se esquece
 Triste velho, que esmorece
 Á mingoa de coração:
 Viva estrella em noite escura,
 Viva braza em cinza pura.
 Em neve algente um vulcão.

Sei que fruil-os uma hora
 De ventura seductora,
 É subir em vida aos céos,
 É fugir da vida escassa,
 Roubar ao tempo que passa
 Um dos momentos de Deos.

Sei que são flôr de esperança,
 Que nos promettem bonança,
 Como a flôr do nenuphar!
 Quem os fruio, o que espera
 Já gozou, já não tem era,
 Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA.

Antes d'espírar el día,
 V: morir á mí esperanza.

ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemencia
 E esta vida cruel, amargada?
 Des'que os olhos abri á existencia
 Um vislumbre de amor não achei!
 Nem uma hora tranquilla e fadada,
 Nem um gozo me foi lenitivo!
 Mas no mundo maldicto, em que vivo
 Quantas ancias, meu Deos, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
 Quando outr'ora corri descuidoso
 Traz de um bem, não real, mas sonhado,
 Transbordava de sonhos gentis:
 Eu julgava que a um peito brioso
 Ou que a uma alma, que facil s'inflamma
 Por virtudes, por gloria, ou por fama,
 Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meos prantos
 A sorrir-se p'ra mim caroavel,
 Reflectindo celestes encantos,
 Que era visto d'um prysma ao travez:
 Hoje trevas em manto palpavel
 Me circundão, — nem já por acerto
 Vejo triste nos prantos, que verto,
 Luz do céu reflectida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flores,
 Afagadas do sopro da brisa,
 Disputando do sol os fulgores,
 Balançadas no debil hastil!
 Estas fontes de prata, que frisa
 Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
 Estas selvas sem fim, susurrantes,
 Estes céos do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
 Que jaz morta, qual flôr resequida;
 Só me resta a querida lembrança
 Que o martyrio se acaba nos céos:
 Foge pois, ô minha alma, da vida,
 Foge, foge da vida mesquinha,
 Leva timida esp'rança, caminha,
 Té parar na presença de Deos!

Qu'estes gozos de ethereos prazeres,
 Que esta fonte de luz que illumina,

Que estes vagos phantasmas de seres,
 Que scismando só posso enxergar;
 Que os amores de essencia divina,
 Que eu concebo e procuro e não vejo,
 Que este fundo e cançado desejo,
 Deos somente t'os póde faltar.

Vai assim a medrosa donzella,
 Pura e casta na ingenua belleza,
 Buscar luz á remota capella;
 Branca cera na pallida mão;
 Tudo é sombra, silencio e tristeza!
 Mas ao toque do fogo sagrado,
 Arde em chammas o cirio apagado,
 Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE.

*Sur mon front, où peut-être s'achève
 Un songe noir qui trop longtemps dura,
 Que ton regard comme un astre se lève,
 Soudain mon rêve
 Rayonnera.*

V. Hugo.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
 Conheça alegrias, desfrute prazeres,
 Que nunca provei;
 Que ao menos nas azas de um sonho mentido
 Perdido — arreouado, também diga: amei!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida
 Me corre penosa. — que amarga por vezes
 A propria illusão!
 No pallido riso d'uma alma afligida,
 Qu'invida — ser leda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,
 Nos olhos de estranhos sympathico brilha;
 Mais agro penar

Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chamma — revela, que alinea occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areas fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cançada, — não vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas agnas revoltas
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,
Se póde dormir,
As vagas cruzadas, em sustos involtas,
As soltas — escuta raivosas bramir.

Talvez porèm sonha que as ondas mendaces
O levão domadas á terra querida,
Qu'entrou em seus lares! ...
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça, — que frua prazeres
D'um placido amor;
Vem tu como estrella da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então socegado,
Scismando prazeres, que n'alma s'entranhão,
D'um riso dos teos
Coberto o meo rosto, — fugira o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céos.

Vem junto ao meu leito, quando eu for dormido,
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;
Não soffro — direi:

E ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

O B A I L E.

Sonemos gozando
 Fortuna tan vana!
 Y el sol de mañana
 que vea al salir
 que al son de la orquesta
 Danzando en la fiesta,
 No es carga funesta
 La vida feliz.

ZORRILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão
 Nos prysmas de crystal repercutidas,
 Em quanto as flores
 Dos bufetes nas jarras coloridas
 Aceres odores
 Soltão, ao mar de luzes misturando
 D'innocente perfume outro mar brando.
 Com requebros e amor gentis donzellas,
 Em riso e festa,
 Medindo os passos
 Aos sons da orchestra,
 Pendem dos braços
 Do namorado, lepidó galan!
 Esta risonha, aquella pensativa,
 Outra menos esquivã,
 Attenta ás vozes, que o prazer lhe entranhão,
 E á fraze cortezã,
 Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
 Vão descuidosas,
 Nos labios risos,
 Nas faces rosas,
 Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo ás bellas! o prazer começa:
 Correm nas taças vinhos espumosos,
 Gratos licores;
 Tangida pela mão dos Trovadores
 Desfaz-se a lyra em sons melódiosos,
 Em cantico de amores

Soltão mais viva luz as brancas velas,
 Melhor perfume as flores.
 Activa-se o prazer; triunfo ás bellas!
 Aqui, alli, alem, mil rostos meigos,

Da walsa ao gyro rapido se mostram,
 De gemmas ennastrados os cabellos;
 E o peito que anhelante
 Palpita entumecido,
 Nas ondas do prazer ebrifestante,
 D'um leve colorido
 Banha o semblante,

Que mais e mais co'a noite se enrubece:
 Triunfo ás bellas, — o prazer recresce!

Perdido emtanto neste mar de luzes,
 Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
 Contemplo indifferente
 Quanto em redor diviso;
 E entre tanto ruido e tanta gente,
 Nem um sorriso
 Verdadeiro, innocente!
 Nem um sincero raio de alegria,
 Nem um peito contente
 Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim: — Talvez aquella,
 Que tem melhores cores,
 Que mais leda se mostra,
 Que mais feliz no gesto se revela,
 Sente máis finas dores;
 O intimo desgosto,
 A febre que a devora
 Lhe dá calor ao rosto
 E no silencio chora;
 Presa de uma afflicção devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimivel
 O coração me aneia;

E triste e solitario n'um recanto,
 Nunca mais solitario, nem mais triste
 Do que entre a multidão que me rodeia,
 Não encontro maior, mais doce encanto
 Que deixar-me arrastar por uma ideia,
 Que me avassalla a mente.
 Que m'importa esta gente,
 Estes rostos que vejo e não conheço,
 E o riso a que mil outros dão apreço?
 Esta fingida alegria,
 Esta ventura que mente,
 Que serão dellas ao romper do dia?
 Destas virgens louças as mais mimosas
 Mortas serão talvez antes que murchem
 Do branco rosto as encarnadas rosas!
 Grinaldas festivaes, que a morte espalha
 No lugubre terreiro;
 O pó as enxovalha,
 Murchas aos pés do esqualido coveiro!

DESALENTO.

Without a hope in life!

CRABBE.

Nascer, lutar, soffrer! — eis toda a vida:
 D'esperança e de amor um raio breve
 Se mistura e confunde
 Ás cruas dores d'um viver cansado,
 Como raio fugaz que luz nas trevas
 Para as tornar mais feias!

Da verde infancia os sonhos melindrosos,
 Nobres aspirações da juventude,
 Amor de gloria stulto,
 Com que mais alto a mente se extasia;
 São vãos phantasmas, que produz a febre,
 São illusões que mentem!

São as folhas virentes arrancadas
 D'um arbusto viçoso, antes que brotem
 Da primavera as flores;
 A pennugem que nasce antes das azas,
 Um esteril botão, que não dá flores,
 Ou flôr que não dá fructos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
 Como areas d'um paramo deserto,
 Resequido, abrasado;
 Provoca o teo soffrer, teo pranto espreita.
 Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas
 Nos areas da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te:
 As setas da calumnia irão cravar-t'ô
 Na parte mais sensivel:
 Se tens alma, se electrico palpitas
 De patria e de virtude aos nomes sanctos,
 Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,
 Ás mãos ambas ferindo o peito credulo
 Exclamar delirante:
 «Minha patria onde está? — Onde estes homens,
 «Que a par de meos irmãos amar devera,
 «Da mesma patria filhos?

«E a virtude tambem, onde hei de achal-a?
 «Se é mais que nome vão, onde é que existe?
 «Onde é que se pratica?

«Se os modernos Catões a graça esmolão
 «Do rei — ou, cortesãos da população,
 «Rojão por terra ignobeis!

«Se a mão do poderoso, a mão dourada
 «Do crime impune — esbofeteia as faces
 «Do homem vil, que a beija!
 «Oh! meos irmãos não gão, não são os filhos
 «Desta patria, que eu amo; — torce o rosto
 «De os vêr a humanidade.»

Despe-se a vida então dos seus encantos,
E o homem na lembrança revivendo

O percorrido estadio,
Tem por marcos de estrada o monumento,
Com que os mais fortes laços se desatão,
— A pyramide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as cores,
Sem illusões, sem fé — nublado, escuro
O presente e o porvir,
No crepe d'abortadas esperanças
S'involve — e os olhos tesos no sepulchro,
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
Pela face da terra! — amigo lume
Não me convida ao longe;
E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
Digo: — longe serei antes do occaso; —
E a divagar prosigo.

Mal accito conviva me despeço! ..
As calumnias que soffro, a dôr que passo,
Não me ferem profundas;
Bem como a rola, que das matas desce,
E nas azas recebe o pó da estrada,
Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,
A só esperança que aos mortaes não falha!
Morrerei tranquillo;
Bem como a ave, ao por do sol, deitando
Debaixo d'aza a tímida cabeça,
Da noite o somno aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ.

(TRADUÇÃO.)

Eis que tomba da abobada celeste
 O archanjo audaz, o seraphim manchado,
 Desenrolando o corpo volumoso,
 Despenhado precipite, — qual mundo
 Dos eixos arrancado, — como um vivo
 Dos céos fragmento enorme, eil-o cahindo!
 Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,
 Donde inda os seos ignaes lançavão raios;
 Cahia! — e a cerviz no espaço ardendo
 As espheras dos sóes de cór de sangue,
 Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,
 Rival do creador! — té o imo peito
 Pelas frechas do anáthema varado,
 Como n'um turbilhão, desce rodando;
 Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,
 E elle occulta a cabeça,
 Como que procurasse
 Nas entranhas da noite
 Esconder seu desdoiro.

Clamavão — longe — os mundos com voz forte:
 «Que insensato! onde vae? Nesse arrojado,
 Frenetico voar, que vento o impelle,
 Que de astro em astro vae, d'um céu em outro?
 Vede como é sombrio!

Oh! quão outro que está d'aquelle archanjo
 De tão bello semblante,
 Lucifer radiante,
 Cujo sopro era como o romper d'alva,
 Que as portas da manhã nos céos abria.

Trazendo comsigo a aurora,
 Que o seo alento accendia!
 Acaso o reconheceste?
 Era hontem brilhante, novo e bello;
 E hoje é feio e nu e descalvado,
 Nas azas da tormenta balouçado,
 Nas azas dos bulções:
 E os seos olhos fulminados
 Já sem pupillas fumegão,
 Quaes crateras de vulções!»

O archanjo os esentava, ameaçando-os
 Co'o olhar fulminante;
 Que cheio d'impio orgulho já sentia
 Uma c'rôa de rei cingir-lhe a fronte.
 Todos os astros que no espaço gyrão
 Seos olhos d'irritados fascinavão;
 E os astros todos de terror tremião,
 Saudando a coruscante realeza.
 E já os céos sem fim, estrellas, mundos
 Traz delle se perderão;
 E nas profundas solidões do espaço
 O archanjo abandonado apenas via
 A noite, e sempre a noite!
 Tem medo, olha, procura . . . — Um astro! um astro!
 Transviado nos céos! — O archanjo o avista!
 Estende a mão convulsa arrepellando-o:
 Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido
 Tral-o potente ao limiar do inferno,
 Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
 Ao tetro boqueirão levou comsigo.
 E duas vezes, como um negro abutre,
 Lutando corpo a corpo, de canção
 Sentio-se esmorecer.
 Duas vezes tambem o astro victima.
 Supplicando medroso, as igneas azas

Bateu, sublime grito aos céos mandando.
 O nome do Senhor por duas vezes
 O rebelde venceo, — elle sosinho
 Cahio no fundo abysmo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

(TRADUÇÃO.)

Maria, porque me foges,
 Porque me foges, donzella?
 Minha voz! o que tem ella,
 Que te faz estremecer;
 Tão temível sou acaso?
 Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos
 Descubro d'altos coqueiros,
 Junto as margens dos ribeiros,
 A sombra tua a vagar;
 Julgo vêr passar um anjo,
 Que os meos olhos faz cegar.

E dos labios teos se escuto
 Deslisar-se a voz, Maria,
 Cheio de estranha harmonia
 Pulsa o peito meo queixoso,
 Que mistura aos teos accentsos,
 Tenue suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-t'ia
 Mais do que as aves cantando,
 Que vem da terra voando,
 Em que eu a vida provei;
 Da terra onde eu era livre,
 Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realza,
 Hei de perder da lembrança;
 Família, dever, vingança ...
 Té a vingança m'esquece,
 Fructo amargo e deleitoso,
 Que tão tarde amadurece!

Es, Maria, qual palmeira,
 Altiva, esbelta, engraçada,
 No tronco seo balançada
 Por leve brisa fagueira;
 No teo amante a rever-te,
 Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
 A tempestade valente
 Corre as vezes de repente
 Por acabar apressada
 Com seo halito de fogo
 A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
 Sente a verdura sumir-se
 A palmeira, e contrahir-se
 A palma sna ao redor,
 Que de cabellos dava ares,
 De c'rôa tendo o splendor.

D'Hespaniola, ó branca filha,
 Teme por teo coração;
 Teme a força do vulcão
 Que vai breve rebentar!
 Que, depois, amplo deserto
 Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
 De me haveres desdenhado,
 Porque houveras encontrado
 Salvação no meo amor:

Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei;
Que d'entre as fronte's humanas,
Entre as fronte's soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu es branca;
Mas qu'importa? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora também,
Que mais luzentes bellezas,
Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO.

*Et abiit, seditque e regione procul quantum
potest arcus jacere; dixit enim: non videbo
morientem puerum: et sedens contra, levavit
vocem suam et fleuit.*

Genesis, Cap. 12, 16.

Pallido o rosto e queimado
Pelo sol do Egypto ardente,
Sahia a escrava innocente
Co' o filho innocente ao lado
Da tenda patriarchal.
A probresinha chorava!
Alguns pães e um frasco d'agoa
E um peito cheio de magoa!...
Vê, contempla, ó triste escrava,
Teo sepulchro no areal.

Abrahão se compadece;
Mas debalde o sollicita
Piedade sancta, — de afflicta
Sem queixar-se, lhe obedece

A triste escrava do amor.

Quizera talvez detel-a...

Porêm que? — Sarai lh'implora,
Deos lhe ordena: — vae-te embora,
Vae-te escrava; e a tua estrella
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
Sobre as tendas alvejantes;
E n'outros pontos distantes
Combros d'areia feria,
Outr'ora leito d'um mar;
Esse caminho procura,
Que nas ondas do deserto
Talvez ache por acerto
Patria, abrigo, amor, ventura
A prole infausta d'Agar.

Vae, caminha; mas ao passo
Que no deserto s'entranha,
Arde o sol com furia estranha,
Racha a areia o pé descalço,
Cresta o vento os labios seos;
E ao lado o filho innocente
Soltava tristes gemidos,
Co'os olhos humedecidos
Fitando a mãe ternamente,
Que os olhos tinha nos céos!

Procura terras do Egypto:
Porêm debalde as procura:
Vae a triste, sem ventura,
Lento o passo, o rosto afflicto,
Pela inculca Bersabé.

Seo Ismael desfallece;
No deserto immenso, adusto,
Não encherá um só arbusto:
Jehovah delles s'esquece!
Cresce a dôr, e mingua a fé.

Pede sombra o triste infante:

Não ha sombra, — agoa supplica;

Exhausto o vaso fica.

Pede mais d'istante a instante....

Pobre escrava, oh! quanto dó!

Podesses rasgar as veias,

Tornar agoas innocentes

Tuas lagrimas ardentes;

Mas só vês d'um lado arcias,

D'outro lado arcias só.

Pois não ha quem o proteja,

Diz a escrava lá consigo,

Vendo o fado seu imigo,

Meu filho morrer não veja,

Bem qu'eu tenha de morrer.

A um tiro d'arco distante

Se arrasta com lento passo,

Tomba o corpo inferno e lasso,

E amargo pranto abundante

Deixa dos olhos correr.

Deos porém ouvira a prece

Da escrava, da mãe coitada,

E da celeste morada

Librado um archanjo desce

Nas azas da compaixão.

Expira em torno ar de vida,

Um aroma delectoso,

E n'um sonho aventuroso

Agar seus males olvida,

Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, ó triste escrava,

Deos senhor sobre ti vela!

Dorme e sonha: — a tua estrella

Nasce como um romper d'alva

Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha,
 Que te vexa, — esquece tudo;
 Deos senhor é teu escudo;
 Já não es serva, es rainha
 D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
 Descobrimos incognitas paisagens,
 Densas florestas, aridas planuras
 E de rios caudaes virentes margens;

Assim da villa o sonho te arrebatá,
 Rasgando o veo do tempo e do infinito,
 E uma scena vistosa te retrata,
 Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
 Nos prainos do deserto eleva as tendas,
 E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
 Provoca e trama asperrimas contendás!

São doze os filhos — doze reis potentes —
 Com elles Ismael tudo avassalla;
 Sua espaula é a lei das outras gentes,
 Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,
 Segue seus passos a benção divina,
 Povôa-se Faran, surge d'arcia
 De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominão: largo reino ingente
 Mesquinha habitação presta a seus netos,
 Convertida em nação a grei potente,
 Que opprime a cerviz mobil dos desertos

Mas entre os filhos seus de nomeada,
 Sup'rior dos heroes á grande altura,
 Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,
 A effigie torva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia emtanto, a Palestina
 Á sua lei, da Persia o reino antigo;
 Escutão Asia e Africa a doutrina
 Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
 Aquelle que illudido o mundo adora;
 Agar é mãe, — pela vergontea cara,
 Entre orgulhosa e triste, a Deos implora.

Peccou; porém da gloria que o circunda
 A roxa luz, que o meteoro imita,
 De vivo resplendor a frente inunda.
 Commove o peito a misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
 Inda enbiça a Europa o Ismaelita;
 E em frente á cruz, o pallido crescente
 Apparece nas torres da mesquita. •

Oh! quanto humano sangue derramado!
 Que de prantos e lagrimas vertidas!
 Entre irmãos o combate é porfiado,
 A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
 Embora no porvir todo escondido,
 A escrava tenta orar; porém no sonho
 Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira
 A esposa de Mahomet desrespeitada,
 E do seu genro a dynastia inteira
 Por duro azar de guerra contrastada.

Succedem-se os Omiades valentes!
Do seu ultimo rei, oh dôr! se coalha
O sangue na mesquita: entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
Chegando á bocca a taça corrompida,
Exp'rimenta os tristissimos revezes,
De quem sobre os tropheos exhala a vida!

Tudo é silencio e luto: — um só evita
O negro olvido, — ao templo da memoria
Vôa Al-Reschid, — unindo á gloria avita
O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu vizir á noite, pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A gloria d'outros reis, menor que as suas,
E espreita do seu povo occultas dores!

Se ouviu a narração d'uma desgraça,
Se o pobre vê curvado a prepotencia,
Se o convidão a entrar, quando elle passa,
No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
Passa o rei, como orvalho matutino,
E, por onde passou, rescendem flores!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
 Abriu d'Hespauha aos mouros;
 Que poz os verdes louros,
 Dos reis godos conquista,
 Ás plantas do infiel?

De tantos males causa
 Tu foste, ó rei Rodrigo,
 Tornando infesto, inimigo,
 O nobre conde, outr'ora
 Vassallo teo fiel.

Debalde o affecto encobres
 Do refalsado peito,
 Se vais furtivo ao leito
 Da virgem, que se mostra
 Rebelde ao teo amor:

Qu'es godo e rei t'esqueces!
 E o nobre resentido
 Da offensa que ha soffrido,
 No teu exemplo aprende
 A ser tãobem traidor.

Em quanto pois devassas,
 Com torpes pensamentos,
 Os regios aposentos
 Da nobre moça, — a c'rôa
 Te cae da fronte ao chão;
 E o pae, que a affronta punge,
 Turbado, ardendo em ira,
 Aos pés do mouro a atira.
 O rei, que planta crimes,
 Recolha vil traição.

Sus, ó rei, ás armas!
 Empunha a larga espada,
 E a fronte sombreada
 Co'o negro elmo — deixa
 Tingir-se em nobre pó:

D'encontro as alas densas
Do barbaro inimigo
Debalde, ó rei Rodrigo,
Te arrojas! — vence a força,
Foges vencido e só!

Vai só; mas occultando
No manto d'um soldado
O rosto demudado,
Emquanto passa o campo,
Escasso leito aos seos:
Ai! triste rei cahido!
Na solitaria ermida,
Que abriga a inutil vida,
No pó collada a fronte,
Lembra-te enfim de Deos.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, emquanto
As mães godas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao ceo clamando estão.
Emquanto pela Iberia
O arabe andaz e forte,
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão
Dos Pyrenêos as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado imperio
Do intrepido gaulez.
Debalde o grande Carlos
Oppõe-se-lhes, — que a historia
Nos traz inda á memoria
Dos tristes Roncesvalles
O misero revez.

Porêm do largo imperio
 De Cordova e Granada
 A c'rôa cahe pesada
 Na fronte amollecida
 Do moço Boabdil.

O fraco teme os echos
 Ouvir da accesa guerra,
 E perde a nobre terra
 Ganhada em mil batalhas
 Com pranto feminil.

Depois, inda ontros quadros
 Enxerga no futuro;
 Mas é um ponto escuro,
 São formas vagas, postas
 Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,
 Tropel de varia gente,
 Que parte do occidente,
 Em cujos peitos brilha
 De Christo a roxa cruz.

Agar enfim acorda!
 Sustendo o filho caro,
 Pelo deserto avaro
 S'entranha novamente,
 Mais solto o coração.

Parece que já sente
 No rosto ao bello infante,
 A gloria radiante,
 Que espera os descendentes
 Da forte geração.

E como Deos lhe ha dito,
 Seus filhos são guerreiros,
 Que a seus irmãos fronteiros
 Cruentos prelios movem:
 Temidos são; porêm

As filhas desses homens
Da vida sequestradas,
Escravas são coitadas,
Que da materna origem
Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deos Senhor sobre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo,
Deos Senhor é teu escudo:
— Já não es serva, es rainha
D'outro reino d'Israel.

HYMNO.

O MEU SPULCHRO.

Élève-toi, mon âme, au-dessus de toi-même,

Voici l'épreuve de ta foi!

Que l'impie, assistant à ton heure suprême,

Ne dise pas! Voyez, il tremble comme moi!

LAMARTINE, *Harmonies*.

Quando, os olhos cerrando á luz da vida,
O extremo adeus soltar ás esperanças,
Que na terra nos guião, nos confortão
E espaço do porvir a senda estreita;
Quando, isento de miseros cuidados,
Disser adeus ás illusões douradas,
Mas com ellas tambem ás dores cruas
Da existencia — aos espinhos ponteagudos,
Com que a verdade o coração nos roça:
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das cores, das magias,
Que a natureza prodiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então? — Quando o meu corpo
Á terra, mãe commum, pedindo abrigo
Dos sepulchros no valle em paz descance;

Hei de ser mais feliz porque m'ó cobre
 Pomposo mausoleu, em vez da pedra
 Sem nome, em vez do tumulo de cespedes,
 Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,
 Ao que alli passa, uma oração supplica?
 Oh! não! — ao encalmado é grata a sombra;
 Grato descanso aos membros fatigados
 Presta igualmente a relva das campinas
 E os torrões pelo sol enrigecidos.
 Como o trabalhador que a sesta aguarda,
 O meu termo fatal sem medo espero!
 Eu então pedirei silencio á morte,
 E fresca sombra á sepultura humilde,
 Que me receba, — e á cuja superficie
 Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
 Que a mão d'habil artista me não talhe
 Mentiroso epitaphio em preto marmor!
 O moimento faustoso, que se erige,
 Arranco da vaidade, sobre a campa
 De um corpo transitorio, acaso empece
 Aos que alli pascem, vermes esfaimados
 De roerem-lhe as visceras?! — Solemnes
 São da campa os mysterios; mas terrivel
 É da morte a rasoura, que nivela
 O rico ao pobre, e os berços differentes
 Torna um féretro, um leito de Procusto,
 Capaz de quanta dór os homens soffrem:
 Tão depressa o cadaver se corrompe
 Nas amplas dobras do velludo involto,
 Como embrulhado na mortalha exigua,
 Que a religiosa caridade amiga,
 O pudor dos sepulchros venerando,
 Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
 Ante a imagem da morte, que os assalta

Temem deixar a terra, onde tranquilla,
 Quasi livre de dôr, entre delicias,
 Como um rio caudal lhes corre a vida.
 Horrorisão-se tímidos, — supplicão
 Á cruel, que os não leve, que os não roube
 Á senda matisada, onde os seus passos
 Deslisão-se macios — ás caricias
 D'um seio, que lhes presta brando encosto.
 O fio da esperança os liga forte
 A um corpo que declina, como os lios
 De enrediga tenaz prendida á copa
 D'uma arvore comida: amedrontados,
 Como das fauces negras d'um abysmo,
 Do pavoroso tunulo recuão.

Mas eu, que vago solto, como a folha,
 Como o fumo subtil; que não limito
 Nos terminos da terra os meus desejos,
 Folgo de vêr os renques dos sepulchros
 No chão da morte largamente esparsos!
 Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio
 Contempla á beira-mar o degradado
 Devolverem-se as vagas, — e saudoso
 Da patria sua tão distante — as conta;
 Uma por uma as interroga, e pensa
 Qual d'aquellas será que o leve e atire,
 Naufrago embora e semimorto, ás praias,
 Por que chorão seus olhos. — No desterro
 Me contemplo tambem, — como elle, choro
 A patria, o íman dos meus sonhos gratos.
 Abra-se funda a cova ante os meus passos:
 Um só delles da morte me separe!..
 E esse passo andarei, como quem pisa,
 Depois de viajar remotos climas,
 O patrio solo, e as auras perfumadas
 Do bosque, amigo seu na leda infancia.
 Bebe de novo, e de as gozar se applaude.

Hora do passamento! es da existencia
 O momento mais sancto, o mais solemne:
 Assim o rubro sol, quando no occaso
 Em turbilhões de purpura se afunda,
 Nos morredouros, despontados raios
 Saudoso, extremo adeos á terra envia.
 Tal o esposo se aparta suspiroso
 E nas azas da brisa manda um beijo
 Á esposa, que de o ver partir se enluta,
 Rola que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,
 Dir-te-hei: bem vinda, — ó morte! quando os olhos
 Voltar atraz na percorrida estrada;
 E chorarei talvez, como quem deixa
 O carcere medonho, onde engastada
 Nas escarnas da dôr gemeu sua alma
 Largos annos de antigo soffrimento;
 O carcer qu'inda as lagrimas lhe verte
 Das humidas paredes, cujos echos
 Inda parecem, na soidão da noite,
 Repetir seus tristissimos accentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
 A quem já bate ás portas do infinito,
 Encostado aos umbraes da eternidade,
 A vez extrema contemplando o mundo!
 A folha já myrrada, a pedra solta,
 A flôr agreste, a fonte que murmura
 E as cantoras do céo, as ledas aves
 De variado esmalte, e as suspirosas
 Brisas da noite e as do romper da aurora,
 A estrella, o sol, o mar, o céo, a terra.
 A planta, os animaes, tudo então vive,
 Tudo comnosco sympathisa, — tudo,
 Como orchestra afinada por nossa alma,
 Acorde aos nossos sentimentos vibra,
 Revelando ao que morre os fins da vida.

Dalli melhor cumpr'hende-se a existencia,
 Mais vasta perspectiva se desdobra
 Ante os olhos, que a extrema vez lampejão:
 E as scenas que a illusão junca de flores,
 Que o desejo nos mostra, que nos pinta
 Cubiçoso, irisante, — que a esperança
 Fugaz de varios modos nos matisa;
 Gloria, ambição, prazer, fallaz ventura,
 Tudo se olvida e apaga — semelhante
 Á fugitiva estrella ou clarão breve
 D'um relampago estivo, que um momento
 Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'rôa,
 Um myrrado laurel, uma só folha,
 Que ás novas gerações diga o meu nome
 E sollicite as attenções futuras?
 Sou como o passarinho, quando passa
 A flôr de um lago e a sombra vacillante
 No liquido crystal debalde estampa.
 Ou semelhante ao viajor que bate
 Da vida a estrada pulvurenta, e nota
 Como os seus rastos mal impressos cobre
 O pó que de seus passos se levanta.
 Ah! que dos louros me não dóe a ausencia
 Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
 A sepultura humilde, — á cujas gotas
 Meus ossos de prazer estremecidos
 De as sentir se alegrassem ... — mas em troco
 Dessa pia oblação, que tantas vezes
 Mente ao finado, que as espera eterno,
 As lagrimas terei da noite fria,
 O fresco humor da chuva, que me eduquem
 A agreste flôr, que a natureza obriga
 A despontar na solitaria campá.
 Ninguém virá com titubantes passos
 E os olhos lacrimosos, procurando
 O meu jazigo; e em falta de epitaphio,

«Elle aqui jaz!» o coração lhe diga,
 E alli se curve então, fundos suspiros
 Dando aos echos do funebre recinto,
 Involto na oração que alegra os mortos.
 Certo, ninguém virá; porém tão pouco
 Ouvirei maldições, onde escondido,
 Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
 Se deixo sobre a terra alguma offensa,
 Se alguma vida exacerbei, se acaso
 Alguma simples flôr trilhei passando;
 Essas, depois d'eu morto, convertidos
 Os odios em piedade — «Em paz descança»
 Dirão ante o meu tumulto, e voltando
 A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
 Compassiva uma lagrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deos, tu me recebe
 Na tua sancta gloria. alarga as azas
 Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto
 Humilhado me sinto, como a grama,
 Que o pé do viajor sem custo abate.
 A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,
 Que ao sopro de paixões soltando as velas
 Da juventude ardente, foge ao tecto
 E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
 Consumido o thesouro da innocencia,
 Com rubor dos andrajos da pobreza,
 Que o vexa, — para ver do pae o rosto,
 Para escutar-lhe a voz, embora tenha
 Sobre a cabeça a maldição pendente.

SAUDADES.

A MINHA IRMÃ.

J. A. de M.

I.

Eras criança ainda, mas teu rosto
De ver-me ao lado teu se espanejava
Á luz fugaz de um infantil sorriso!
Eras criança ainda; mas teus olhos
De uma brandura angelica, indizível,
De sympathicas lagrimas turbavão-se
Ao ver-me o aspecto merencorio e triste;
E amigo refrigerio me sopravão,
Um balsamo divino sobre as chagas
Do coração, que a dôr me espedaçava!
A luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a innocencia adornão,
Os infantis requebros, as meiguices
De uma alma ingenua e pura — em ti brilhavão.
Eu, gasto pela dôr antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infancia,
Remoçava de ver teu rosto bello.
Pouco era vel-o! em ti me transformava;
Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia:
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua innocencia tuas graças minhas:
Não, não era ditoso em taes momentos
Mas de que era infeliz me deslembra!

Tinhas sobre mim poder immenso,
 Indizível condão, e o não sabias!
 Assim da tarde a brisa corre á terra,
 Embalsamando o ar e o céu de aromas:
 Enreda-se entre flores suspirosa,
 Geme entre as flores que o luar prateia,
 E não sabe, e não vê, quantos queixumes
 Apaga — quantas magoas alivia!
 Assim, durante a noite, o passarinho
 Em moita de jasmims derrama occulto
 Merencorias canções nos mansos ares;
 E não sabe, o feliz, de quantos olhos
 Tristes, mas doces lagrimas, arranca!

II.

Perderão-te os meus olhos um momento!
 E na volta o meu rosto transtornado,
 As vestes luctuosas, que eu trajava,
 O mudo, amargo pranto que eu vertia,
 Annuncio triste foi de uma desdita,
 Qual jámais sentirás: teus tenros annos
 Pouparão-te essa dôr, que não tem nome.
 De quando sobre as bordas de um sepulchro
 Anceia um filho, e nas feições queridas
 D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo
 O sello eterno vae gravando a morte!
 Escutei suas ultimas palavras,
 Repassado de dôr! — junto ao seu leito,
 De joelhos, em lagrimas banhado,
 Recebi os seus ultimos suspiros.
 E a luz funerea e triste que lançarão
 Seus olhos turvos ao partir da vida
 De pallido clarão cobrio meu rosto,
 No meu amargo pranto reflectindo
 O cansado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,
 Flôr que sorrias ao nascer da aurora
 No denso musgo dos teus verdes annos,
 A procella imminente presentiste,
 Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
 Da noite o puro aljofar derramaste.

III.

O encanto se quebrára! — duros fados
 Inda outra vez de ti me separavão.
 Assim dois ramos verdes juntos crescem
 N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,
 Lascado o mais robusto cahe sem graça
 De roxo sobre o chão, em quanto o outro
 Da primavera as galas pavoneia!
 Já não ha quem de novo unil-os possa,
 Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
 Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,
 Que eu já no berço conheci, -- áquelles
 De quem máo grado, a ausencia, o tempo, a morte
 E a incerteza cruel do meu destino,
 Não me posso lembrar sem ter saudades,
 Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
 Parti! sulquei as vagas do oceano;
 Nas horas melancolicas da tarde,
 Volvendo atraz o coração e o rosto,
 Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
 Misturei meus tristissimos gemidos
 Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolido e cavado o negro abysmo,
 Rugia indomito a meus pés: sorvia
 No fragor da procella os meus soluços.
 Vago triste e sosinho sobre os mares,
 — Dizia eu entre mim, — na companhia
 De crestados, de rispídos marujos,
 Mais duros que o seu concavo madeiro!
 Ave educada nas floridas selvas,
 Vim da praia beijar a fina areia.
 Subitaneo tufão arrebatou-me,
 Perdi a verde relva, o brando ninho,
 Nem jámais casarei doces gorgeios
 Ao saudoso rugir dos meus palmares;
 Porém a branca angelica mimosa,
 Com seu candor enamorando as aguas,
 Florece ás margens do meu patrio rio.

IV.

Largo espaço de terras estrangeiras
 E de climas inhospitos e duros
 Interpoz-se entre nós! — Ao ver nublado
 Um céu d'inverno e as arvores sem folhas,
 De neve as altas serras branqueadas,
 E entre esta natureza fria e morta
 A espaços derramadas pelos valles
 Triste oliveira, ou funebre cypreste,
 O coração se me apertou no peito.
 Arrasados de lagrimas os olhos,
 Seguí no pensamento as andorinhas,
 Nos invejados vôos! — procuravão,
 Como eu tambem nos sonhos que mentião,
 A terra que nm sol calido vigora,
 E em frouxa languidez estende os nervos.
 Patria da luz, das flores! — nunca en veja
 O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
 Nestes da Europa revoltosos mares;

Nem tibia lua, involta em nuvens densas,
 Luzindo mortuaria sobre os campos
 De frios seus queimados. — Ai! dizia,
 Ai d'aquelle que um fado aventureiro,
 Qual destroço de misero naufragio,
 A longinqua e remota plaga arroja!
 Ai d'aquelle que em terras estrangeiras
 Corta nas azas do desejo o espaço,
 Em quanto a realidade o vexe entorno
 E oppresso o coração de dôr estala!
 Onde a pedra, onde o seio em que descance?
 Que arbusto ha de prestar-lhe grata sombra
 E olentes flores derramar co'a brisa
 Na fronte encandecida? Peregrino,
 Em toda a parte forasteiro o chamão!
 Insensivel a dôr, na sua marcha,
 Não, não attende ao termo da jornada;
 Mas volta atraz o rosto, — e entre as sombras
 Confusas do horisonte — encherga apenas
 O debil fio da esperanza teso,
 E da ingrata distancia adelgaçado!

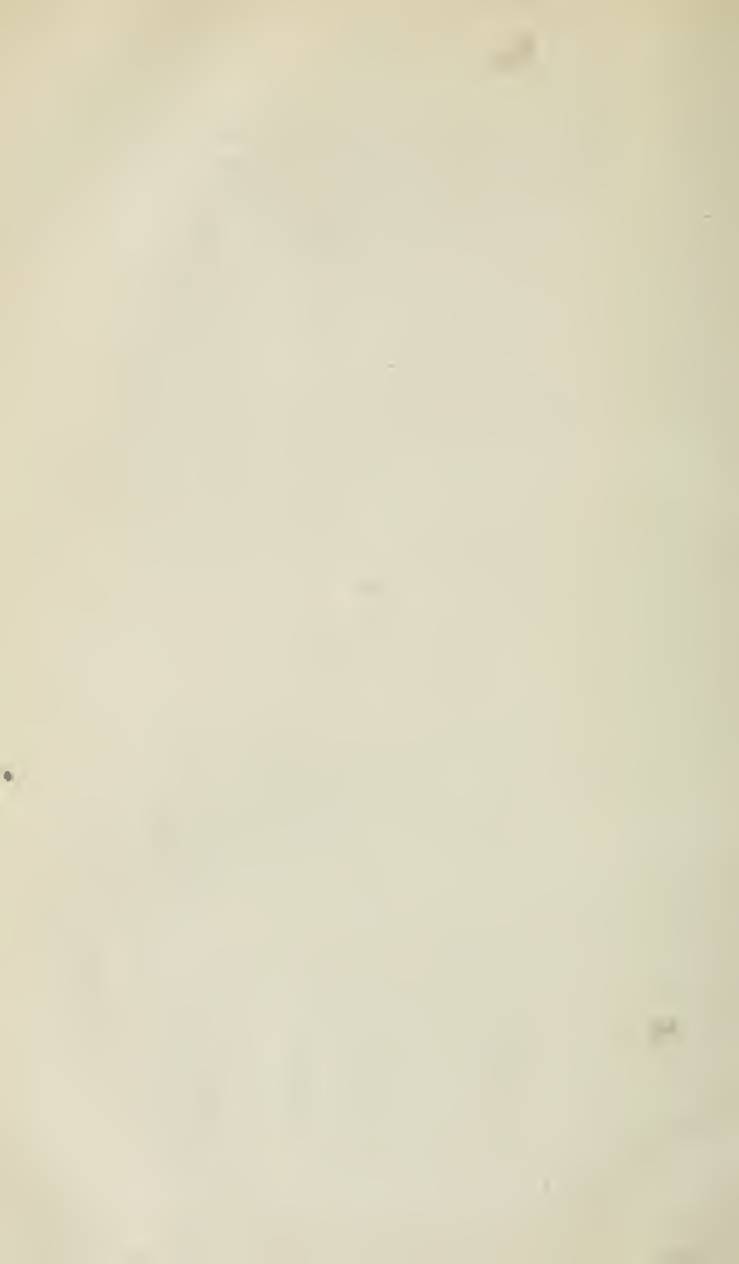
E todavia amei! pude um momento
 Vêr perto a doce imagem debruçada
 Nas aguas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
 Suspiro do imo peito, mais ameno,
 Mais saudoso que as auras encantadas,
 Que entre os seus salgueirae morão loquaces!
 Foi um momento só! — talvez agora
 Nas mesmas aguas se repete imagem
 Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,
 Nas folhas dos salgueiros murmurando,
 Meu nome junto ao seu repete aos echos,
 Que eu, triste e longe della, escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!
 Meu sangue, requeimado ao sol dos tropicos
 Em vivas labaredas conflagrou-se.
 Feliz n'aquelle incendio ardeo minha alma,
 Um anno, talvez mais! Qual foi primeiro
 A soltar, a romper tão doces laços
 Não podera dizel-o. em que o quizesse.
 Tão louco estava então, — dores tão cruas,
 Magoas tantas depois me acabrunharão,
 Que desse meu passado extincta a idéa,
 Deixou-me apenas um soffrer confuso,
 Como quem de um máo sonho se recorda!
 Assim, depois de arder um denso bosque
 Dos ventos a mercê revôa a cinza
 N'um paramo deserto! Nada resta;
 Nem se quer a vereda solitaria
 A cuja extremidade o amor velava!

V.

Rotos na infancia os laços de familia,
 Os fados me vedavão reatal-os,
 Ter a meu lado uma consorte amada.
 Rever-me na affeição dos filhos caros,
 Viver nelles, curar do seu futuro
 E neste empenho consumir meus dias;
 Mas ao menos, pensava, — ser-me-ha dado
 Animar e suster nos meus joelhos
 Da minha irmã querida a tenra prole,
 Inclinal-a a piedade, e ao relatar-lhe
 Os successos da minha vida errante,
 Innocular-lhe o dom fatal das lagrimas!
 Essa mesma esperança não me illude;
 Ave educada nas floridas selvas,
 Um tufão me expellio do patrio ninho.

As tardes dos meus dias borrascosos
Não terei de passar, sentado á porta
Do abrigo de meus paes, — nem longe d'elle,
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,
E pôr do sol dos meus cançados annos!



NOTAS.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

(Pag. 3.)

Os vocabulos que emprego nestas sextilhas se achão todos no Diccio-nario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. E' assim que uso de «porêm, porende» em vez de «por isso»; de «perol» em vez de «porém»; de «ora, embora» em vez de «agora, em boa hora» etc.

GULNARE E MUSTAPHÁ.

Diz a Princeza D. Joanna (pag. 2^a):

«Qu'eu tenha escravos, e mouros,
«Rainha de Portugal.»

A Chronica de Cister tão bem diz, fallando da Princeza D. Thereza filha de Sancho I.:

«Viuyendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome.»

«Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavam as filhas dos reys.» — II. de S. D. — L. I. C. II.

ULTIMOS CANTOS.

O GIGANTE DE PEDRA.

(Pag. 83.)

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de «frade de pedra», que agora se chama «o gigante de pedra.» — Áquelle objecto se fez esta poesia.

..... extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés.

(Pag. 86.)

Tamoyos são os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* são os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brazil — os mesmos a que nos «Primeiros Cantos» dei o nome de piagas. Eis o que n'aquella obra escrevi a este respeito (Tom I, pag. 217). — «Piagé — Piache — Piaye ou Piaga, que mais se conforma á nossa pronuncia, era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America.» E em outra nota accrescentei: «Erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciato, ainda mais rigido que a sua vida, erão elles um objecto de culto e de respeito para todos; — erão os dominadores dos chefes — a balisa formidavel, que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia d'aquelles homens, e a desejada revelação dos espiritos.» — Hans Staden escreve *Paygi*: *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua «Descripção das Indias occidentaes.» Lery e Damião de Goes escrevem *Pagé*, orthographia que agora adoptamos.

Sons do murmuré.

(Pag. 86.)

Murmuré escreve o padre Vasconcellos nas suas «Noticias Curiosas»: collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

Em Guanabara esplendida.

(Pag. 86.)

Guanabara — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferente-mente *Genabara* ou *Ganabara*. Lery diz na sua obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* « en ceste riciere de *Ganabara*. Southey (*History of Brasil*) accrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas: *Ad flumen Genabara in Brasilia etc.*

O guáu cadente e vário.

(Pag. 86.)

tiáu — dança. «São mui dados a saltar e dansar de differentes modos, a que chamão *guau* em geral.» — VASCONCELLOS. Noticias Curiosas I. 1. — n. 143.

E das ygaras concavas.

(Pag. 87.)

Ygaras — erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

Os cantos da janubia.

(Pag. 87.)

Janubia. — Lery escreve diversamente: *des cornets, qu'ils nomment inubia de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'embas larges d'enciron un demi pied comme un hautbois*. — *Obra cit.* pag. 202.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

A arasoya na cinta me apertarão.

(Pag. 89.)

Arasoya era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyate* a uns mantos inteiros: não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de coear preso ao pescoço, e passando além da cabeça, com quanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenamby*. Quanto a *arasoya*, eis o que se lê na obra já citada deste author (pag. 130): *Pour la fin de leurs esquippages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises,*

accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'espargille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye: le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez etc.

Y-JUCA-PYRAMA.

(Pag. 90.)

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos «o que ha de ser morto, e que é digno de ser morto.»

No meio das tabas.

(Pag. 90.)

Taba — aldeia de indios, composta de differentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

São todos Tymbiras.

(Pag. 90.)

Tymbiras — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

As armas quebrando.

(Pag. 90.)

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupã da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto.

(Pag. 91.)

A descripção das cerimoniaes, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ajuda que não adoptamos. Os authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden — cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. Noticias do Brazil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Lery cap XV.

Entesa-se a corda da embira . . .

(Pag. 91.)

Chamava-se inussurana a corda com que se atava o prisioneiro. — « *Et une longue corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assomés.* » (H. Staden, pag. 300.) *Musurana* escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita de algodão. É possível que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convem notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

Adorna-se a maça com pennas gentis.

(Pag. 91.)

A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tiuha mais a differença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — embagadura, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de cores differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — « Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a massa do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passão-lhe por cima uma materia viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a massa. Preparada a *iverapeme*, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite. » — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Literapeme*, que diz ser feita de pão-ferro e com mosaicos de differentes cores. Vasconcellos dá-lhe o nome de Tangapema, que é o termo do dictionario brasileiro.

Brilhante enduápe no corpo lhe cingem.

(Pag. 91.)

Enduápe — fraldão de pennas de que se servião os guerreiros: damos a denominação de *arasoya* a aquelles de que usavão as mulheres. « *Its font arcc de plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête: ils le nomment enduap.* » H. Staden, Pag. 270. Vasconcellos trata do *enduápe* sem lhe dar nome algum especial. « Pela cintura apertão uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapeo de sol. » Noticias Curiosas L. 1. n. 129.

Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

(Pag. 91.)

Kanitar — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment Kanittare* » (H. Staden). — Usão de umas corôas a que chamão *acanggetar* (Laet). Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer « enfeite ou ornato da cabeça ».

MARABÁ.

(Pag. 105.)

Encontramos na « *Chronica da Companhia* » um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

« Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão « marabá » que quer dizer de mistura (aborrecivel entre esta gentia). » VASCONCELLOS, Ch. da Comp., L. 3. n. 27.

Formosos como um beija-flor.

(Pag. 106.)

Os indigenas chamavão ao beija-flôr « *Coaracy-aba* » « raios », ou mais litteralmente « *cabellos do sol* ».

A MÃE D'AGUA.

(Pag. 111.)

A mãe d'agua é uma naiada moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brazil que é uma mulher formosa com longos cabellos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmoniosa que ninguém, que a escute, resiste á tentação de se atirar ás aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de formas perfeitas, o dellas se distinguem em fascinare tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

RETRACTAÇÃO.

(Pag. 177.)

Indisculpavel descuido seria, deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por título «Retractação». Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os «Segundos Cantos», recebi uma carta do Sr. Guido: era uma critica, mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretensão alguma e ao correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — joven enthusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2. volume, accrescentava elle:

«Dir-se-lia que a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras crystallisadas, agradaveis de se vêr, porque são prysmas, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas cores; porém que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até a mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um anathema fulminante.

«Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta amargas reflexões sobre a crueldade, de que osou para com ella.»

Accitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a Retractação, versos filhos d'aquelle momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum apreço delles faço na actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperauça: perdi ha muito o authographo dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida sympathia do seu canto, esses me ficarão no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lagrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes forão as suas consolações; mas ainda mal que os seus votos não tenham de ser realizados nunca!

Impresso em Leipzig por F. A. Brockhaus.

Author Gonçalves Dias, Antonio

G635c.2

Title Cantos... Vol.2.

UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY

Do not
remove
the card
from this
Pocket.

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File."
Made by LIBRARY BUREAU, Boston

